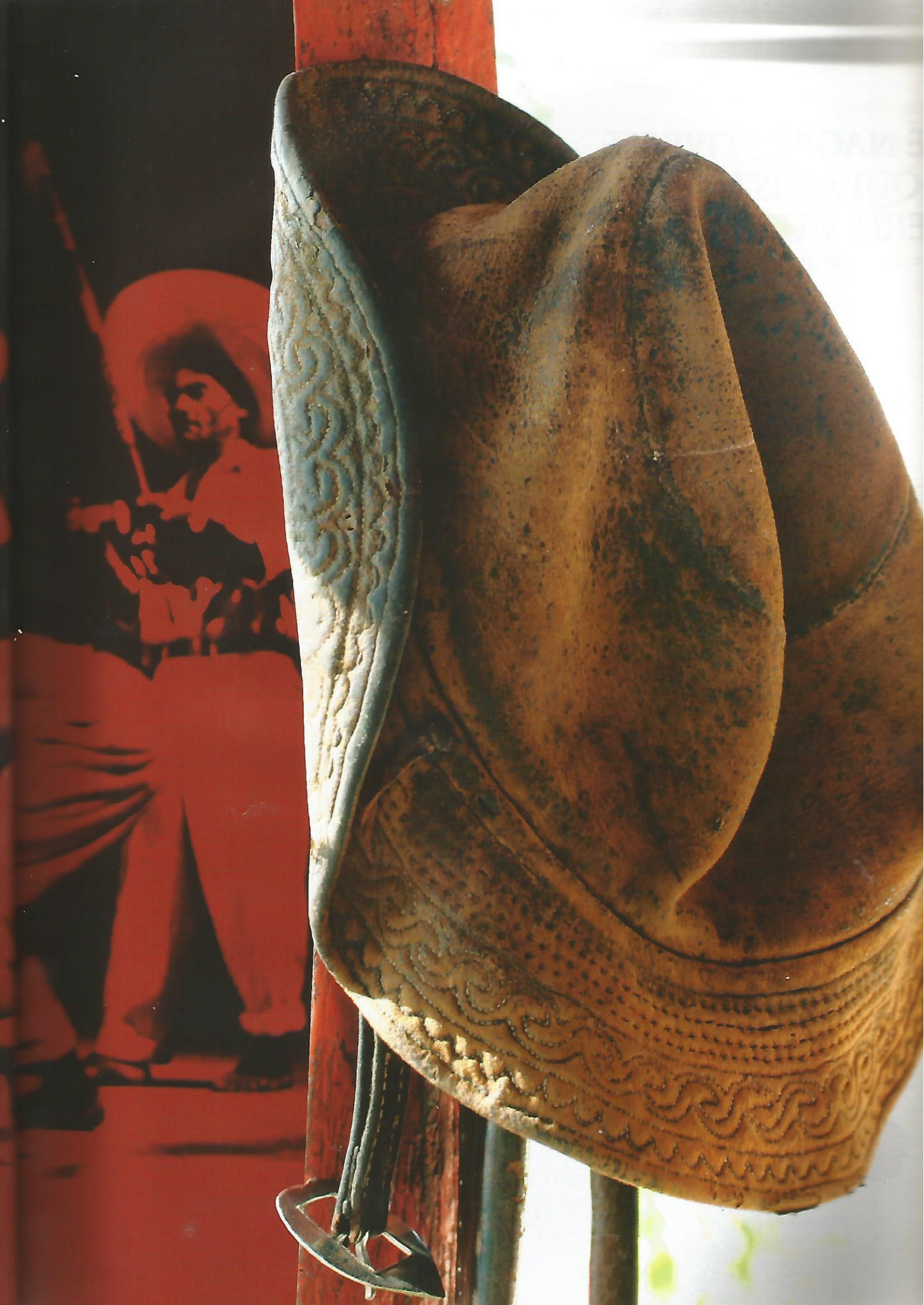
FREDERICO
JOSÉ de ABREU
NAGÉ
O HOMEM QUE
LUTOU CAPOEIRA
ATÉ MORRER

REZENDE

NAGÉ FOI UM ASSOMBRO DE VALENTIA

(Jorge Amado)

SE NAGÉ ESTIVESSE AQUI A HISTÓRIA SERIA OUTRA

(Mestre João Pequeno de Pastinha)

FREDERICO JOSÉ de ABREU

NAGÉ

O HOMEM QUE LUTOU CAPOEIRA ATÉ MORRER

Anel do mestre Traíra

"(...)**A HISTÓRIA** da capoeira não tem uma pureza. Geralmente são tradições inventadas. No meu ponto de vista, acho que a capoeira vem da tradição da desordem. Muito isso, o mundo da festa, da confusão, da festa de largo, aquela coisa."

"(...)Um cara chegava de um lugar, outro de outro. Você tinha essas **MISTURAS.** A capoeira tem um período muito grande de sua vida no porto. E o porto é uma bagunça. E cada um sabia uma luta. E a capoeira foi sendo criada dessa forma. Então, você não tem essa coisa pura. Na capoeira cada um 'vende o seu peixe'."

"(...)Num período em que, na Bahia, negro só era reconhecido como doutor, se fosse doutor, mestre Bimba, mãe Aninha e o babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim se tornaram **LÍDERES NEGROS.**"

"(...)**A MÚSICA** da capoeira precisa recuperar suas manhas, suas mandingas, seus saltos e sobresaltos, pulos e vertigens do jogo. Hoje, a base melódica tradicional das cantigas da capoeira, essa base rítmica tradicional foi um pouco pra p... Atualmente, na Bahia, ficou a memória dos blocos afros, do reggae; no Rio de Janeiro se canta como se fosse um baião, ela tem um balanço diferente. Isso coincide com as transformações que a capoeira foi tendo, ela ficou muito veloz, muito rápida... perdeu a cadência, se deixou de vadiar para jogar... As músicas acompanharam um pouco isso aí."

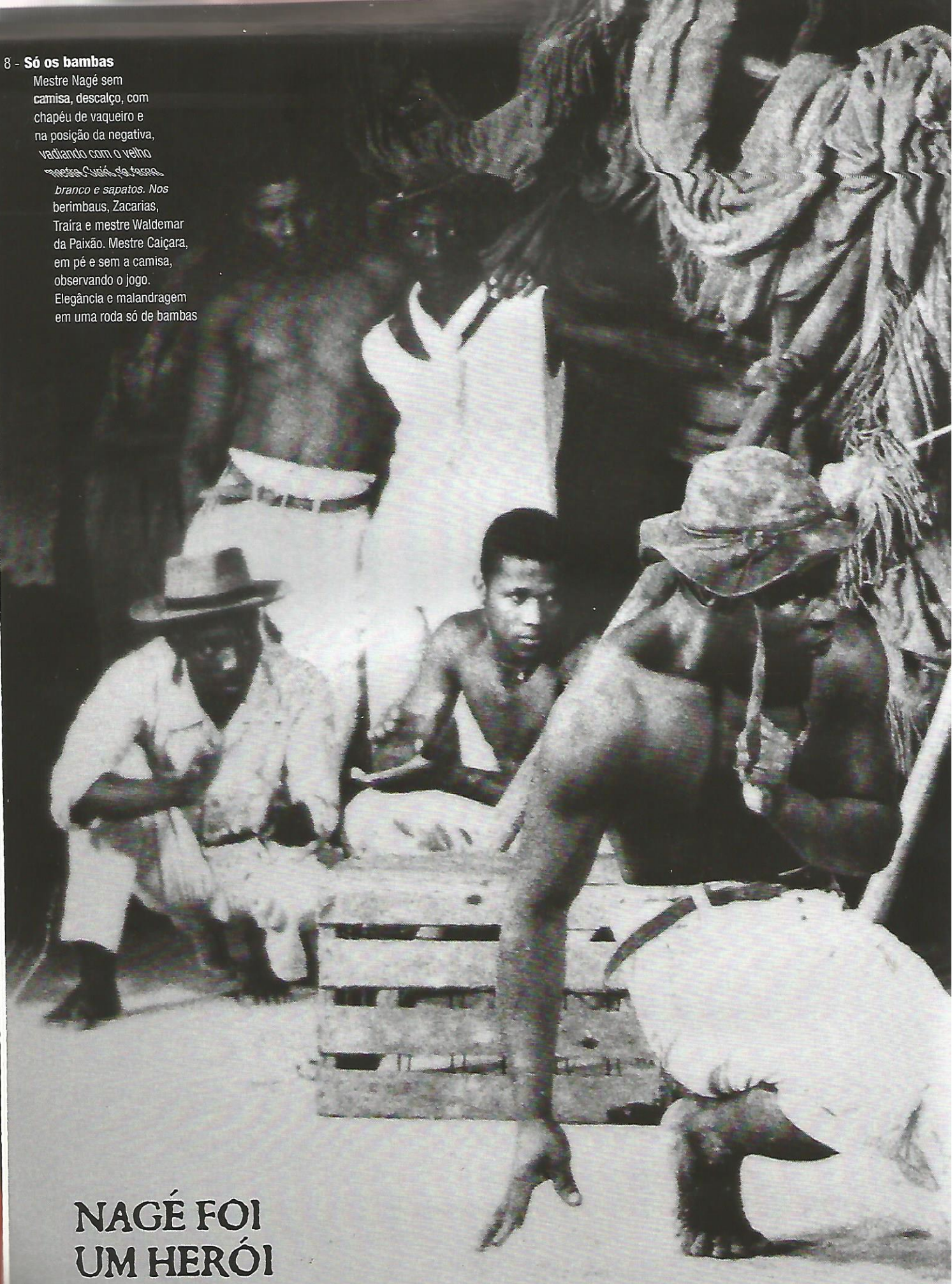
"(...)Assim como ontem, hoje ainda existem muitos capoeiras com **APELIDOS** espelhados nas espécies dos símios e primatas: Mico, Macaco, Macaquinho, Macaco Branco, Macaco Preto, Saguim, King Kong, Babuíno, Chipa (Chipanzé); e por aí vai sem cessar. Será que um dia isso vai se acabar?"

(Frede Abreu)

8 - Só os bambas

Mestre Nagé sem camisa, descalço, com chapéu de vaqueiro e na posição da negativa, vadiando com o velho mestre Curió, de terno branco e sapatos. Nos berimbaus, Zacarias, Traíra e mestre Waldemar da Paixão. Mestre Caiçara, em pé e sem a camisa, observando o jogo. Elegância e malandragem em uma roda só de bambas

NAGÉ FOI UM HERÓI POPULAR

(Wilson da Rocha)

**NAGÉ?
VIXE
NOSSA
SENHORA!**

(Mestre João Grande)

FREDERICO JOSÉ de ABREU

NAGÉ

O HOMEM QUE LUTOU CAPOEIRA ATÉ MORRER

SALVADOR - BAHIA
2017

COORDENAÇÃO
Barabô Design Gráfico e Editora

PESQUISAS E TEXTO
Frederico José de Abreu (Frede Abreu)

FOTOGRAFIAS
Dadá Jaques, Flávio Damm, Revista Cruzeiro, Revista Manchete,
Alexandre Robatto, Acervo Frede Abreu e Acervo Jair Moura

FOTO CAPA
Mestre Nagé. Foto de Alexandre Robatto

FOTO CONTRACAPA
Mestre Nagé de costas com a cabeça para baixo, vadiando com
o velho mestre Curió de terno branco e sapatos. Nos berimbaus,
Zacarias, Traíra e mestre Waldemar da Paixão.
Foto de Alexandre Robatto.

PROJETO GRÁFICO
Barabô Design Gráfico e Editora

EDIÇÃO, DIREÇÃO DE ARTE E INFOGRAFIAS
Dadá Jaques

LEGENDAS E REVISÃO DE TEXTOS
Alexandre Lyrio

ILUSTRAÇÃO
Rezende

ESCANEAMENTOS
Barabô Design e Editora

TRATAMENTO DE IMAGENS
Erivaldo Assis

SUPERVISÃO
Elza Abreu e Zeca Abreu

FICHA CATALOGRÁFICA - Juliana Reis

A162

Abreu, Frederico José de
Nagé: O homem que lutou capoeira até morrer / Frederico José de Abreu; edição: Dadá Jaques; revisão Alexandre Lyrio; ilustração Rezende – Salvador: Barabô, 2017. 132 p.: il. 23 x 27,5cm.

Foto de capa: Alexandre Robatto.
ISBN 978-85-62542-06-0

1. Capoeira – Bahia - História. I. Nagé: O homem que lutou capoeira até morrer.

CDD.790

"Este livro foi selecionado pelo Edital Setorial de Capoeira, 13/2016, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, através do Centro de Culturas Populares e Identitárias, e foi publicado com recursos do Fundo de Cultura da Bahia."

BAHIA das coisas feitas com arte e astúcia.

FEITIÇO isso é coisa feita. O feitiço para ter efeito tem que ser bem feito, tem que conter as coisas desejadas pelos santos, mas arrumadas de forma bonita.

ARTE para ser vista, arte e manha.

ASTÚCIA para acontecer tem que ser feita com jeito.

CAPOEIRA é um jeito, o jeito da capoeira. Do jeito da capoeira.

UM NEGRO DE NOME NAGÉ QUE JUNTARAM CINCO HOMENS PRA MATAR ELE.

(Waldemar da Liberdade. Na foto abaixo, Waldemar tocando o berimbau maior, o gunga. Ao seu lado, o mestre Nagé, tocando pandeiro, e no outro berimbau, o viola, o mestre Val Boa Morte)

NEGACEANDO*

*Negacear: gingar, provocar, ludibriar, seduzir

Som e fúria

NO PRINCÍPIO, o som: a sonoridade do nome Nagé.

Meus ouvidos laminaram quando escutei pela primeira vez este nome, referen a um lugarejo do Recôncavo Baiano. Memória sonora fundamental para mexer, imediato, com minha curiosidade, ao ouvir falar do capoeirista que tinha o mesm nome do lugarejo.

Depois do som, a fúria.

Manhã de domingo, lá pelos anos 1980, em visita à academia do mestre Joã Pequeno, eu vi rolar uma confusão, presenciada por alguém que fez o seguinte comen tário:

> Se Nagé estivesse aqui a história
> seria outra.

O comentário me deixou encabulado e curioso a respeito da vida dele.

Som e fúria

NO PRINCÍPIO, o som: a sonoridade do nome Nagé.

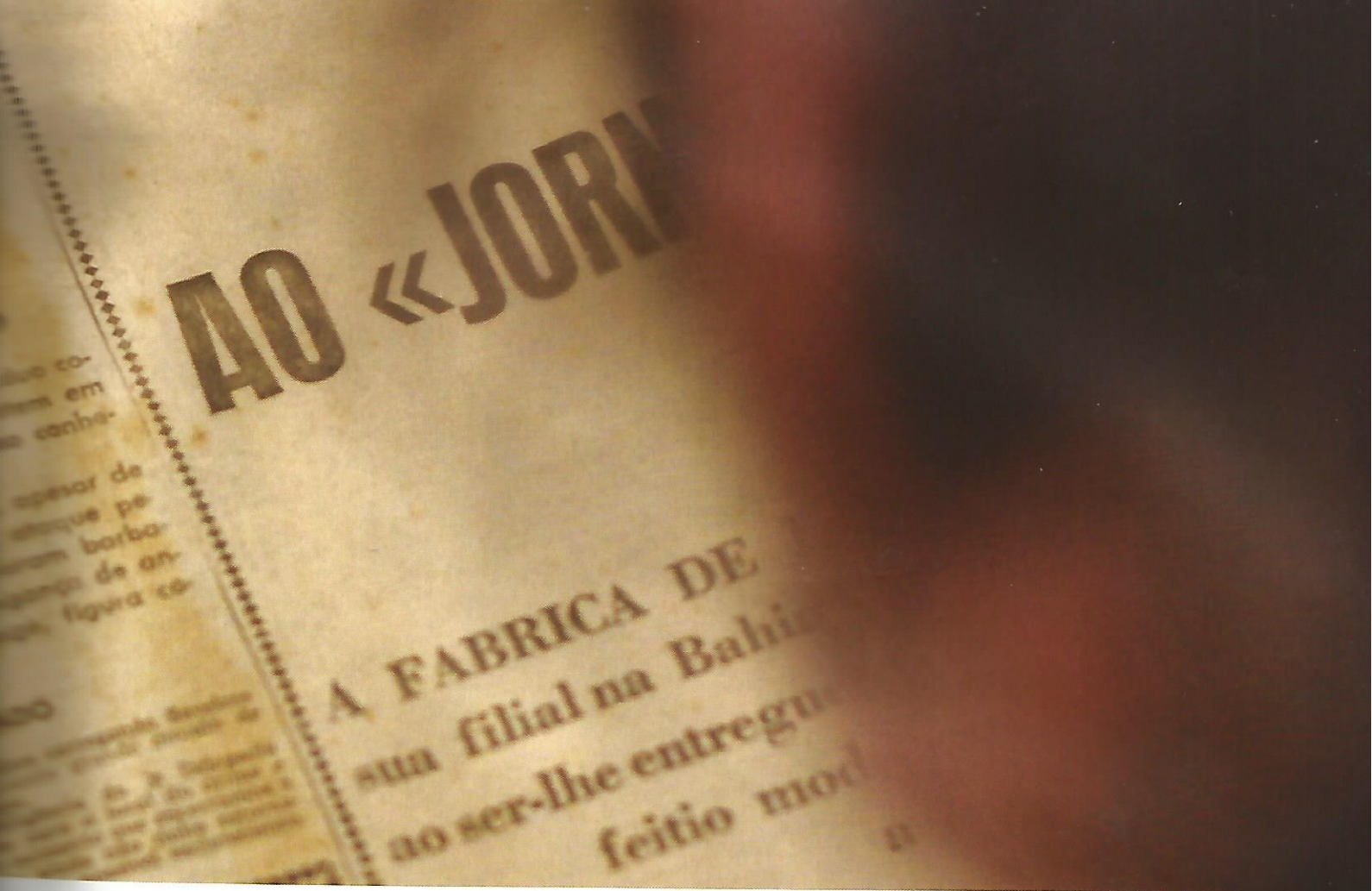
Meus ouvidos laminaram quando escutei pela primeira vez este nome, referente a um lugarejo do Recôncavo Baiano. Memória sonora fundamental para mexer, de imediato, com minha curiosidade, ao ouvir falar do capoeirista que tinha o mesmo nome do lugarejo.

Depois do som, a fúria.

Manhã de domingo, lá pelos anos 1980, em visita à academia do mestre João Pequeno, eu vi rolar uma confusão, presenciada por alguém que fez o seguinte comentário:

> Se Nagé estivesse aqui a história
> seria outra.

O comentário me deixou encabulado e curioso a respeito da vida dele.

11 - **Ponto de partida**
Detalhe da página do Jornal da Bahia, de 23 de setembro de 1958. O escritor Frede Abreu dá de cara com a manchete que destaca a morte do capoeirista Nagé. Repassado pelo mestre, escritor e cineasta Jair Moura, a matéria do jornal foi decisiva para Frede iniciar as pesquisas na construção do livro em homenagem ao maior valentão que a capoeira da Bahia produziu

Quem era aquele que, se vivo fosse e ali presente estivesse, interferiria na confusão? Será que poria ordem na casa pelo temor que provocava, ou resolveria o caso na base da agrestia? Sim, formulei a questão porque, na ocasião, já sabia da fúria dele como membro dinástico dos violentos da capoeira. A partir do comentário sobre a tal confusão, surgiu a ideia de escrever algo sobre Nagé.

Decisivo, no entanto, foi o recorte do Jornal da Bahia que Jair Moura me repassou com esta manchete:

> Nagé massacrado por seus inimigos.
> Era famoso capoeirista em todo Recôncavo.

Foi o ponto de partida. Quis fazer da manchete motim (em vez de pretexto) para falar desse capoeirista, da capoeira e de outros troços mais ou menos com eles relacionados. Veja só no que deu isso aí – Nagé, o homem que lutou capoeira até morrer. Este livro.

Najé lutou até morrer capoeira contra coronha...

criminoso na Terceira Dele... cia, após prestar declarações

PRESO BUIU, HOMEM QUE ESFAQUEOU O CAPOEIRISTA NAJÉ

Buiu, o quinto homem envolvido no massacre do capoeirista Nagé foi preso na tarde de ontem em Agua Comprida pelo Delegado e pelos próprios parentes da vítima. Buiu, cujo nome verdadeiro é Osvaldo da Silva Dorea, já foi processado por delito de lesões corporais e é conhecido desordeiro em Agua Comprida.

FACADA NO ROSTO

Em seu depoimento, Buiu trouxe o esclarecimento final sôbre a morte de Nagé, dizendo-se responsável por dois ferimentos a faca que foram mortais:

— "Apliquei-lhe uma facada no rosto, outra no abdomem" — confessou Buiu, passando em ...

capoeirista, atracou-se com êle e tomou-lhe a arma, desferindo-lhe violenta coronhada que o prostou por terra todo ensanguentado.

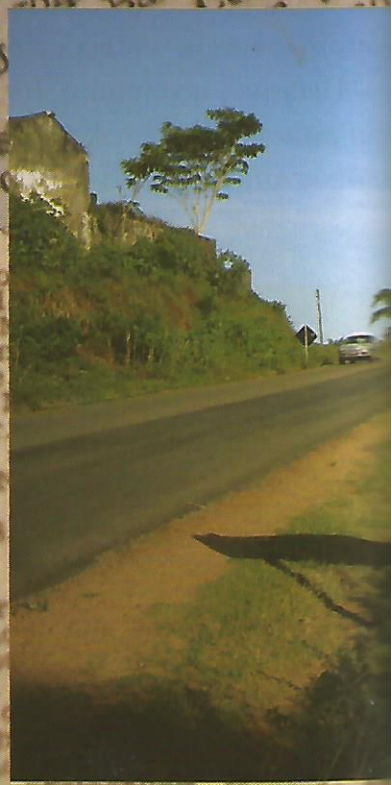
Agil, todavia, Nagé, recuperou-se e, dando golpes de capoeira enfrentou J... Barbosa, Sergipe, Buiu ... Contra os quatro res... tempo, até ...

Medicados no HPS

O motorista José Martins de Jesus, de 30 anos, foi imprensado, ontem, pelo caminhão 13141 ...

FORAM presos ontem ... no massacre ... feira em ...

Os outros três, Francisco Assis, José Simplício de Jesus, e João Marcelino foram capturados em Agua Comprida pelos próprios parentes da vítima.

INQUERITO

Acidentes

12, 13 e 14 - Diferentes grafias
Ao longo da pesquisa, surgiu a dúvida: como se escreveria o nome do personagem central do livro? Diferentes jornais da época traziam com "j" e com "g". Já a atual placa que indica a entrada do povoado - e que lhe deu apelido - se escreve com "g". Frede Abreu optou pelo "g": Nagé

Nagé ou Najé?

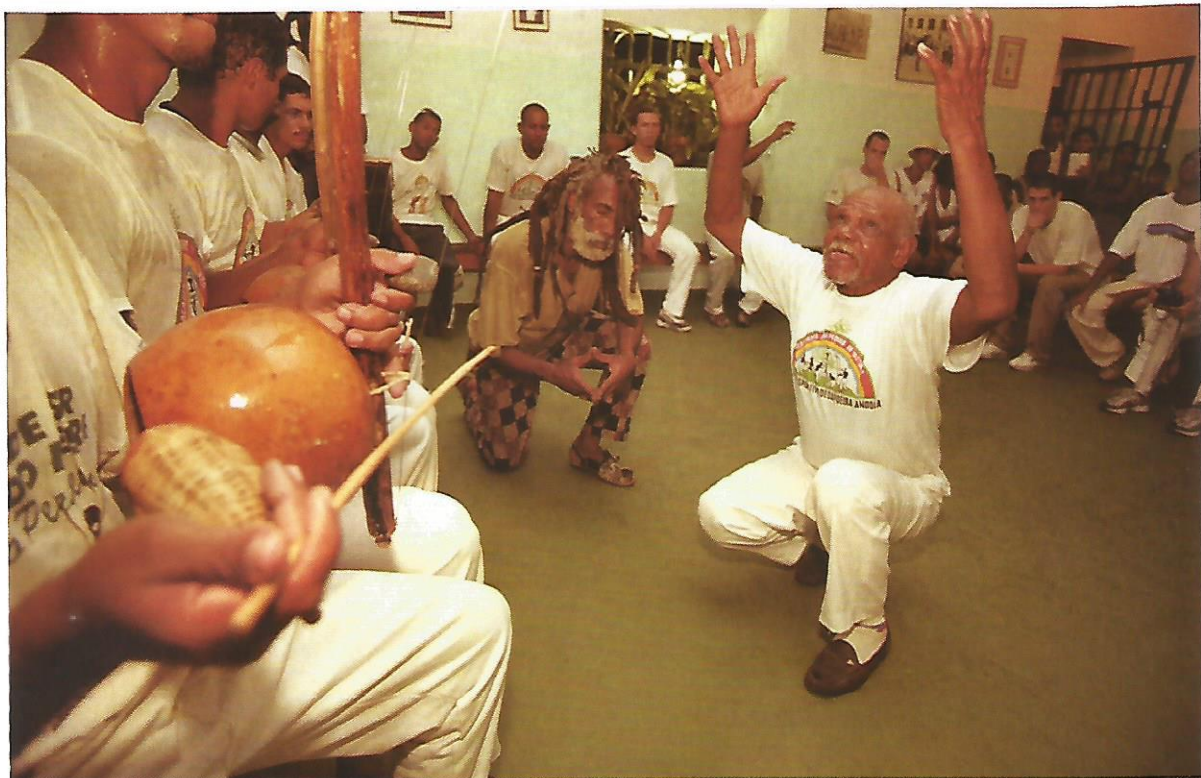
ALGUNS ESCREVEM com "g", outros com "j". Prefiro com "g". Pelo visual. Para a escrita de alguns nomes acho o "g" mais bonito do que o "j". Nagé é Najé. O som é o mesmo Pelo mesmo motivo, prefiro escrever Camungerê em vez de Camunjerê.

Que bicho é este? Waldeloir Rego, conhecedor da etimologia das palavras da capoeira, considerou esse termo "desconhecido na sua origem e na sua acepção". Não conheço algum significado sobre esta palavra, engrenada no cancioneiro da capoeira, como refrão de uma canção que sugere troca de gentilezas.

Como vai como *stá*
Camunjerê
Como vai de saúde
Camunjerê
Como vai como *stá*
Camunjerê

Eu vim aqui lhe *vê*
Camunjerê
Como vai de saúde
Camunjerê
Para mim é *prazê*.[1]

1 - É uma beleza ouvir esta música cantada de maneira vigorosa pelo mestre João Pequeno de Pastinha, um dos mais gentis capoeiristas que já se conheci.

15 - Camungerê, mestre João Pequeno!
Em roda comemorativa pelos seus 83 anos, mestre João Pequeno de Pastinha se agacha "aos pés dos berimbaus". Ao lado de mestre Lua Rasta, na sua antiga academia, no Forte da Capoeira, entoa "corrido", a cantiga para iniciar o jogo. O seu preferido era o Camungerê. Salvador, Bahia, ano de 2000

Por acaso e sorte, bibislhotando livros por aí, encontrei entre os mitos afro-brasileiros de tradição oral, a expressão "como gérê, como gérê", refrão de um canto para o Quibungo[2], repetido tal qual o camungerê, numa canção de capoeira:

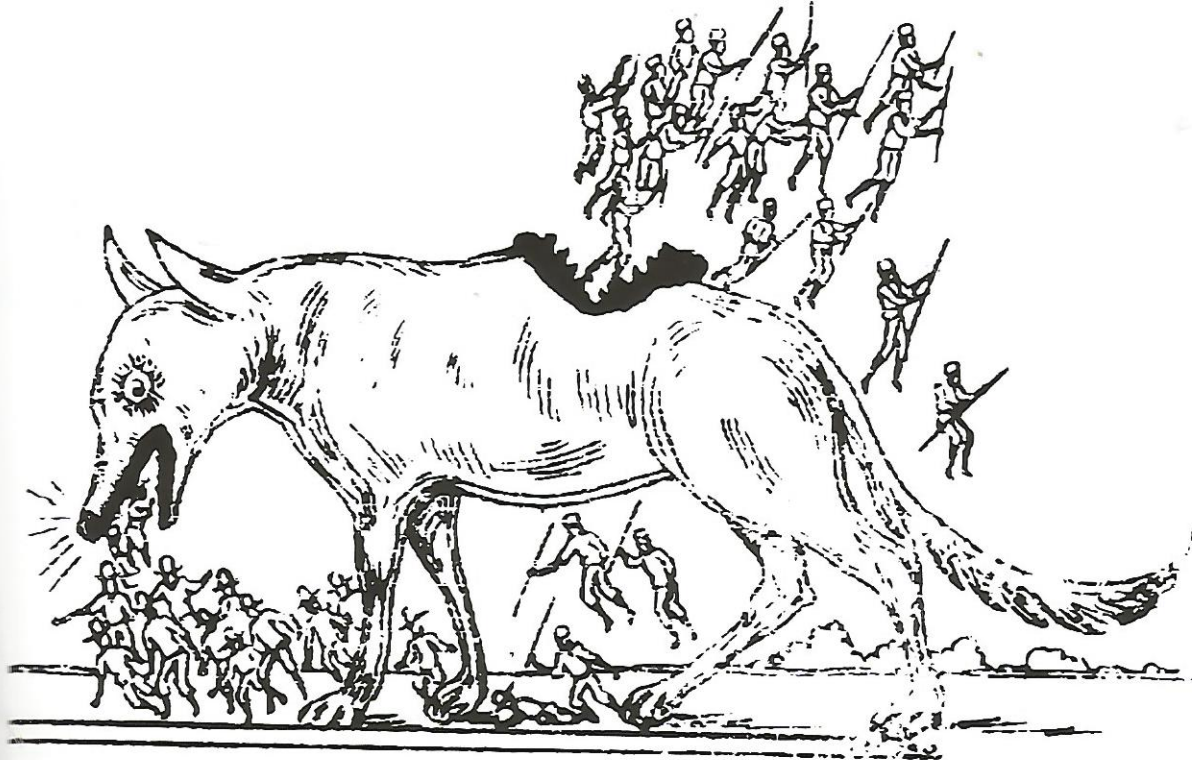
De quem é esta casa,
auê
como *gérê*, como *gérê*
como *érá*

A casa é de meu marido
auê
como *gérê*, como *gérê*
como *érá*.

Arrenego desta casa,
auê
Que tem um porta só,
auê
Como *gérê*, como *gérê*,
como *érá*.

Não sei responder por que "como gérê, como gérê" entrou no cancioneiro da capoeira com o som de camungerê? Não mais aprofundei verticalmente a linha da pesquisa sobre isso. Desviei a horizontal atrás do rastro do Quibungo, um bicho que conforme Nina Rodrigues se domiciliou no imaginário baiano, introduzido pelos povos bantos.

No caminho, deparei-me com a figura (mítica ou real) do Jovino dos Aflitos (possível referência a um bairro de Salvador), escarnado numa quadra popular por se fingir de lobo para aterrorizar os meninos.

2 - Quibungo é um bicho meio homem, meio animal, tendo uma cabeça muito grande e também um grande buraco no meio das costas, que se abre quando ele abaixa a cabeça e fecha quando levanta. Come os meninos, abaixando a cabeça, abrindo o buraco e jogando dentro as crianças. - Os Africanos no Brasil, Nina Rodrigues, São Paulo, Companhia Editora Nacional, coleção Brasiliana, volume 9, 1977. Pg.202

5 - **Quibungo**
Fabuloso do mito afro-brasileiro, trazido pelos bantos e popularizado na literatura oral, o Quibungo é um ser fantástico, meio homem e meio animal. Em uma de suas façanhas, em Angola, na África, o Quibungo é tratado como um bicho-lobo maior que um elefante, com duas bocas, uma para mastigar sem engolir e outra nas costas para engolir sem mastigar.

Bendito e louvado seja
A desgraça do Jovino
Que se fingia de lobo
Meu Jesus!
Para enganar os meninos.

Na língua de Luanda, na África, o lobo é chamado Xibungo[3], sinônimo de viado, em Salvador. Conta Nenel, filho do mestre Bimba, que este esculhambava ainda mais a imagem do Jovino como terrorista sexual, aviltando a canção:

Minha gente venha ver
a miséria do Jovino
com tanta mulher no mundo
E ele comendo o cu dos meninos

Nada mais a acrescentar, apenas dizer que o termo camungerê não ficou simbolicamente cifrado sobre si mesmo, esgotado de outras acepções. Outras vias "destinosas" lhes foram presenteadas pelos capoeiras. Virou nome de grupos, de quilombo, de uma batalha real. Pesquise, você leitor, pela internet que outras acepções se revelarão.

Se estas considerações são levianas, pode eliminá-las completamente; menos o desejo de lhe dizer que pra mim é um prazer ser lido por você.

Camungerê!

3 - Os Africanos no Brasil, Nina Rodrigues, São Paulo, Companhia Editora Nacional, coleção Brasiliana, volume 9, 1977. pg.204

17 - **Fabulosos esquecidos**
Nas tradicionais rodas de capoeira que aconteciam nas festas de largo e feiras livres da antiga Salvador, passaram grandes nomes da arte da mandingagem. Muitos valentões que **ajudaram a construir e moldar o legado da arte-luta dos negros no Brasil foram propositalmente esquecidos, apagados da memória da capoeira por questões político-sociais. Nagé foi um deles**

Flor do mal

> Pois é preciso amar sem que um esgar se faça, o embrutecido, o torto, o sempre atado ao mal, para estenderes a Jesus, quando ele passa, com tua caridade um tapete triunfal. (Baudelaire)

PARTE POR merecimento, parte por culpa do nosso olhar algoz, Nagé, aqui ou ali, vivo ou morto, de propósito ou sem querer, entrou no rol dos malditos esquecidos da capoeira. Imagina só! Logo desta arte que, pelo menos no passado, foi celeiro de arruaceiros. Do secreta de polícia Pedro Mineiro. Do temível Pedro Porreta. Do facínora Inocêncio Sete Mortes. Do ferrenho carcereiro Domingão da Pedra Preta (segundo dizem). E de outros mais. De capangas e valentões. Isso aí: de gente perigosa.

O fim de um facinora

Como acabou, assassinado, o celebre bandido Sete Mortes

Um tiro certo, na cabeça, e duas facadas nas costas

A noticia de ter sido assassinado, as primeiras horas de hoje, o celebre facinora Sete Mortes, varado por um tiro certeiro na cabeça, seguido de duas punhaladas nas costas, quando chegava ao porão do proprio estadual que o governo, como um escarneo á sociedade, confiára á sua guarda e dera-lhe para morada, naturalmente como um premio aos seus serviços de capanga official, deve impressionar, de certo, a nossa população.

O bandido supprimido do meio onde era um espantalho e ao mesmo tempo uma amostra da miseria a que a Bahia desceu, tinha bem o que a sua alcunha indicava e [illegible] a impunidade e a vida regalada que levava. Já criminoso afamado e [illegible], varias vezes inutilmente processado, porque sempre o protegiam os mandões que se utilizavam dos seus serviços, [illegible] maior celebridade data, porém, do governo do sr. Antonio Moniz, cuja abjecção chegou ao ponto de chamar para junto de si os mas notorios profissionaes do crime, fazendo-os collaboradores intimos e [illegible] agentes das chacinas que ordenavam contra o povo, dos assaltos aos jornaes que o combatiam, dos fusilamentos em praça publica, de vultos em evidencia na politica opposicionista, como aconteceu [illegible] de março de 1919.

[illegible] Sete-Mortes deixou a cadeia [illegible] respondeu a jury por

18, 19 e 20 - **Capoeiristas valentões, arruaceiros e perigosos**
Inocêncio Sete Mortes, Pedro Mineiro e Pedro Porreta, três valentões da primeira metade do século XIX, e que **tiveram suas histórias de contribuição à capoeira da Bahia injustamentes esquecidas**. No Jornal A Tarde de 10 de maio de 1922, a notícia do falecimento de Sete Mortes

No entanto, verdade seja dita: a Nagé não se negou a qualidade de exímio capoeirista, entre os "bailarinos" do famoso mestre Waldemar da Liberdade. Mesmo assim, nunca (quase nunca) seu nome foi incluído como personagem importante no Atlas da Capoeira.

Conhecidas referências feitas a Nagé desatam a sua valentia:

> Eu vou contar pra vocês
> A história de Nagé
> Um negro muito valente
> Que em nada tinha fé.
> *(Antonio Alves da Silva).*

> Um preto de nome Nagé que juntaram cinco homens pra matar ele.
> *(Waldemar da Liberdade)*

> Eu estava tocando berimbau e ele e Barbosa abaixados, esperando a hora de jogar. Na saída do berimbau, ele [Nagé], com uma cabeçada, mandou Barbosa pelos ares. Era muito violento!
> *(Gigante).*

> Nagé? Vixe Nossa Senhora!
> *(João Grande)*

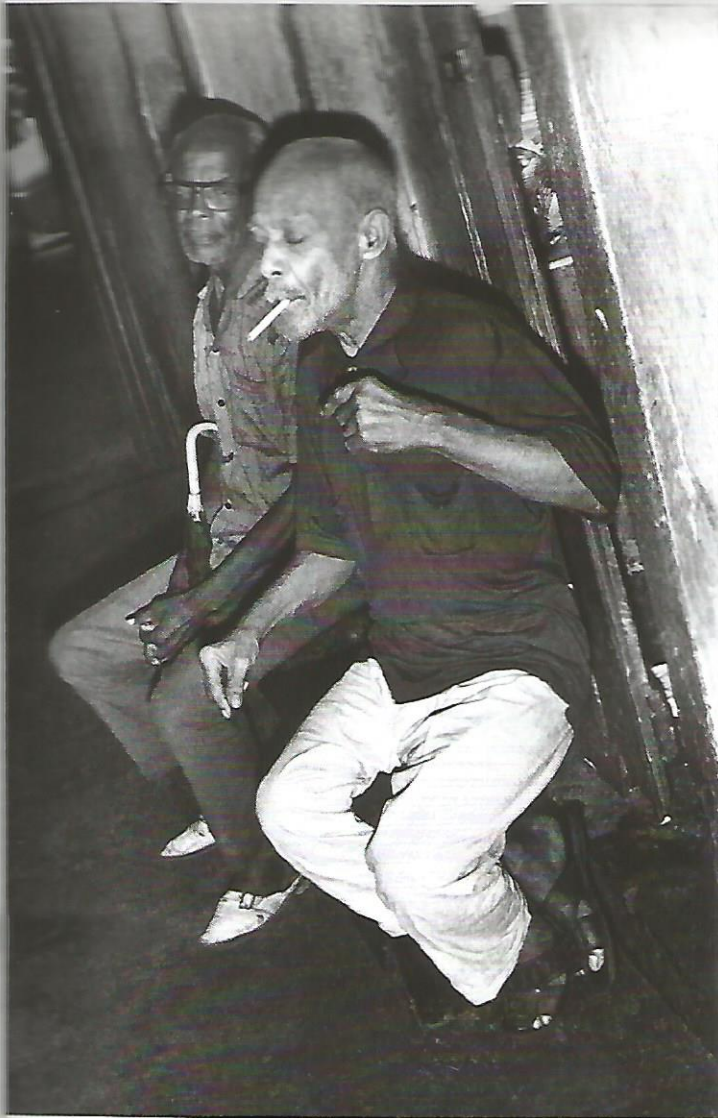
> Nagé foi um dos negros mais valentes da Bahia.
> *(Wilson da Rocha)*

> Nagé foi um assombro de valentia: morreu enfrentando cinco peixeiros armados, diante do forte de Santa Maria.
> *(Jorge Amado)*[4]

21 - **Jorge Amado**
O escritor transitou no meio dos capoeiristas, frequentou o Barracão do mestre Waldemar da Liberdade e chegou a conhecer e admirar a valentia de Nagé

---

4 - Créditos dos depoimentos: O de Antonio Alves da Silva está no cordel por ele manuscrito, que Josivaldo Pires de Oliveira (Bel) me ofertou. O de Waldemar, no livro de Frede Abreu, "O Barracão do Mestre Waldemar", Salvador, Zarabatana (atual Editora Barabô), 2003. Pg.38. Os depoimentos de Gigante e João Grande foram colhidos por mim, através de conversas com os mesmos. O de Jorge Amado no livro "Bahia, Boa Terra, Bahia", escrito por ele e outros. Rio de Janeiro, Imagem, s/d. Pág.6

22 e 23 - **Pastinha e Bimba**
Ordeiros e moralizadores, os mestres ícones da capoeira angola e regional, são referências máximas na contemporaneidade. Porém, **antes deles, a vadiação teve outros nomes e líderes que resistiram, fortaleceram e enriqueceram o que se faz hoje em todo o mundo**

Nagé! Nagé! Nagé! Na memória da capoeira, seu nome caminha para ficar mais próximo da corvéia anônima (expressão de Walter Benjamin) dos seus contemporâneos do que da legenda dos grandes mestres. No entanto, segundo Jorge Amado:

> Todos eles contribuíram para transportar a capoeira até os nossos dias. Todos eles a enriqueceram.[5]

O quase anonimato (isto vale para hoje) e, sobretudo, a má reputação de valente que o acompanhou em vida, tornaram-no, creio eu, inconveniente para referendar tendências e correntes, que impulsionaram, dominaram e amarraram a capoeira do seu tempo. E impulsionam, dominam e amarram a capoeira da atualidade.

Dos projetos ordeiros e moralizadores dos mestres Bimba e Pastinha, previdentes e convenientes guias da capoeira na contemporaneidade, Nagé ficou de fora. Quem sabe, não fosse ele considerado, em vida, um visitante inconveniente ou intruso nas

5 - Jorge Amado, obra citada. Pg. 65

academias daqueles venerados mestres se, por acaso, nelas pisou. As recomendações e alertas que o velho mestre Noronha nos legou manuscritas no sentido de orientar o comportamento social dos capoeiras, algumas Nagé correspondeu; outras, ele desprezou e por isso ouviu os coitados(...):

> O capoeirista deve ser muito educado, para ser apresentado nos altos meios sociais. Se foi valente deixe esta vida que já se passou de lado (valentia). Devemos adquirir lastro de amizade. É o que devemos fazer.
> (Mestre Noronha).[6]

No barracão do mestre Waldemar, localizado no bairro da Liberdade, o discípulo, Nagé, vivenciou, como agente, um rico processo civilizador, sem precisar excluir os parceiros, considerados maus e ruins. Naquele espaço, jogos altamente refinados, encantadores e admiráveis tinham vez; e moldou-se um padrão musical singular, ainda hoje reverenciado pelos grandes mestres do canto da capoeira. Com a comunidade da Liberdade, residente nas proximidades, se estabeleceu laços comunitários, e o barracão se tornou um centro de referência cultural e de diversão para os moradores do bairro.

No comando do processo, o mestre Waldemar. Com sagacidade abriu linhas de negociação com a polícia repressora, amaciou os ímpetos dos valentões, escancarou sua arte para

6 - Da forma original que escreveu Noronha: "O capoerita deve cer muito educado par ser apresentado nos alto meios social ce foi valente deixe esta vida que já ci passou de lado valentia. Devemos adicirir lastro de amizade é o que devemos fazer". O ABC da Capoeira Angola: os manuscritos do mestre Noronha, Daniel Coutinho, Brasília, Centro de Documentação e Informação Sobre a Capoeira (CIDOCA/DF. 1993. Pg. 38.

24 - **Mestre Noronha**
Em seus manuscritos, Daniel Coutinho, o mestre Noronha, deixou um recado aos valentões para que a capoeira pudesse ser incluída e aceita pela sociedade

25 - **Barracão do Mestre Waldemar**
Os mestres Traíra e Nagé disputam o "jogo de pegar o dinheiro com a boca", colocado em um lenço no chão. A "brincadeira" era tradição na roda de capoeira no bairro da Liberdade, em Salvador. Temidos e respeitados por seus históricos criminais e pela capoeira que jogavam, Traíra e Nagé também eram homens de confiança de Waldemar e ajudavam a manter a ordem no local

gozo dos artistas, intelectuais baianos e de outras plagas, considerados pessoas de alto nível social, com os quais adquiriu lastro de amizade. Por diversas ocasiões, "os meninos de Waldemar" se apresentaram em eventos públicos, participaram de filmagens, foram muitas vezes fotografados, alvos de reportagens, assuntos literários. Depararam-se com evidentes oportunidades para demonstração e supressão das antigas marras de violência.

Nestas ocasiões, apesar de se destacar a valentia de Nagé, se reverenciou mais suas qualidades como artista.

> NAGÉ ERA UM GRANDE!
> E de fato. Era formidável. Todos o aplaudiam com o mesmo entusiasmo durante os festivais populares, nas festas de Iemanjá, do Bomfim, da Conceição da Praia. Nos "terreiros", quando jogava, era um artista e um mestre da capoeira. Dava prazer assistir o seu "jogo alto" e apreciar de perto o seu senso genial, o seu puro instinto da dança. Os ritmos de seu corpo, e harmonia dos seus gestos plásticos. E as belas, as grandes linhas curvas que ele lançava no espaço.[7]

---

7. [illegible] artigo Morte de Um Capoeira, escrito por Wilson Rocha na Revista Leitura, Salvador, em 1958.

Mas, porém, todavia, entretanto, no entanto, senão, não obstante, contudo (recorramos a todas as preposições alternativas), Nagé, um dos negros mais valentes da Bahia, formidável na arte de jogar capoeira, vacilou feio diante do barulho – uma desinteligência – contra cinco homens, que tragou sua vida, por não querer escutar os conselhos básicos que auxiliavam os capoeiras a enfrentar ou se resguardar nas ocasiões de conflito:

> Quem aguenta tempestade é rochedo.
> *(Bimba)*

Ao levar às ultimas consequências o grau da sua valentia, desprezou as advertências, por demais conhecidas, dos bambas de antigamente que aconselhavam o uso da inteligência como fator essencial para decidir os conflitos em que se metiam, ou evitavam.

> Os capoeiristas do Estado da Bahia têm muita eficiência de inteligência porque sabem entrar num barulho se for conveniente a ele. Se não for ele desiste. Aquele que é inteligente não briga, fica para outro encontro, porque vai se vingar. A lei do capoeirista é traiçoeira. Por isso tem o nome de bamba na roda da malandragem.
> *(Mestre Noronha)*[8]

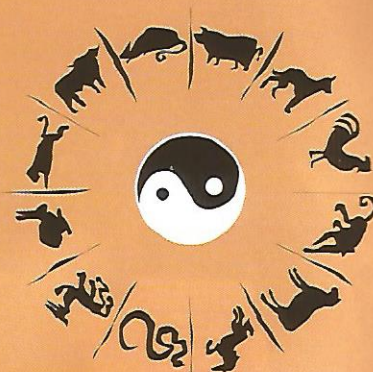
Coitado de Nagé!

> Quem diz, não mente:
> Na mão de um fraco
> Sempre morre um valente.
> *(Nelson Cavaquinho).*

26 - **Nelson Cavaquinho**
"Na mão de um fraco sempre morre um valente", compôs o sambista carioca em História de Um Valente. Que o diga o pintinho

Inconveniente ontem, inconveniente hoje. Ninguém ouviu falar dele ter baixado em alguma academia/terreiro/templo, por força da corrente energética, subjetiva e subjetivista de querer transformar, a qualquer custo e troca pelo vil metal, a capoeira em religião. Um valor tão de agrado aos estrangeiros exploradores de raízes culturais e religiosas. Uma onda (nada mais do que isso) que quer transformar capoeiristas em

---

8 - Conforme a forma escrita por Noronha: "Os-capoerista do Estado da Bahia tem muita eficiencia de intiligenca Porque sabe entral num barulho si for conviniente a elle si não for elle desxiste Aqueile que é inteligente não briga fica para outro encontro porque vai si vingar a leia do capoerista é trasueira poricio tem o nome de bamba na roda da malandrage". Obra citada. Pág.28

fiéis. Desses que sugerem transe, ao pé do berimbau. Ainda não se viu nenhuma foto de Nagé, nos arranjos de *pejis* (altares) que emolduram algumas academias de capoeira.

Já vai a mais de mil a tendência de conceber a capoeira como manifestação exclusiva do reino do sagrado. Logo ela que acomodou-se, com tanta graça, virilidade e manha aos espaços, oportunidades e situações do profano e dele incrustou tantos elementos para a eminência e grandiosidade da vadiação. Logo ela que, no plano religioso, violou o não me toque das coisas sagradas, valorizando meios profanos de rezas, feitiços, preceitos e patuás. Fazendo com que os elementos de um e outro reino se interpenetrassem, mesmo quando opostos. Não é a toa que exista tanta mandinga no âmbito da capoeira. (Qual o reino da mandinga?) Outra: Na boca dos mestres/pastores evangélicos (em número cada vez maior), se Nagé citado for é para ser demonizado. Mas aí, alto lá! Por aí não dá. Não brinquem com isso! Nagé bota o diabo com o rabo entre as pernas. Com ele nem o diabo pode.[9]

27 - **"Malandragem" virou religião** No caminho entre os espaços profanos e sagrados, há uma tendência, um modismo em tentar transformar capoeiristas em fiéis. Tentam fazer acentamentos com berimbaus em pejis de camdomblés, como se Exu e Iemanjá tocassem berimbau

Difícil é imaginar sua turbulenta e pregressa experiência de vida recomendada como exemplo aos jovens educandos de hoje. Nos projetos sociais destinados a crianças, situadas na chamada área de risco social, seu nome nunca é lembrado, mesmo que o êxito desses projetos em muito se deva ao emprego de atividades artísticas, que originalmente tenham sido praticadas e curtidas por gente como Nagé. Nenhuma foto dele emoldura as paredes e murais das chiques academias de ginástica que incluem a capoeira no repertório das ofertas da indústria do corpo para seus clientes. Sejamos realistas: sua imagem para isso em nada ajuda.

'Nagé bota o diabo com o rabo entre as pernas'

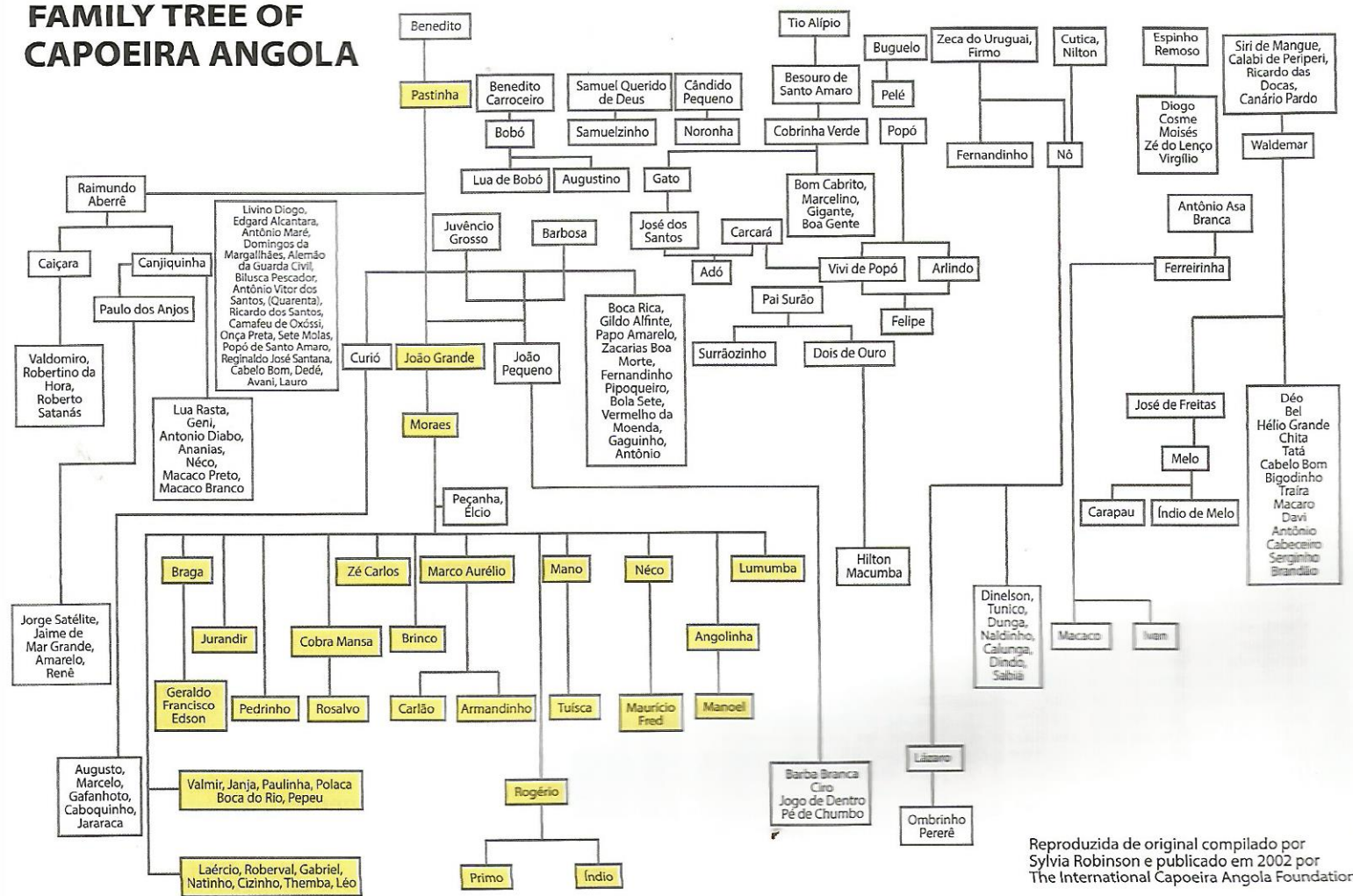
(Frede Abreu)

9 - Caso o capoeirista/cordelistaVictor Lobisomem queira fazer um cordel sobre Nagé, acrescento os versos desta cantiga de capoeira, que pode servir como fundo para uma batalha: *Toquei fogo no inferno/toquei fogo no inferno, veja só o que aconteceu/quanto mais pegava fogo/mais capeta aparecia/Cruz credo Ave Maria/quanto mais eu rezava/mais capeta aparecia.* (Agradeço ao mestre Nenel pela lembrança da letra da cantiga).

28, 29 e 30 - **Decoração para turista ver**
No Forte da Capoeira, em Salvador, fotos de Nagé e de outros grande mestres da epoca, clicadas por Alexandre Robatto durante as filmagens de Vadiação emolduram um dos ambientes do prédio histórico. Valorização do cineasta ou dos capoeiristas?

Escolas públicas e particulares, projetos sociais bancados por instituições governamentais, as academias chiques têm sido disputadas pelos profissionais da capoeira. São tidas como vias preferenciais de afirmação socioeconômica, mercado de trabalho para professores e mestres. E há algum tempo, se constituíram num filão econômico em cima do qual bateu o olho gordo, grosso e goro das entidades de classe dos professores de educação física para fins corporativos de reserva de mercado.

Minto. Justiça se faça. No Forte da Capoeira, em Salvador, fotos de Nagé, clicadas pelo cineasta Alexandre Robatto durante as filmagens do filme Vadiação, emolduram um dos ambientes do prédio. Aposto que ali foram expostas mais com a intenção de valorizar a beleza das fotos do cineasta do que acentuar a importância de Nagé.

Ainda não vi o nome dele figurado em árvores genealógicas de capoeiristas, feitas por alguns para descobrir o seu galho, ao reconstituir graficamente as linhas e os eixos da rede de transmissão da capoeira a qual pertencem. Algumas dessas árvores, na ver-

Reproduzida de original compilado por Sylvia Robinson e publicado em 2002 por The International Capoeira Angola Foundation

dade, são verdadeiros quebra galhos. Garranchos feitos sem arte só para mascarar o artifício de algum capoeirista, querer a *fórceps*, se legitimar (promover) à custa de uma "linhagem", à qual ele só pertence por "falsidade ideológica", conseguida embaraçando as linhas e entortando os eixos da rede de transmissão da capoeira. Que razão se dá para Nagé ficar de fora dessas árvores? E olha que ele foi aluno reconhecido por Waldemar, este, um nome tão desejado e enobrecedor para uma linhagem de capoeira.

Nagé também nunca serviu de paradigma para a militância étnica-política. Seu ódio e indignação foram destinados a outras paradas. Outras porradas. Suas arruaças foram sempre mal vistas, possíveis de serem interpretadas como coisas de rebeldes sem causa, de gente de má índole, dos politicamente alienados, dos brutalizados. Escaparia desses estigmas, caso fosse correto, moral e eticamente (mesmo à revelia do jurídico), reconhecer como de rebeldia política todos os atos de contravenção dos descendentes dos escravos e dos oprimidos em geral, que, em razão dessas condições, teriam o direito

31 - **Nagé não aparece na árvore genealógica dos angoleiros**
Infográficos imperfeitos com interesses duvidosos querem legitimar na marra linhagens que buscam a autopromoção dentro do mercado e confundem as linhagens originais. **Mestre Nagé foi um dos alunos mais reconhecidos por Waldemar e não aparece nesses garranchos.**
Arte reproduzida da academia da Fica/ Salvador-Bahia

FOI UM ROLO FEIO NA BAIXINHA...

A navalha e a faca trabalharam

O movimento ia pouco a pouco diminuindo na "Baixinha", quando se ouve um grande vozerio, que partia da ladeira do Taboão, seguido de correrias.

Eram 9 horas já dadas, talvez.

A patrulha da 2ª delegacia auxiliar, que se achava no largo do Pelourinho, desce immediatamente, tomando a direcção de onde partiam os gritos e, lá chegando, dá com isto: tres individuos, de navalha e faca em punho, degladiavam-se.

Os transeuntes gritavam e corriam, apavorados, e os moradores daquelle trecho fechavam as portas, amedrontados.

A policia faz-o cerco e intima-os a se renderem. O desordeiro Pedro dos Santos, ou "Pedro Porreta", como é conhecido, o unico até então incolume da briga, tenta resistir á prisão, lutando com os soldados, que, afinal, o conseguem subjugar e conduzir, em companhia dos dois outros—João Baptista da Cruz, vulgo "Guruxinha", e Pedro de Alcantara, conhecido por "Piroca". Ambos estavam bastante retalhados de faca americana e navalha, deitando muito sangue das feridas.

Por isso, foi chamada a Assistencia, que transportou os feridos para o Posto Central, onde foram medicados pelo dr. A. Jatobá.

A CAUSA DA LUTA

Narram as pessoas que assistiram ao começo da luta que João Baptista ou "Guruxinha", trabalhador das Dócas, vinha, com um companheiro de trabalho, João de tal, vulgo "Rajado", quando, ao chegar ao alto do elevador do Taboão, encontraram "Pedro Porreta" e "Piroca", que estavam a beber numa taverna.

O primeiro destes, que é peixeiro do mercado da Baixa dos Sapateiros e antigo desaffecto de "Guruxinha", chama "Rajado" á fala e indaga:

—Que é que vocês vêm fazer nesta zona?

—Viemos buscar uma roupa na casa de um alfaiate, na Baixinha — responde o "Rajado".

—Pois estão os dois presos, porque aqui quem manda sou eu — grita o "Porreta".

A esta voz, "Rajado" sae em disparada pela ladeira abaixo, emquanto "Guruxinha" se revolta contra a exquisita prisão, dizendo:

—Não o conheço com autoridade de me prender.

Foram trocados insultos, até que "Piroca" avança para "Guruxinha" e se atraca com elle.

"Porreta", neste interim, saca de uma navalha e começa a retalhar o seu inimigo, que tambem já havia sacado do "moço" — uma faca americana e procurava com ella defender-se e ferir a "Piroca".

E assim elles se golpeavam mutuamente, quando chegou a policia e effectuou as prisões, como acima já dissemos.

OS FERIDOS

João Baptista da Cruz, o "Guruxinha", é brasileiro, solteiro, tem 25 annos de idade, reside na Soledade e apresenta os seguintes ferimentos: um na região frontal, com 14 centimetros de extensão; outro, com 22 centimetros, tambem na mesma posição que o primeiro, estendendo-se da região occipital (á direita da linha média) até a região frontal, interessando o tecido sub-cutaneo até o osso; o terceiro, nas regiões lombar esquerda e lombo-espinhal, medindo onze centimetros; o quarto mede sete centimetros de extensão, e os dois ultimos medem dois centimetros cada.

— Pedro de Alcantara, ou "Piroca", tambem é brasileiro, solteiro, de côr parda, tem 32 annos de idade, reside á ladeira do Pelourinho n. 89 e apresenta os ferimentos seguintes: inciso na região externa do braço esquerdo, com 5 centimetros; outro no quarto espaço inter-digital esquerdo; outro na extremidade do indicador direito; o quarto na face palmar do dedo anular do mesmo lado; ainda outro na região axillar esquerda e o ultimo na região geniana e labial esquerda.

"Pedro Porreta", que saiu illeso, está recolhido ao xadrez da 2ª delegacia auxiliar, onde o dr. Lustosa de Aragão instaurou inquerito.

4 telegrammas estrangeiros

PARIS, 13 (A. A.) — O ministro das Relações recebeu do Conselho de Ministros grego uma communicação official de que o rei Constantino regrassará á Grecia.

LUCERNE, 13 (A. A.) — O rei Constantino marcou o dia 14 para seguir para a Grecia, sendo transportado a bordo de um couraçado, sendo este escoltado por outras unidades.

BRIDGETOWN, 13 (A. A.) — Passou o embaixador Colby a bordo do couraçado *Florida*, tomando rumo do Rio de Janeiro.

MADRID, 13 (A. A.) — Formidavel temporal caiu na zona da Chiclanha, destruindo varios edificios e obras de arte.

32 - **Navalhada**
Reportagem noticiando agressão do capoeira Pedro Porreta, que matou a navalhadas e facadas o doqueiro Guruxinha: briga de dois oprimidos

de recorrer ao uso da força e da violência. O ataque por defesa. Passando por cima de muitas coisas e deixando outras tantas de lado, este postulado teria até amparo filosófico:

> A verdade é a verdade do oprimido. (Sartre)

O que se afirma radicalmente em oposição à máxima do filósofo Alain Badiou:

> Uma verdade é o mesmo para todos.

Neste embate, o empate. Um entrave, quando se tem de fazer juízo de um embate entre os próprios oprimidos, entre os próprios perseguidos. Serve de exemplo este recorte de jornal, ao lado;

Sumariamente:

> José Batista da Cruz, apelidado 'Guruxinha', foi atingido por navalhadas aplicadas pelo peixeiro e capoeira 'Pedro Porreta', coadjuvado pelo irmão Pedro de Alcântara, 'Piroca'. A vítima faleceu posteriormente.

Ambos – réu e vítima – poderiam ser escalados na categoria dos oprimidos. Politicamente com quem estaria a razão? Com qual dos oprimidos? Fatos como estes eliminam a sustentação do postulado. Se é politicamente correto ou incorreto usar estas categorias para analisar Nagé pouco importa. De uma coisa tenho certeza e boto a mão no

fogo: Nagé era um negro que não se assuntava. E para este tipo de negro se repetia muitas vezes:

> *Negro que não se assunta é negro duas vezes.*

Isso desde quando a violência do oprimido fosse diretamente direcionada para o opressor, conforme os termos de defesa do abolicionista negro Luiz Gama:

> O escravo que mata o seu senhor pratica um ato legítimo de defesa.

Este postulado passava ao largo de Nagé, que nem alcançou o tempo da escravidão, quando os negros também possuíam seus escravos. Sem espírito de irmandade: escravos possuíam escravos, realidade que deslustrava o postulado de Luiz Gama, que se esbarrava frente a esta contradição de ordem moral e econômica (só para simplificar). Poderíamos até distendê-lo para os tempos modernos e contemporâneos, amparado filosoficamente no existencialismo de Sartre. Vã filosofia para Nagé que certamente teve entre seus adversários oprimidos como ele. Poderia até ser alinhado como um dos condenados da terra, cujos atos de violência deveriam ter seu julgamento atenuado pelas miseráveis condições de vida a que foram submetidos os descendentes de escravos.

Felizmente seu nome não é incluído no "Sermão da Montanha". A verborréia alongada de alguns mestres atuais, repleta de regras morais, que devem ser cumpridas exclusivamente pelos alunos e dispensáveis aos pregadores. Para esses, os fundamentos da capoeira são mandamentos.

Se os Joões (Pequeno e o Grande) foram repreendidos por uma turma de "Zeomés", de intelectuais acadêmicos da capoeira, imagina Nagé pelo zero de conteúdo que nela desperta. É a turma que valoriza mais as sobras dos acadêmicos do que a importância dos velhos mestres, fonte do saber sobre a arte da capoeira. É a mesma turma que exibe seus títulos deselegantemente, alegados como indispensáveis para a constituição de outra hierarquia, com base na escolarização, mesmo que proporcione exclusões. Mal instruída, para responder a elementar indagação – Menino quem foi seu mestre? – por conveniência trocam os seus e legitimam o estelionato dos diplomas e certificados de mestres de capoeira.

Mais uma: a imagem de Nagé associada ao trabalhador carregador de fardos e valentão não condiz com o tipo desejado pelo capoeirista profissional da atualidade, que ostentando uma pasta debaixo do braço e compenetrado do seu ofício declaram que estão desenvolvendo um trabalho.

32a - **Luiz Gonzaga Pinto da Gama**
Nascido em Salvador, Bahia, de mãe negra livre e pai branco, foi, porém, feito escravo aos 10 e permaneceu analfabeto até os 17 anos de idade. Conquistou judicialmente a própria liberdade e passou a atuar na advocacia em prol dos cativos, sendo aos 29 anos autor consagrado e considerado "o maior abolicionista do Brasil"

'(...)uma turma de "Zeomés" de intelectuais acadêmicos da capoeira'

(Frede Abreu, sobre o 'zero' de interesse que personagens como Nagé despertou na academia)

Expulso do presente, do passado também sequestrado. Ele e seus comparsas – capadócios, arruaceiros, valentões – que fixaram a baderna na tradição da "arte & malandragem" da capoeiragem baiana. Tradição que Nagé estendeu e honrou até 1958, quando morreu lutando capoeira. O sequestro se concretizou (concretiza) quando não se quis (quer) reconhecer a importância que tiveram os desordeiros na composição da sabedoria (filosofia?), nos modos de jogar (estética?), nas incursões religiosas e na história social da capoeira baiana. O sequestro talvez possa ser até justificado em prol de uma boa causa: ocultar as badernas do passado foi um recurso (tática?) de mestres antigos em combate pela afirmação social da capoeira (Quantas vezes já se disse isso!).

33 - **Albano Alves de Souza** Jornalista brasileiro que morou em Angola, na África, escreveu em seu livro sobre a influência dos bandidos de Benguela, que utilizavam como armas os passos do n'golo, onde estaria uma das origens da capoeira

Até mesmo nas hipóteses sobre as origens há evidências do sequestro. Ninguém menciona, por exemplo, na teoria do n'golo, de Albano Neves e Souza, esta passagem:

> Os piores bandidos de Benguela em geral são muxilengues, que na cidade usam os passos do n'golo como arma. Depois: Outras das razões que me levam a atribuir a origem da capoeira ao n'golo é que no Brasil é costume dos malandros tocarem um instrumento aí chamado de berimbau e que nós chamamos hungu ou m'bolumbumba, conforme os lugares e que é tipicamente pastoril, instrumento esse que segue os povos pastoris até a Swazilândia, na costa oriental da África.[10]

Só um descompreendido como eu se propõe juntar esta informação com a afirmação de Manuel Querino de ter sido o angola tipo completo e acabado do capadócio, o introdutor da capoeiragem na Bahia.[11] Só mesmo um descompreendido para enxergar uma via bandida dentro da história da capoeira.

34 - **Manuel Querino** O intelectual baiano destacou em seu livro Bahia de Outrora, de 1955, a influência dos valentões dentro da capoeiragem baiana

Como já foi dito, para abrir caminho no sentido da afirmação social da capoeira, mestres antigos (Bimba, Pastinha, Noronha, entre outros) tiveram a necessidade de desfazer as travas dos estigmas sociais e policiais, que referendavam a capoeira como prática exclusiva de marginais. E de que só para estes indivíduos ela prestava. Outras vezes a tradição da baderna foi abrupta e deslealmente negada, por idealização, para se impor um "passado iludido", ao qual se amarra a capoeira com conceitos e atitudes confrontantes com a moral dos baderneiros, interpretando o comportamento deles como um desvio de norma, um desastre, um acidente na tal linha evolutiva (essencialista) da capoeira.

10 - Informações retiradas do livro de Jair Moura Capoeiragem Arte & Malandragem, Salvador, Departamento de Assuntos Culturais 1000, Pg.

11 - Manuel Querino foi um dos pioneiros dos estudos sobre os africanos na Bahia. Há quem diga ter sido ele capoeira. Estas informações encontram-se no seu livro Bahia de Outrora, 3ª edição, Salvador, Editora Progresso, 1955. Pg. 73.

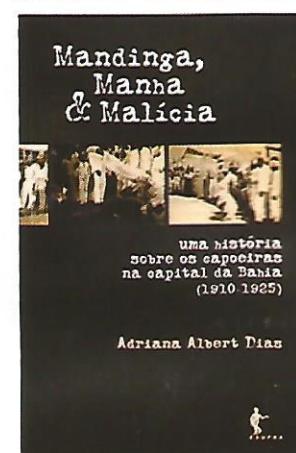
Verdade seja dita: não se pode apagar da memória da capoeira a presença dessa brava gente desordeira, historicamente reabilitada para o futuro pelos novos estudos que se iniciaram sobre essa manifestação da cultura afro-brasileira. Os estudiosos, por questões de princípios e métodos, focaram a atenção muito mais no homem, o praticante (o capoeira), do que na categoria, a manifestação (a capoeira).

Consequência imediata: capoeiras como Nagé deixaram de ser visados isoladamente como desordeiros, e outros aspectos das suas vidas se sobressaíram – arte, trabalho, ligações políticas, resistência cultural, religião, vida familiar, disputas por espaços urbanos, o movediço terreno em que pisavam (fronteira da ordem com a desordem), aspirações e "visões de liberdade" – que ajudam a compreender o papel histórico que desempenharam e realçam a humanidade dos mesmos.

Para este novo tipo de abordagem contribuíram os historiadores Carlos Eugênio, Antonio Liberac e Luis Sérgio Dias (que disso se aproximou), nos anos noventa do século passado, estudando a antiguidade da capoeira do Rio de Janeiro. Liberac fez incursões no cenário baiano, também abordado pelos historiadores Josivaldo Pires de Oliveira, Adriana Albert Dias e Luiz Augusto P. Leal, o qual também abordou a antiguidade da capoeira do Pará. Todos eles tratam a questão dos desordeiros com o respeito e a polêmica por ela requerida, sem precisar folclorizar a figura do malandro, sublimar os atos dos arruaceiros e reduzir a história remota da capoeira aos domínios da marginalidade.[12]

Alguns receios se evidenciam quando alguém aborda e analisa o comportamento contraventor e criminoso dos capoeiristas desordeiros, justificando-o, exclusivamente, como característico das "vitimas da fome". Crentes de que eles assim agiam manifestados pelos efeitos da pobreza e de outras causas sociais "desumanas". Do ramo inocente dessa sociologia derivou a proposição de interpretar a condição de marginal ostentada pelos capoeiras (adquirida ou propositiva), como um estigma formulado e alimentado pela polícia e por todos os segmentos da sociedade (capoeiristas inclusive) que discriminavam a capoeira.

É verdade que há razões suficientes para se justificar estas proposições e avaliações, o que não impede, contudo, de também compreender a tradição da desordem na capoeira como uma expressão voluntária de rebeldia e indignação do capoeira turbulento. Ele também é sujeito da história. E, no caso da desordem, podia ser réu ou vítima. Muitos deles ostentaram com glória a fama de valente, de valentão. Não é necessário limpar a barra histórica deles, nem tampouco suas folhas corridas nas delegacias de polícia com a finalidade de torná-los aptos à grandeza da capoeira. Afinal de contas já se foi o tempo em que se achava que cultura de marginal é artesanato de presidiário exposto à venda em quermesses de natal.

12 - Todos estes historiadores são bastante conhecidos. Informações sobre eles podem ser obtidas na internet.

35, 36 e 37 - **Resgates históricos** Livros sobre a capoeira fazem importantes citações aos desordeiros, respeitando-os sem folclorizá-los. Eles e suas expressões voluntárias de rebeldia também são sujeitos da história

Morreu, acabou. Não é bem isso, mas é evidente que a imagem de Nagé não se prolongou para depois da sua vida. Não alcançou a extemporalidade, nem força mítica capaz de transformá-lo numa figura providencial da história da capoeira. Longe de mim, um subculto e banal observador das coisas do mundo, pensar em querer neste livro reverter o quadro.

Com relação à memória de Nagé, imagino uma exposição de fotografias representando o mundo da capoeira. As fotos distribuídas em duas secções, interligadas, com as mesmas dimensões espaciais, compostas de forma que configurassem um mesmo ambiente. Numa secção ficavam as fotos dos capoeiristas mais importantes, dos principais acontecimentos, dos grandes lances históricos, todos devidamente legendados, permanentemente iluminados. Na outra secção as fotos dos capoeiras anônimos. Por instantes um raio de luz recai sobre cada um desses, iluminando a face e outros traços do corpo, da roupa, etc. Um raio de luz fugaz (rápido) faz estalar o brilho daqueles anônimos como gente. À capoeira muitos deles foram (são) importantes. Longe de mim também a pretensão de querer homenageá-lo através deste livro, contrariando a repulsa que os círculos tradicionais da capoeira nutrem por homenagens póstumas:

> Se quiserem me homenagear que o façam enquanto estou vivo.

Resmungavam os velhos mestres. A longa vida de adversidades que enfrentaram responde por esta implicância. No tempo de Nagé (morreu em 1958), homenagens a capoeiras vivos ou mortos, se aconteciam, eram raridades. Para isso Nagé não estava nem aí. De uma coisa desconfio: orgulhoso do seu comportamento de valente, sentia-se bem por não merecer nenhuma homenagem. Homenagens não encheriam sua barriga. Não enchem barriga de ninguém, como conclui o dito popular.

Estico o fio da meada para dizer da besteira de se glorificar depois de morto pessoas como Nagé (a critica vale para mim), que em vida teríamos receio dele se aproximar. Com certeza eu teria medo de com ele conviver. Como gostaríamos de desoportunizar sua presença, de colocá-lo na mira dos nossos moralismos e delações. De rezar o Pai Nosso para dele nos livrarmos como encarnação do mal. Mesmo quando somos daqueles que por romantismo glorificam os marginais, talvez admirando no ser deles o que não temos coragem de fazer. Ou no fazer deles o que não temos coragem de ser.

Gilberto Gil homenageia mestre Nagé na ONU

A vida muda de segundo em segundo, de minuto em minuto, de hora em hora. Em resumo: de tempos em tempos. Pelas linhas tortas do destino e por iniciativa do

ex-Ministro da Cultura Gilberto Gil e capoeiristas de diversas partes do mundo se apresentaram na Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra, na Suíça, no dia 19 de agosto de 2004, em solenidade que lembrava a morte do embaixador Sérgio Vieira de Mello, vítima de atentado ocorrido um ano antes, ao escritório da ONU, em Bagdá, Iraque. A capoeira ajustou-se às homenagens pela inestimável contribuição que vem dando, há algum tempo (por "debaixo dos panos" ou às vistas), para a formação de uma liga mundial da camaradagem, que se deseja colocar à serviço da paz e do respeito as diversidades e diferenças entre os povos. E pelo que temos em comum. Com certeza mais do que imaginamos.

Antes da roda, Gilberto Gil discursou realçando as singularidades da capoeira, as voltas que ela dera nas adversidades e preconceitos, a capacidade de transmutar-se de violenta em amizade e os atributos civilizadores que lhe regem. E anunciou o delinear de um programa mundial para os capoeiras. Assim como se faz nos cantos de entrada da roda, antes do jogo, Gil reverenciou os mestres que escreveram a história da capoeira. De forma justa e verdadeira, entre os ícones e famosos, invocou o nome de Nagé. Um ponto de luz estrelar da capoeira.

38, 39 e 40 - **Gilberto Gil homenageia Nagé**
Então Ministro da Cultura, Gil se juntou a capoeiristas do mundo inteiro na Suíça, em 2004, para homenagear os antigos capoeiras da Bahia. Invocou, entre eles, o nome de Nagé e também o do mestre Samuel Querido de Deus, cuja a roda com seus camaradas, em 1930, estampa a foto 40, de autoria de Edson Carneiro

Estética da violência

SINA. Saga. Capoeira Iluminada. Uma vida pela capoeira. São algumas expressões usadas como emblemas da abnegação de Pastinha e de Bimba em prol do ideal da capoeira, mantido à custa de sacrifícios pessoais (mártires incógnitos). Aos nossos juízos é o suficiente para relevar os atos transgressores que cometeram em vida. E cometerem como todo pé de barro comete. Com Nagé, o juízo é cruel. Nele não identificamos predestinação histórica. É a sua valentia que se expõe de frente. Não há dúvida sobre os extremos de violência por ele cometidos. Nada há de mais legítimo do ponto de vista moral que lamentar e combater sua ferocidade.

Mas, não há razão para desumanizá-lo, classificá-lo como bicho pelo comportamento violento que lhe foi peculiar. Porém, alguns se sentem carregados de razão para condená-lo, como todos aqueles vitimados por atos humanos de crueldade. Quando a esses se pede moderação na condenação e na vingança, eles rebatem de chofre:

Pimenta no cu dos outros é refresco. Encarem um Nagé!

Nos dias atuais, do jeito que anda a violência, em escalada destemperada, está difícil fazer considerações a respeito da sua estetização. Triscar no assunto já é um perigo, imagina colocar numa bandeira artística um Nagé como herói. O ato por si só já levanta sérias e justas desconfianças. À par disso, no entanto, se sabe (mesmo torcendo

41 - **Crueldade ou resistência?** A frase do artista plástico Hélio Oiticica, de 1968, fortalece a necessidade da luta dos oprimidos contra os opressores, no caso, os militares. Com **Nagé,** a perversidade e ferocidade não deveriam desumanizá-lo a ponto de torná-lo um bicho. **Trazê-lo como personagem fundamental da capoeira não significa exaltar a barbárie e sim mostrar a necessidade de reescrever uma história de resistência dos oprimidos**

contra) que, na realidade, a violência é uma garra inerente a história do ser humano. E, assim caminha a humanidade sem encontrar um jeito de livrar-se dessa que, apesar das trágicas consequências que causa, tem sido uma das molas propulsoras da vida social. Religiões, culturas, civilizações, movimentos politicamente corretos, também podem ser responsabilizadas por desumanizar pessoas e transformar o homem em lobo do homem.

> Que nos seja permitido tirar o melhor partido de um mau assunto.[13]

Providencial pretexto de adesão à estética da violência. Expressão artística vigorosa e admirada desde os tempos imemoriais, sem que isso se constitua invariavelmente numa tradição de glória e louvor à barbárie. De muitos atos, personagens e mitos levianos, que povoam o universo simbólico da arte, os artistas conseguiram extrair luminares. Alguns repudiados sim, mas outros queridos e admirados, presentes na literatura das Cruzadas Cristãs, na mitologia greco-romana, na legião dos heróis africanos...

Da arte para a história. É ou não é causa de alegria para o historiador da antiguidade da capoeira encontrar uma série infinita de turbulências, das quais os capoeiras participaram como réus e vítimas. Quanto de esmero artístico eles colocam na reconstituição da história. Teatralizam os fatos violentos, muitos deles descritos com graus de satisfação, principalmente quando a imparcialidade se desfaz ao se tomar partido favorável aos capoeiras, a ponto de justificar-se "o assassinato como uma das belas artes". A narrativa histórica não se alimenta plenamente da imparcialidade, nem necessariamente os rumos da pesquisa se encaminham na busca do quanto mais sangue melhor. Esse rumo dá quem quer.

Eu mesmo confesso que gostaria de rever aquela pessoa que estava presente na academia de João Pequeno, para dele ouvir mais relatos sobre as badernas de Nagé. Como seria bom encontrar recortes de jornais que trouxesse mais detalhes sobre seu assassinato; e a ocorrência policial confirmando a notícia, a mim transmitida por João Grande, relativa ao ano de 1954, quando nosso anti-herói enterrou vivo no lamaçal do Porto de Água de Meninos um policial.

> Que perversidade![14]

Pelos atos de violência praticados por Nagé os sinos dobraram. Passaram pelo tribunal do juízo final. São atos consumados. No entanto, ao serem simbolicamente

---

13 - Expressão retirada da contra capa do livro de Thomas De Quincey, Do Assassinato como uma das belas artes. Porto Alegre, L&PM Editores, 1985,

14 - Se João Grande negar que me disse isso, tá negado. Com certeza tá negado.

42 - **Mudança de perfil** A frase do Profeta Gentileza foi aplicada no discurso dos capoeiras para que a vadiagem fosse aceita no mundo, quebrando preconceitos e estigmas. Com isso, importantes personagens que ajudaram a construir seu legado, como o mestre Nagé, foram apagados das memórias

reconstituídos, são mais do que reflexos de uma época e indicadores da índole daquele capoeirista. Bem estudados, podem ajudar a decifrar as contradições do apego da violência com a capoeira. São ferramentas para o entendimento do por que o mestre Noronha aconselhava desapegar como necessário para os capoeiristas se comportarem à imagem e semelhança dos bons cidadãos. E refletir sobre o ocorrido nas últimas décadas, quando grupos influentes de capoeira sobrepuseram a ordem da violência acima da beleza dos jogos. E olha que as recomendações do Profeta Gentileza estavam espalhadas pelos muros da cidade. E os cantos por camaradagem nas rodas de capoeira continuavam pulsando como aspirações permanentes. João Pequeno!

Eu já vou beleza,
eu já vou me embora/
Eu já vou beleza,
eu já vou me embora/
Eu já vou, já vou beleza,/
eu já vou me embora/
Eu já vou beleza,
eu já vou me embora/
Mas eu já vou beleza,
eu já vou me embora/
Eu já vou beleza,
eu já vou me embora.

Este canto de despedida de João Pequeno, bem ouvido, visto e refletido é um apelo de paz.

43 - **João Pequeno de Pastinha**
Apelo à paz e à camaradagem era os discurso do mestre ao fim de suas apresentações de capoeira. Virava o berimbau de cabeça para baixo e improvisava a cabaça do instrumento como microfone

Nagé x Lídio:

Olha a faca!

TERÇA-FEIRA, 31 de janeiro de 1950.

Mais ou menos às 23 horas, na rua Pero Vaz, Estrada da Liberdade, em Salvador, Nagé (José Anastácio de Santana) foi vítima de agressão. Foi ferido a faca por Lídio Baldo Xavier. O agressor, anos atrás, cumprira, na Penitenciária do Estado, pena por homicídio, cometido no município baiano de Jequié. Barra pesada. Na folha corrida de Nagé não havia registro de antecedente criminal grave como o de Lídio, mas sua fama de arruaceiro e causador de agressão era do conhecimento da polícia. O certo é que não havia nenhum inocente envolvido naquele caso. Podiam mesmo ser verdadeiras as ponderações do advogado Ramagem Badaró, nos termos da defesa do réu:

> Apesar da vida pregressa do denunciado (Lídio) não ser nenhum livro de bom exemplo (...)
> A vida pregressa da 'vítima' não é também motivo para ser ressaltado como exemplo de cidadão ordeiro e respeitador das leis.

Ambos, réu e vítima, apontaram o mesmo pretexto para a confusão, que seria o violonista Canhoto, alcoolizado. Porém, apresentaram versões diferentes. Segundo Lídio (o réu) ele tentava tirar o violonista "do local por estar o mesmo – seu camarada – um pouco embriagado". Conforme a versão de Nagé, Lídio garguelou Canhoto e não atendeu o pedido por ele feito para largar o rapaz, que "estava um pouco alcoolizado e nada lhe fez". Mas a encrenca pode ter sido por causa do violão.

44 - **Parte da ficha criminal de Nagé**
Registros policiais de 1950 sobre a luta corporal entre Lídio e Nagé, na época em que ele morava na Avenida Peixe, no coração do maior bairro negro de Salvador, a Liberdade. O ocorrido se deu oito anos antes de sua morte

Raimundo Pinheiro, uma das testemunhas que viu o parir da confusão, declarou que o início de tudo aconteceu no "Café do Arnaldo" quando Lídio quis tomar na tora o violão de Canhoto.

> O violão é meu comprei com meu dinheiro,

disse o violonista e se recusou a entregar. Os ânimos se alteraram. Bate-boca, ameaças, xingamentos, palavras de baixo calão e obscenas. Agressões, até que em dado momento, Lídio (também alcoolizado, mas em proporções menores que o violonista) arrancou das mãos de Canhoto o violão, entregou a um rapaz e segurando o violonista pela gola do paletó o arrastou para a rua.

Inquirida pelo advogado de defesa do agressor sobre o porque da atitude de Lídio com Canhoto, Raimundo Pinheiro interpretou o ato, amenizando o aspecto truculento. Sugeriu que a atitude de Lídio fora por precaução:

> Evitar que Canhoto praticasse qualquer abuso dentro do café,

onde segundo ele, se iniciou a discussão com Nagé.

Pelos ditos, estávamos diante de mais um dado comprovado de ocorrência policial movida a álcool, que, cotidianamente, aumentava as estatísticas sobre os crimes daquela época. O álcool era o elemento causa. Mas também, por consequência dos seus efeitos, poderia ser manipulado juridicamente para atenuar a pena imposta por um abuso ou crime cometido. Em prol da legítima defesa de Lídio, seu advogado argumentou que, por ele estar um pouco embriagado, levou desvantagem frente à arma e à força física de Nagé. Justificativa para todos os paradoxos simbólicos e reais, contidos na expressão popular:

> Cu de bêbado não tem dono.

Com jeito de bêbado mestre Pastinha fazia seu miserê na capoeira:

> Quando eu jogo até pensam que o velho está bêbado, porque eu fico mole e desengonçado, parecendo que vou cair. Mas, ninguém ainda me botou no chão, e ainda nem vai botar.

No que descambou para a rua as discussões acaloradas entre Lídio e Nagé, por causa de Canhoto, degeneraram-se em briga, luta corporal. Algumas pessoas que afluíram ao local, atraídas pela zoadeira, assistiram, mas não se meteram. Possivelmente estavam diante daquelas lutas que ninguém tinha coragem de desapartar.

Olha a faca! Olha o sangue na mão! Com uma faca sem cabo Lídio deu um talho no rosto de Nagé. Este, já lavado em sangue, segurando o agressor pelo braço apelou:

> Tome esta faca aqui que ele me furou.
>
> Tome aqui que eu não aguento mais, pois estou todo furado.

Estava à mostra uma arma por demais usada pelos arruaceiros nos conflitos de rua. Ao aquinderreis, pedido de socorro, de Nagé, pelo que se sabe, ninguém atendeu. Confusão em que ele se metia não dava em outra coisa; virava briga. Luta corporal. Motim. Carnificina. Conselho não escutava.

Neste ínterim (!!!) um marinheiro, motorista da Base Naval, passando pelo local, flagra o acontecimento e interfere. Toma a faca de Lídio e efetua a sua prisão. Para safar-se o réu foge. Evadiu-se e atrás dele ininterruptamente se manda Nagé com impulsos de vingança: forra. É em vão o conselho do marinheiro para que cessassem a briga. Como a cada passo eles se engalfinhavam-se, mais a mais, com a ajuda de dois policiais que se fizeram presentes deliberaram levar os brigões para o posto policial.

Agressor e vítima deram versões opostas sobre o destrinchamento dos atos do conflito. Como era de se esperar, cada qual procurando justificar seus atos como de legítima defesa. Para Lídio a situação era mais complicada, pois teria que inverter a sua condição de agressor, acatada pela polícia e mais tarde confirmada pela Justiça.

Nagé alegou que só dera as cacetadas para se defender, após ser furado pela faca de Lídio. Assim como a faca, o cacete se constituía numa arma bastante usada pelos arruaceiros, sendo comum nos jornais a menção ao jogo das cacetadas. Hábeis no uso dele era o capoeirista capadócio de outrora, que em razão disso, na exposição poética e gráfica do seu tipo, portava um cacete.

Contrariando a versão de Nagé, Lídio o acusou de ser o provocador da confusão lhe agredindo com várias cacetadas, razão pela qual procurou se defender usando uma pequena faca de seu uso para cortar fumo, que por infelicidade atingira o seu oponente. (Cínica defesa de um impávido criminoso).

O marinheiro que efetuou a prisão declarou que soube mais tarde, por terceiro, que Nagé trazia consigo, enrolado num papel de cimento, um pedaço de pau, semelhante a um cacetete. Suponho que este tipo de disfarce fosse ainda muito comum naquela época: portar uma arma escondida num papel, pano, lenço, etc. Caiçara, por exemplo, nos anos 80 do século passado, trazia três pedras dentro de uma pasta 007, numa "era" em que as pessoas que possuíam um pasta daquele tipo andavam tirando onda de executivos. Nessa mesma "era" indaguei ao mestre Augusto de São Pedro, discípulo de Bimba, o por que dele comparecer às festas de capoeira com o seu berimbau enrolado num jornal. Ele me respondeu que aquilo era mania dos antigos e que ele repetia por cisma. Só por cisma.

45 - Registro de óbito
Fredie Abreu localiza na ficha do necrotério dados pessoais e digitais de José Anastácio de Santana, o mestre Nagé. Provas de que ele teria morrido aos 35 anos (estimadamente)

JOSÉ ANASTÁCIO DE SANTANA é o nome completo de Nagé. Morreu em 1958 aos 35 (estimadamente). Presumo que tenha nascido pelos idos de 1923.[16] Estes cálculos foram deduzidos da ficha do necrotério, que não revelou o nome do pai, mas, apenas o da mãe: Maria Petronilha Moreira dos Santos.

Seu nome está gravado no livro Capoeira Angola de Waldeloir Rego, publicado em 1968. Pelo justo valor e cartaz que possui; este livro ficou conhecido como a bíblia da capoeira. A erudição empregada na abordagem do assunto, somada à quantidade e qualidade de informações reunidas no compêndio, transformaram-o numa fonte essencial de pesquisa e num manual prático de ensino, adotado por mestres, capoeiristas e pesquisadores. No passado recente, em muitos casos, já foi o tiro certo para dirimir dúvidas e decidir apostas em conversas, debates e discussões sobre a capoeira. No entanto, sobre Nagé, são poucas as informações repassadas, embora essenciais para localizar onde ele nasceu e o seu "santo" (Ogum). No capítulo dedicado aos "Capoeiras famosos e seu comportamento social", na página 268, lê-se:

> Nagé foi outro capoeirista famoso de Coqueiros do Paraguaçu, mas como gostasse muito de ficar na cidade de Nagé, ficou conhecido pelo topônimo.

(...) Está explicado o apelido: levou o nome da vila onde gostava de ficar.

46 e 47 - **Waldeloir Rego**
O livro Capoeira Angola do antropólogo baiano é referência na literatura da capoeira e já dirimiu muitas dúvidas em debates e apostas sobre o tema

---

16 - Na cobertura do crime que resultou na morte de Nagé, os jornais atribuíram-lhes outros nomes: José Anastácio de Santana, José A. dos Santos, José Anastácio dos Santos, José Anastácio de Santana.

Ogunjá

NAGÉ ERA muito ligado ao pessoal do candomblé, segundo Waldeloir Rego. Este, ao encontrá-lo, saudava-o, em tom de pilheria, com esta cantiga:

Najé, Najé, Najé / Ogunjá oro

Em matéria de candomblé confesso a ignorância. Sou *ariocô*, não entendo (as informação que se seguem retirei de livros). Suponho que a saudação de Waldeloir insinuava o santo de Nagé: Ogunjá. Uma qualidade de Ogum, orixá que encontra felicidade e prazer nas demandas por lutas, brigas, combates e guerras. As pessoas que pertencem a esse orixá têm predisposições para a impetuosidade e arrogância. São violentas e briguentas. Com elas não têm dois tempos: bateu, levou. Quando levam desaforo para casa, pode esperar que a forra vem a caminho. Quando atrasa, atropela.

Alerto, contudo, o leitor para uma coisa: Nagé era de Ogum, não era Ogum. Quero dizer com isto que nem tudo que pertenceu à sua história pessoal encontre explicação no domínio daquele orixá. Nem a sua violência, pois tem gente de Ogum que é maneira neste aspecto. Outra coisa: se a minha avaliação estiver errada quanto ao dono da cabeça de Nagé, boa parte deste pequeno capítulo vai para o lixo.

Ogunjá come cachorro. "Nagé tinha cara de cachorro", disse mestre Gigante (o Berimbauman), lembrando da cara enfezada do mesmo. Feições duras. Semblante pesado tão igual aos dos muitos capoeiristas do passado. Cara carrancuda para meter medo à primeira vista. Afastar o mau olhado dos inconvenientes. Mal-humorado. Sem embargo: meter medo, atemorizar, talvez fosse um recurso que o capoeirista de antigamente se permitiu usar para intimar e não se deixar importunar.

48a - **Enfezado**
Nagé tinha cara de poucos amigos. "Feições duras e carrancudo", disse mestre Gigante

Folga negro que / branco não vem cá / se vir: vai apanhar.

Uma arma para o capoeirista se impor no (seu) lugar, contrariando o ponha-se no seu lugar que os superiores exigiam, querendo enquadrá-lo social e moralmente. E territorialmente. Manter e espalhar a fama de valentão e perigoso poderia ser um recurso favorável ao capoeirista, no sentido de excluir do seu ambiente os indesejados. Ajudava-o a proteger a autonomia dos seus redutos e até embarreirar a ação policial. A crônica dos costumes baianos, ambientada ao final do século XIX e início do XX, e jornais do mesmo período, acusam o receio da polícia de intervir nos redutos de alguns capoeiristas como Júlio Bugam. Outro valentão.

48 - **Estrada de Ferro no bairro de Góes Calmon, na cidade de Simões Filho, Bahia**
As linhas de trem que muitas vezes levaram e trouxeram o mestre Nagé para Simões Filho. Relação com orixá de caminho. Ogum, o guerreiro destemido que domina o ferro, a tecnologia e a modernidade está sempre a frente do tempo no espaço físico e espiritual

Júlio Bugam: o valentão da Glória

OS POUCOS (se é que há) que leram e ouviram falar desse nome, muito provavelmente não o memorizaram. Não viram motivo para retirá-lo da borra da história da capoeira baiana, como se para ela nada Júlio tivesse a acrescentar. Encontrei notícias dele na relação dos tipos populares de "Vultos, fatos e coisas da Bahia", título de um livro de Carlos Torres que assim o descreve:

> Preto, baixo, simpático, pernas em formas de aspas, que o povo comumente chama de "alicate", usava calça de boca larga, capoeirista afamado e terror da zona da Saúde. Residia no Beco dos Nagôs, no bairro da Glória. Nas festas religiosas que se realizavam com enorme pompa, naquela igreja e cujos festejos populares na praça, acabavam sempre em barulho, era Bugam o principal autor do motim, que muitas vezes fazia a polícia recuar, como se fosse o tutú da zona. Para ser preso dava trabalho aos agentes policiais.

49 - **Igreja da Glória** Localizada na Sáude, bairro da Glória, em Salvador, reduto do capoeirista Júlio Bugam. Ali ele residia e fazia arruaças nas festas populares do século XIX

A descrição contém muito dos elementos identificadores do tipo de capoeira de outrora – segunda metade dos anos oitocentos e primeiras dos novecentos – período vivido por Júlio. Para a composição deste tipo, de representação eficaz dentro da própria ambiência da capoeira, se infiltraram a mentalidade, conceitos, preconceitos e "armações" da opinião pública, dos jornalistas e policiais.

Bugam com Bogum (terreiro de candomblé da nação jeje) não tem nada a haver. Caso houvesse, em Júlio poderíamos nos deparar com a figura do capoeirista jeje – precedente histórico – para ser fusado no toque de angola em jeje dos capoeiristas Gato e Canjiquinha. A fusagem poderia ocorrer seguindo as linhas de combinações culturais entre os jejes e os angolas na diáspora africana baiana.

Na trilha desta (quase certa) miragem poderia se incluir a geografia das desordens de Júlio:

Beco dos Nagôs, zona da Saúde, bairro da Glória, se situavam na Freguesia de Santana, onde residia e trabalhava, em números bem representativos, negros, no tempo de Júlio, sendo alguns deles africanos jejes ou deles descendentes. No mapa das desordens de Júlio, a crônica policial dos jornais incluía as ruas do Gravatá e do Carro, também localizadas na referida freguesia, próxima da Baixa dos Sapateiros, Ladeira da Praça e Nazaré, um conjunto de lugares que teve importância fundamental em rebeliões escravas ocorridas durante a primeira metade do século XIX.

A rigor, a descrição de Carlos Torres e os recortes de jornais que insinuam ou pontificam a presença de Júlio nas arruaças nada acrescentam de novo que altere radicalmente o tipo do capoeirista, já congelado, inclusive no próprio ambiente da capoeiragem, mas também nas mentalidades dos "cidadãos" jornalistas e policiais, que ajudaram a construí-lo.

Nada de novo, nem mesmo a força e a coragem individual de Júlio em assegurar a autonomia espacial para a realização dos festejos populares no largo da Igreja da Glória. A crônica policial e dos costumes baianos já registrara algo semelhante na ação do Grande Lamite, que durante a realização das festas das Escadas na zona portuária de Salvador, mantinha à distância a polícia, para que a mesma não interferisse na capoeira, samba, candomblé, batuque e mesmo arruaças que aconteciam naquelas festas.

Destaque inusitado, no entanto, para um ato de extrema ousadia e coragem que seria comandado por Júlio e aconteceria fora da área habitual de atuação – a freguesia de Santana. Vai acontecer na Rua do Passo, e se concretizará com a invasão de Júlio e sua turma para tomar de assalto a estação policial. Um ato soberbo de desmoralização da autoridade policial. Algo semelhante seria repetido por Manuel Henrique Pereira, identificado pelo historiador Antonio Liberac como Besouro Mangangá.

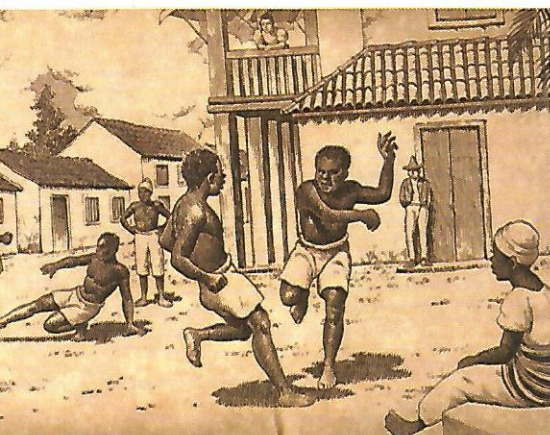
O *Corsário:* Bahia, 4/10/1888 pg.2

Continua na baixa da ladeira da Saúde, o ajuntamento de capadócios. Rara é a noite que não se dá ali conflitos. Ao Sr. Dr. Delegado pedimos providência.

Diário do Povo 18/3/1889

Pelo cabo comandante do destacamento da rua do Passo forma presos: Hontem(...) às 7 horas da noite o grande desordeiro Júlio Bogan, que reunido com outros nomes Rodolfo Justiniano de Souza, Tiburcio Ramos da Conceição, Joaquim Procópio de Araujo, José Machado, Manuel Limoeiro, Domingos Dias Soares, Pedro Irineu e Pedro Antonio, tentaram tomar de assalto a estação policial. A intervenção de toda força sob o comando do cabo Manuel Ignácio dos Santos, deu em resultado serem todos eles presos. Júlio Bogan, o celebre desordeiro, o terror das famílias e dos pacíficos cidadãos saiu ferido, na refrega e foi conduzido para o Hospital da Misericórdia. O cabo Manuel Ignácio é digno de elogios.

No dia 12 de junho de 1889 o Diário do Povo denuncia que na Rua do Gravatá, a polícia não acaba com os ajuntamentos de capadócios porque a polícia anda macomunada com os capadócios,

50 - **Meninos mandingueiros** Ilustração reproduzidada do livro Brasil de Outrora - Desenhos e legendas de Belmonte, inspirada em gravuras de Rugendas, que mostram crianças brincado de capoeira, chamados de mandingueirotes

Diário Popular

Gravatá: Pela segunda vez chamamos a atenção da autoridade competente para a malta de capadócios, que se reúnem nessa rua e não cessam de provocar distúrbios, ocasionando conflitos de serias consequências. Os moradores dessa rua vivem em constante sobresalto, vendo a todo momento alterada a ordem pública, devido ao incorrigível procedimento dos mandinguerotes que (...) impunidade aos seus atos reprováveis. Esperamos providências;

Mandinguerotes poderia ser uma referencia aos meninos mandingueiros, meninos capoeiras.

Correio Mercantil 28/6/1889

Policia macomunada com os desordeiros na freguesia de Santana.

> *O Republicano*
> Ao, sr. Sub-comissário do 1º Distrito de Santana. Pedem-nos providências urgentes contra uns malandros que gastam o tempo em apedrejar casas e transeuntes à rua do Carro, indivíduos esses que são capitaneados por um tal de Júlio, e que já são conhecidos da polícia. Tais fatos, que as autoridades deixam passar por qualquer motivo, muito depõe dos créditos desta terra.

Entre os vultos, fatos e coisas da Bahia, Carlos Torres apresenta outras figuras que tudo leva a crer tiveram ambiência com o mundo baiano da capoeira:

Chuchu – Negro de cabelos grisalhos, baixinho, andar de capoeirista, bastante alegre e presepeiro. Se o transeunte interrompia os seus passos, ameaçava, dizendo-lhe:

> Vou mandar.

Ele imediatamente parava, dava dois saltos para trás e retrucava:

> Não mande não.

Presepadas (no bom sentido) como estas ainda são muito comuns entre os capoeiras.

Bico de Pato – Era um individuo, cabra escuro, de altura regular, cheio de corpo e bastante forte, andava gingando, vestia comumente mais de três calças, outros tantos coletes e camisas como se fosse negociante de roupa usada. Trazia o pescoço e a cabeça enrolados por vários pedaços de pano, apresentando o seu todo aspecto jocoso, troncudo e grosso, tornando-se, assim, uma figura exótica. Quando em estado de embriaguez, descompunha ao ser tratado pela alcunha, entretanto no estado normal, nada dizia e ainda troçava com a gurizada. Andava descalço, frequentando com especialidade as zonas de Nazaré e Santana. Era meio lunático.

Ducinha e Ecavino – "Os dois irmãos desordeiros eram os mais respeitados. Todos os valentões da Bahia rendiam homenagens a eles" (Mestre Noronha - 1901/1903).

Rosa Palmeron – Negra, gorda, alta, vistosa, criatura imoralíssima, quando apupada suspendia o vestido, mostrando as partes íntimas do corpo. Frequentava como ponto predileto a Baixa dos Sapateiros, acabou recolhida ao Asilo São João de Deus, e lá vivia cuidando da roupa dos alienados.

Chicão – Francisca Albino dos Santos, conhecida por "Chicão". Negra, alta, corpulenta, pernambucana, parecendo homem, bastante musculosa, valentona e habilidosa com a navalha e com o cacete. Conhecida na Casa de Detenção e também nas zonas de protituição. Quando em estado de embriaguez era perigosa. Agressora e defensora das companheiras, quando necessitadas de auxílio, enfrentando mesmo

quer homem. Celestino dos Santos, o capoeirista **Pedro Porreta** era famoso na Bahia, também sempre estava nos prostíbulos e na cadeia, tinha rixa com a valente "Chicão". Os dois detidos na delegacia, Porreta esbravejou contra Chicão: "Não seja 'obreira'. O dr. Tancredo vai dar uma lição em você. Bater em homem não é da atribuição de mulher de sua marca", relato do jornal O Estado da Bahia, 29 de agosto de 1935 (imagem 51, abaixo). Uma semana depois, o jornal Diário de Notícias, do dia 6 de setembro de 1935 (imagem 51a, abaixo), divulgava a morte de Pedro Porreta, assassinado por "Chicão". No atestado de óbito, informa que Pedro Porreta foi enterrado no cemitério do Campo Santo, aos 40 anos, sendo as causas da morte: hemorragias intracranianas, lesões vasculares encefálicas e fraturas no frontal à direita.

Maria Presepeira – Negra, estatura regular, desordeira terrível da zona do São Pedro (centro de Salvador). Propalavam ser autora de duas mortes. Certa ocasião resistindo à ordem de prisão, derrubou um cavalariano do Senado. Nas minhas miragens sempre aparece distribuindo rasteiras, nem que seja apenas para rimar com o nome presepeira. No plano da realidade, tornou-se famosa, desfilando à frente do carro do caboclo – uma das nossas mais belas alegorias – nos antigos desfiles do 2 de Julho, em comemoração da Independência do Brasil na Bahia.

51 e 51a - **O dia em que Francisca dos Santos, conhecida por 'Chicão', matou o valente Pedro Porreta**
Os relatos do jornal O Estado da Bahia, 29 de agosto de 1935 e do jornal Diário de Notícias, do dia 6 de setembro de 1935 noticiam as brigas e o assassinato de Pedro Porreta por 'Chicão', uma mulher 'capaz de enfrentar qualquer homem'. No atestado de óbito de Pedro Porreta está sua idade, 40 anos, e as causas da morte: hemorragias intracranianas, lesões vasculares encefálicas e fraturas no frontal à direita

"Chicão" x "Pedro Porrêta"

Houve até chôro na Delegacia! A intransigencia do delegado

A rua 28 de Setembro, onde estava localisado o meretricio, é séde constante de desordens, embora haja um policiamento regular, desenvolvido pela Delegacia da 1.ª Circumscripção.

Ontem mesmo, ás 15 horas, mais ou menos, verificou-se um "sururu" renhido entre dois conhecidos desordeiros, que são: "Pedro Porrêta" e "Chicão" O primeiro, ha annos atraz, tinha por divertimento, fechar postos policiaes. Brigar com seis soldados era coisa pequena para o Pedro. Não se amedrontava com sabres, nem tambem com "patas de cavallo". Era destemido mesmo.

Mas, com o uso frequente do alcool foi se amofinando, e hoje é um doente de epilepsia, não deixando entretanto de fazer barulho. Antigamente elle sempre saia vencedor nas luctas, não acontecendo o mesmo nestes ultimos tempos.

"Chicão", rapariga de porte alto, com grande desenvolvimento physico, é do mesmo quilate do Pedro. Não é costumada a levr desafôros para casa.

E, á tarde de ontem, estes dois duros formaram um "rolo" que deu trabalho ao guarda civil 393.

Pedro fôra buscar uma mala com utensilios domesticos pertencentes a Maria dos Santos, inquilina de Francisca dos Santos, vulgo "Chicão". Chegando á casa desta, Pedro empurra logo a porta, e depara com "Chicão" em trajes menores. Não se incommoda e procura apanhar a bagagem.

A "mulherzinha" não se conforma. Offende a Pedro. Este não fica atras. Trocam-se insultos. E Chicão, num gesto rapido, pega dum páo, acariciando a cabeça de "Porreta", que ficou ferido.

Pedro, o homem da alcunha bem conhecida...

Com os gritos dos moradores na residencia de "Chicão", chega o guarda 393, que effectua a prisão dos contendores. São levados á presença do Delegado Tancredo Teixeira. Cada qual procura se defender Chicão, solugando e chorando, desculpa-se na melhor forma. "Pedro Porrêta", olhando para a rival, diz:

"Não seja "obreira". O dr. Tancredo vae dar uma lição em você. Bater em homem não é da attribuição de mulher de sua marca".

E o delegado Tancredo Teixeira, deixando de parte chôros, promessas, etc., chama o cabo da guarda, e manda recolher os dois.

Era o "bamba" da Sé...

Morreu, tragicamente, em consequencia de uma surra, o conhecido desordeiro «Pedro Porreta»

O levantamento do corpo e as providencias policiaes

Pedro Celestino dos Santos mais conhecido pelo vulgo de, "Pedro Porreta", era um dos mais terriveis desordeiros dos muitos que perambulam pela cidade.

A sua zona era a Sé. Alli vivia. ha varios annos, vivendo da profissão de carregador.

Dada a sua indole atrabiliaria, não raro estava em ajustes de contas com a policia. Innumeras foram as vezes que deu entrada nos xadrezes da cidade. sempre por desordem, tendo, por varias vezes. sido processado por crime de ferimentos leve.

Uma das suas façanhas teve por theatro a Ladeira da Praça, Alli certo dia, teve uma discussão com um soldado. Da discussão foram ás vias de facto, resultando ferimentos graves no policiador.

A zona do meretricio era, ultimamente, o seu ponto de descanso. Raro era o dia em que não tinha uma rusga.

Na terça-feira ultima. por volta das 15 horas, após um serviço que realizara na Rua do Tijollo, teve uma discussão com uma das mulheres alli residentes. mais conhecida pelo vulgo de "Xicão". Trocaram mutuamente. os mais pesados insultos. A folhas tantas, "Xicão" apanhou um páu que estava a um canto da sala e investiu contra o carregador, applicando-lhe terrivel surra.

O facto foi levado ao conhecimento das autoridades policiaes da 1.ª Circumscripção que providenciaram sobre o assumpto.

Desde esse dia porém, Pedro adoeceu. Na Assistencia recebera elle os necessarios curativos. Recolhendo-se, depois. á sua casa, á Rua do Thesouro n.º 39, 2º andar, continuou doente, aggravando-se o seu estado até hontem, ás 20 horas, quando veio a fallecer.

Communicado o facto á Delegacia Auxiliar, compareceu ao local o Commissario Bastos Filho. que. em companhia do Dr. Anisio Teixeira, procedeu ao levantamento do cadaver.

Preenchidas as formalidades legaes, foi o corpo removido para o "morgue", a fim de ser autopsiado.

Domingos Mão de Onça, o valentão, viveu em meados do século XIX, em Salvador, no bairro de Brotas, próximo ao antigo Cemitério Municipal. Eis uma descrição fidedigna do cabra. Um relato de quem o conheceu de perto: "Era um negro muito forte, grande e com cara de carranca. Trabalhou nas feiras como carroceiro, foi mestre de capoeira e sabia bater facão. Era 'ponta de facão'. Não tinha medo da polícia, não respeitava capoeirista, nem civil, nem ninguém. Não tinha ninguém pra brigar com esse valentão, nem polícia, nem ninguém. Quando vinha montado em seu cavalo pelas ruas ou quando entrava na Feira de Água de Meninos, passava por cima de qualquer um e gritava ameaçando: 'Sai da frente putada! Tô comendo água!'. O cavalo dele era largo, mordia, dava patada, empinava. Domingos Mão de Onça tinha uma mão enorme. Uma vez, lá na Feira do Curtume, na Baixa de Fiscal, deu um tapa em um burro e o burro sentou. O fim dele foi triste. Ele tinha um pesqueiro que ficava em um córrego perto de onde hoje é o Shopping Iguatemi. O próprio aluno dele foi pescar no pesqueiro dele e Mão de Onça ameaçou dizendo ser proprietário da embarcação e que não era pra ele pegar o pesqueiro. Contrariando a ameaça do mestre, o aluno, em um outro momento, achou que o mestre não estava no local, foi pescar no barco. Mão de Onça como era muito perverso, pegou o aluno, deu uma surra de pano de facão de corte que quase mata o rapaz. Depois de ser internado em um hospital público e sobreviver, veio a vingança. O discípulo sabia aonde o mestre morava e na época era muito mato no local. Tinha uma trilha de barro que só passava animal de carga e gente. Ficou atocaiado com uma espingarda de matar onça de cano aberto. Botou pólvora com rolimã, cabeça de prego e chumbo e esperou ele passar. Quando Mão de Onça passou, o aluno chamou o mestre e, quando ele virou pra trás, do lado esquerdo, descarregou a espingarda na banda da cara. Mão de onça não morreu no local. Muito ferido no rosto, voltou em direção a sua casa e passou na porta da minha casa. Nessa época eu morava do lado da casa dele em Brotas e vi quando sua filha o levou ao Pronto Socorro. Depois de três dias internado, veio a notícia de sua morte. Eu acredito que quando os médicos souberam da ficha criminal dele, de quem se tratava, deixaram ele morrer ou acabaram de matar, porque sabiam que aquele homem não podia viver no meio da sociedade. Foi igual o caso de Besouro, que morreu em Santo Amaro agonizando, sem atendimento na pedra do hospital da Santa Casa de Misericordia, sangrando, sofrendo até a morte.

Uma vez, o meu vizinho na época, Alfredo, primo do mestre Pelé da Bomba, reclamou comigo que as galinhas do quintal da casa deles estavam desaparecendo e ele estava desconfiado que era o Mão de Onça que estava roubando elas pra comer. Ai eu chamei ele e disse: 'Meu compadre Alfredo, você não sabe quem é esse homem. Esse homem é uma cobra caninana. Não se meta com esse homem e faça de contas que você não sabe de nada e deixa isso pra lá, porque esse homem é valente igual a uma caninana'. E ai ele deixou pra lá". (Mestre Boca Rica)

51b - **O valentão Domingos Mão de Onça**
Quando vinha montado em seu cavalo pelas ruas ou quando entrava na Feira de Água de Meninos passava por cima de qualquer um e gritava ameaçando: 'Sai da frente putada! Tô comendo água

Nagéografia

52 - **Vila de Coqueiros** Povoado onde o mestre Nagé nasceu e passou a infância está localizado no Recôncavo Baiano. Em Coqueiros, a pesca, tradicionalmente feita pelos homens, não oferece mais a fartura de antigamente. Desde a construção da usina hidrelétrica de Pedra do Cavalo, há duas décadas, a atividade foi prejudicada. Os peixes sumiram. Coube então *às mulheres batalhar* pelo pão de cada dia

COQUEIROS E NAGÉ são vilas vizinhas, pertencentes ao município de Maragogipe, localizado no Recôncavo Baiano. Como muitas vilas desta região, as duas estagnaram no tempo e sofreram as profundas consequências da "morosidade econômica" que dominou a economia do local, desde o final do século XIX e invadiu o XX. Hoje, ainda são bem negativos os índices dos indicadores sóciais a elas referentes.[17]

Retalho a sequência natural do texto para introduzir achega do cronista de costumes baianos Antonio Vianna, com mostras de versos provocativos entre os moradores das duas vilas:

> A preta Benedita era coxa. As crianças a atormentavam a cantar, arremedando-lhe o andar:

17 Sobre Coqueiros e Nagé, uma matéria do jornal A Tarde, na seção Economia, intitulada "Usina investe em cerâmica e pesca", noticiou a inclusão desses dois distritos como beneficiários do projeto da Usina, que é a Hidrelétrica da Pedra do Cavalo, que alterou consideravelmente o equilíbrio ecológico de parte do sul do Recôncavo. "Em Coqueiros, um dos mais populosos e pobres distritos de Maragojipe, famílias inteiras são sustentadas com a produção de cerâmica. Aprender a moldar o barro para fazer panelas, moringas, vasos, fogareiros e potes é uma arte passada de mãe para filha, através de várias gerações". Informa o jornal que as ceramistas (apenas dois são homens) se reuniram numa Associação dos Ceramistas de Coqueiros, que tem como presidente um homem, Ademir Santos Bernardo, que instalou e administra a Casa das Ceramistas. Ali, um grupo de 50 ceramistas mantém viva a arte de confeccionar, sem usar torno, panelas de argila de diversos tamanhos, queimadas a céu aberto.

53 - **Vila de Nagé**
O vilarejo, que pertence ao municípi de Maragogipe, era o local preferido do mestre Nagé

Todos caxixis, todos caxixis
Que vem de Nagé
mora na casa e não paga alugué.

Ela respondia, na mesma toada:

Bate cachorro,
bate cachorro,
bate cachorro
que eu estou de pachorra

Outras provocações pela música:

As moças de Nagé
Não penteiam o cabelo
Deixam o banho de rosa
Para as moças de Coqueiro
As moças de Coqueiro
Não tomam banho
por que não quer
O nó passa na frente /
O sabão é de Catité[18]

54 - **Localização dos povoados**
Coqueiros e Nagé ficam a cerca de 150 km de Salvador

18 Informações coletadas numa pasta referente a Antonio Vianna, guardada na Academia Baiana de Letras.

55 - **Artesanato**
As miniaturas feitas de barro são atrativos na tradicional Feira dos Caxixis, em Nazaré das Farinhas. As ceramistas de Nagé e de Coqueiros também têm importante participação no evento

Retomo a sequência natural do texto, colocando em destaque a palavra caxixis dos versos de mangação das crianças à preta Benedita. Embora, não tenha compreendido o sentido do seu emprego, descarto que tenha sido com referência ao instrumento musical que muitas vezes acompanha: o berimbau. Mais convincente é associá-lo a um artesanato de miniaturas de barro, destinado, na sua origem, para deleite e alegria dos meninos e meninas. Um brinquedo popularmente denominado de caxixi.

Não se sabe, ao certo, quando se iniciou a tradição de realizar durante a Semana Santa a Feira dos Caxixis na cidade de Nazaré das Farinhas no Recôncavo. A festa maior dos ceramistas da região. Muitos dela participam. De fora, nunca ficam os de Coqueiros e Nagé, confirmando a importância dessas vilas, inscritas no mapa do artesanato baiano como produtores de cerâmica popular (panelas, potes, porrões, frigideiras, tachos, caborés etc e tal).

> Tudo muito rústico, sem ornato algum de um barro muito poroso, mas resistente e de regular sonoridade, (...)

56 - **Feira dos Caxixis** A cidade de Nazaré das Farinhas recebe anualmente a maior feira de ceramistas da região do Recôncavo, com grande influência indígena na arte produzida

(...) conforme as características para elas anotadas por C.J. da Costa Pereira, um dos seus estudiosos.[19]

Na cerâmica de Nagé, assim como na maioria da produzida em toda a Bahia, se identifica traços indiscutíveis da cultura indígena.

Índios – Para alguns foram os índios *Marag-Gyp* (braços invencíveis) os que por primeiro penetraram no território maragogipano, a partir da segunda metade do século XV, nele fundando suas aldeias. Viviam principalmente da pesca, da caça e cultivo do solo. Impondo-se com valentia, fizeram resistência até o ano de 1610 à empreitada colonizadora dos portugueses, no sul do Recôncavo, onde Maragogipe está situado.

> A ameaça destes (índios), juntamente com os solos mais pobres provocou praticamente o abandono da lavoura

19 Este autor escreveu o livro A Cerâmica Popular da Bahia, publicado em Salvador pela Editora Progresso, no ano de 1957. Na regular sonoridade da cerâmica de Nagé ele identificou o que acha ser a fonte desse adágio popular de uso doméstico: a panela pelo soar e o homem pelo falar

57 - **Dona Candu**
A ceramista Ricardina Pereira da Silva, dona Candu, aos 89 anos, residente na Vila de Coqueiros, onde, desde os 3 anos de idade produz diariamente pratos, panelas e outros utensílios domésticos a partir do barro

canavieira em Jaquaripe e Maragogipe, exceto por uns poucos engenhos às margens dos rios.[20]

Em 2005, em pleno século XXI, uma descendente de índios, dona Candu, como é conhecida Ricardina Pereira da Silva, ceramista de Coqueiros, alertou e solicitou apoio para sua arte.

> A gente se mata de trabalhar, as peças são vendidas por preços baixos e, mesmo assim, ninguém reconhece nosso esforço. Eles não sabem que trabalhando com barro estamos preservando uma arte cultural do Recôncavo.

58 - **Prato de nagé**
É uma tradição do baiano comer nesses pratos, principalmente em feiras livres e terreiros de candomblé

Na cerâmica baiana há um tipo de prato de barro polido, parecendo envernizado, decorado nas bordas, usado tanto para fins utilitários como decorativos, muito visto nos *pejis* e *ebós*[21] dos candomblés, conhecido como prato de Nagé. Apesar da designação pelo nome, atribui-se ao mesmo, como fonte de origem o Estado de Sergipe.

---

20 Conforme Schwartz, Stuart. Segredos internos. Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial, 1550 – 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Pg. 89

21 Ebós são as oferendas. Pejis são os altares das divindades, dos orixás.

59 e 60 - **Festa afro-católica**
Ruas cheias na reverência a São Bartolomeu, padroeiro de Maragogipe. Fiéis católicos se misturam ao povo de santo

Maragogipe

Samba-de-roda, bumba-meu-boi, caruru de Cosme e Damião, cerâmica, a filarmônica Terpsícore (uma das glórias artísticas da cidade), fazem parte do patrimônio cultural de Maragogipe. Acrescente a festa do padroeiro São Bartolomeu, comemorada no dia 24 de agosto. No passado, uma das mais importantes festas populares da Bahia. Prevalece o modelo afro-católico, se reverenciando, no mesmo dia, Oxumarê,[22] orixá, correspondente sincrético de São Bartolomeu. Enquanto na igreja e nos terreiros se realizam os ritos sagrados, na rua, a baderna impera: rodas de samba, capoeira, batuque, cachaça, fretes amorosos, roça-roça sexual, porrada. De respeito, a procissão e os preceitos.

Momento especial da festa era o desfile das filarmônicas. A de Nagé não faltava. Todo ano, olha ela lá. Estrepitosa, chegava (...)

> (...)soltando foguetes, que era um desespero, e tendo à frente originalíssimo baliza: uma creoula integral, meia-noite e trinta, grande e gorda como uma baleia, completamente de negro, metida numa veste talar. (...)

(...) Assim a descreveu o cronista baiano J.Silva Campos, em 1930. Num determinado ano, a filarmônica de Nagé apresentou uma novidade, qual foi a de trazer dois balizas.

61 - **Oxumarê**
Símbolo da continuidade da vida, a cobra que morde o próprio rabo é relacionada ao ancestral Oxumarê, a Dam, a Bessém da nação jeje, Arroboboia!

22 - A entidade Oxumaré tem como emblema a serpente-arco-iris, de funções múltiplas, que ao mesmo tempo é macho e fêmea. Às vezes é representado por uma serpente que se enrosca e morde a própria cauda, figura, que noutro contexto simbólico recebeu de Paul Valéry esta insinuação: eu mordo o que posso.

> Senhores o par da baliza era uma padre! Padre Onofre de tal, enfiado numa batina. O reverendo vinha eclipsando a afamada preta. É exato! Nunca jamais alguém vira pinchos, aús, letras e negaças tão rápidos e bem feitos como o que vinha ele executando. O tonsurado baliza dava tanto pinote num minuto, que o diabo não contaria em uma hora. (...)

(...) (E, olha que aús, letras e negaças são palavras do vocabulário da capoeira).[23]

Maragogipe está localizada no Sul do Recôncavo Baiano. Foi emancipada em 1850, e designado com o título de Patriótica Cidade, tal qual outras do Recôncavo, pela participação que tiveram na Guerra da Independência da Bahia (1823). Guerra, acontecida após o Grito do Ipiranga (1822), quando foram expulsas as tropas portuguesas que teimavam em permanecer sediadas no território baiano. No edifício da Câmara de Maragogipe esteve preso o General Labatut, que durante algum tempo da Guerra comandou o Exército Libertador. Um herói do Dois de Julho, nome popular da festa da Independência da Bahia, fato histórico emblemático para que este Estado do Brasil adquirisse personalidade de nação.

62 - **Forte Salaminas**
O Forte de Santa Cruz, também conhecido como forte da Barra do Paraguaçu ou forte Salaminas. Uma das suas pontas avança para o rio, onde se pode avistar a ilha dos Franceses. Foi construído com o intuito de impedir invasões inimigas ao Iguape e interior do estado da Bahia. O forte é localizado na Fazenda Salaminas, em São Roque do Paraguaçu. Construído no inicio do Século XVII, foi fundamental na guerra da independência da Bahia

23 Estas informações de J.Silva Campos foram encontradas no livro As Festas no Brasil Colonial de José Ramos Tinhorão, S. Paulo, Editora 34, 2000. Pg. 140.

Assim como em praticamente todo o Recôncavo, o eixo da vida econômica e social de Maragogipe girava em torno da cultura da cana de açúcar e do fumo para exportação; da mandioca e cereais para consumo interno. Produção agrícola, até antes da Abolição (1888), sustentada com emprego de mão de obra escrava. Terra de barão.

No final do século XVIII (1791), um acontecimento internacional – a revolução escrava de São Domingues (Haiti) –, repercutiu fortemente na economia baiana. São Domingos, uma antiga colônia francesa, no período imediatamente anterior à revolução, possuía, em escala mundial, a mais próspera lavoura exportadora de cana de açúcar e assim como o Brasil a sua agricultura era basicamente sustentada pelo braço escravo. Com a revolução, os escravos haitianos se libertaram e tomaram o poder.[24]

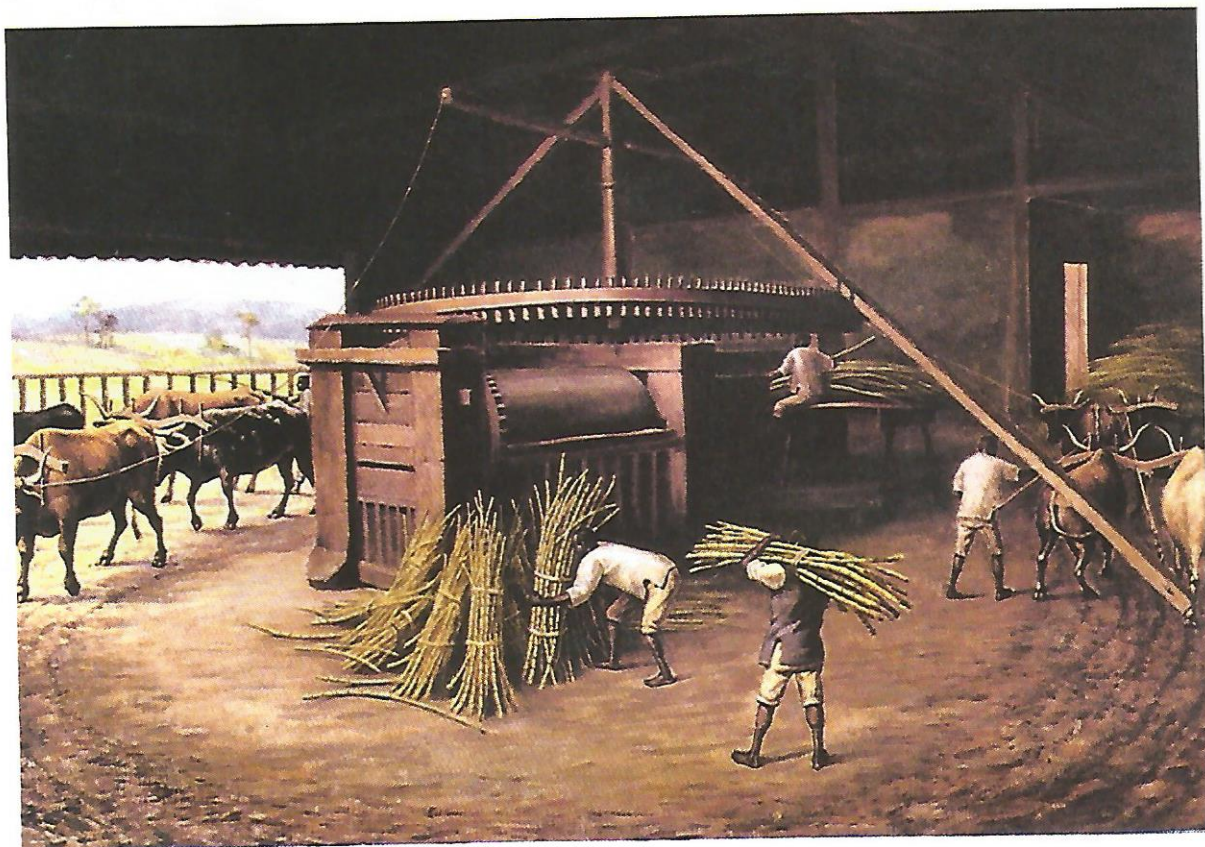
63 - **Revolta de São Domingos** A Revolução Haitiana, também conhecida por Revolta de São Domingos (1791-1804) foi um período de conflito na colônia francesa que levou à eliminação da escravidão e independência do Haiti. A revolução fez também estagnar a sua importante lavoura de cana-de-açúcar, o que, para suprir o mercado internacional, impulsionou a produção açucareira de Maragogipe

24 Com base neste correlacionamento histórico de dimensão internacional, talvez não seja o cúmulo do exagero afirmar que a globalização, na época, já projetava suas sondas, no mínimo, pela via do circuito econômico. Pelos fenômenos socioeconômicos ocorridos em alguns cantos do Recôncavo, por conta dessa revolução no Haiti, se percebe os sinais de que, aquela altura do tempo, o mundo já estava interligado e interdependente.

Fim da escravidão, fim da agricultura açucareira do Haiti. O fato provocou reações em cadeia nos demais produtores mundiais de cana, a exemplo do Brasil. Havia a premente necessidade de suprir o mercado internacional pela ausência do principal concorrente. Efeito simultâneo: a economia de Maragogipe cresceu consideravelmente, impulsionada em primeiro lugar pelo aumento das plantações e engenhos de cana com a finalidade de atender a crescente demanda do mercado internacional por aquele produto e seus derivados.

Para sustento deste crescimento se exportou mais e mais escravos da África, aumentando consideravelmente o índice de participação deles no quadro populacional.

> Uma estimativa de 1814 indica que haveria no Recôncavo em torno de 40.800 escravos espalhados por 408 engenhos, uma média de cem por engenho. Em cada engenho haveria não mais de seis brancos e mulatos, ou seja 2.450 em todos eles. Esses números, entretanto, não incluem os pequenos lavradores e os habitantes das vilas, o que certamente diminuiria a diferença entre livres e escravos.[25]

Engenhos de cana
A agricultura açucareira no Recôncavo Baiano chegou ao número absurdo de **40.800 escravos espalhados por 408 engenhos**, uma média de cem por engenho

25 João José Reis, Recôncavo Rebelde: Revolta escravas em engenhos baianos. Artigo publicado na Revista Afro-Ásia, Salvador, Ceao/Ufba, 1992. Pg. 101

Muitos escravos! Mão de obra essencial para a propulsão da agricultura canavieira do Recôncavo, mas com implicações agravantes de risco. Durante a primeira metade do século XIX a cidade da Bahia e o Recôncavo foram perturbados por uma série de rebeliões escravas, que ameaçaram a ordem do sistema escravista, provocando doses crescentes de medos e temores nos senhores, nos governantes e na sociedade em geral.

A correspondência histórica entre os acontecimentos de São Domingos com os do Recôncavo (onde se localiza Maragogipe) pode ser revelada por uma (óbvia) linha de causa e efeito, quando se põe em evidencia o fenômeno econômico – a agricultura açucareira. Raciocínio, contudo, insuficiente para confirmar a revolução haitiana como causa incitadora da série de rebeliões escravas que se sucederam na Bahia. Mas suposições não devem ser descartadas, sobretudo, porque os estudos sobre a escravidão têm demonstrado mais e mais que os escravos (como os do Recôncavo) possuíam redes de comunicação com raios de ação internacional. Constatação que tornaria oportuna a seguinte citação:

> Há evidencia de que os negros no Brasil sabiam do Haiti e o consideravam um símbolo de resistência negra no Extremo Ocidente.[26]

Outra pode ser a conclusão, quando o foco da atenção recai sobre aquelas possíveis vítimas das rebeliões negras. Neste caso, podemos passar dos indícios às evidências, das suposições às certezas, ao se constatar que a Revolução de São Domingos plantou nos senhores de engenho, barões, viscondes e condes, o medo dos escravos transformarem a Bahia num Haiti. Passaram do medo ao pânico, e isto alterou ainda mais o grau da intolerância dos senhores com seus escravos: regulando os movimentos, controlando os usos e costumes, proibindo os batuques, estabelecendo táticas de repressão aos quilombos, rebeliões e incrementando castigos.

Certamente o medo e o pânico influenciaram as autoridades de Maragogipe, na deliberação de atos, conclamação de alertas, elaboração e colocação em práticas de planos de policiamento dos escravos, após um ataque de cerca de trezentos quilombolas à cidade de Nazaré das Farinhas (também localizada no Recôncavo), acontecido em 1809. Joaquim Inácio da Costa (juiz de direito em Maragogipe)(...)

> (...)ordenou que os escravos vivendo longe dos senhores no ganho retornassem a suas casa em 24 horas, sob pena de serem presos e açoitados. (...). Os batuques e danças, feitos de dia ou de noite, foram terminantemente proibi-

26 João José Reis, Recôncavo Rebelde: Revolta escravas em engenhos baianos. Artigo publicado na Revista Afro-Ásia, Salvador, Ceao/Ufba, 1992. Pg. 101

dos. Finalmente o juiz pediu autorização para que seus agentes atirassem para matar contra qualquer escravo suspeito que resistisse à prisão.

Em 1814, os quilombolas voltaram a atacar, desta vez tendo como alvo o Iguape, onde se concentravam os grandes engenhos do Recôncavo. Neste ínterim, o juiz de fora de Maragogipe recebeu uma curta e alarmante correspondência do major João Francisco Chobi, chefe do destacamento de Maragogipe nestes termos:

> Participo a V.Sa. que se acha todo o Iguape incendiado e atacado pelos negros, e portanto passo as ordens necessárias aos meus soldados a fim da acautelar as consequências que se podem esperar. Segundo o juiz, os escravos planejavam se reunir no Engenho da Ponta, um dos maiores da região, para em seguida tomarem de assalto a vila de Maragogipe na outra margem do Paraguaçu.[27]

- **Revolta dos malês** Ser malê ou islâmico depois de 1835 era uma temeridade. Viver no solo baiano e brasileiro tinha como preço a clandestinidade do culto religioso. **As condições de vida dos negros eram as piores possíveis, sempre descalços e submissos aos senhores**

Em 1829, após outro levante dos escravos em Santo Amaro, os barões de Itapororocas, Jaguaripe, Rio de Contas e Maragogipe, aliados de outros poderosos do Recôncavo, apoiaram e pediram a imediata colocação em prática das medidas que o presidente da Província, o Visconde de Camamu (endossadas pelo ministério da Justiça) previra num plano de policiamento da região.[28]

A severa vigilância e a forte repressão que se abateram sobre os negros de Salvador, depois da Rebelião dos Malês, ocorrida em 1835, se estenderam para o Recôncavo, de onde vieram negros participar da rede de conspiração que fomentou a referida rebelião e dela participaram efetivamente como guerreiros. Tão certo é assim que a estas circunstâncias se pode atribuir a condição de causa por não ter acontecido, após 1835, nenhuma importante rebelião coletiva de negros livres ou escravos na Bahia. Nem por isto o espírito dessa gente esfriou totalmente, permanecendo latente e manifesto através de fugas, de enfrentamentos individuais às autoridades, assassinatos e suicídios, realizando seus batuques; atos que poderiam ser interpretados como de rebeldia. Segundo o pesquisador Nelson Araújo, a história de Maragogipe(...)

> (...)é como se fosse uma súmula da historia do Recôncavo.[29]

---

27 João José Reis, obra citada, pg. 104
28 Idem, pg. 107
29 Idem, pg. 118

Recôncavo Baiano

No tempo de Nagé (1923-1958), o Recôncavo não era mais aquele. Não era o mesmo de antes da segunda metade do século XIX, quando os seus condes, viscondes, barões e marqueses, donos de terras, de canaviais, engenhos e escravos mandavam nos destinos da Bahia e influenciavam nos rumos do Brasil. Cachoeira, Santo Amaro, São Félix, Maragogipe (principais sítios históricos da região) viviam absortos na morosidade do tempo e na estagnação da economia do Estado. Fenômeno (que perdurou até os anos 1960), batizado como "enigma baiano", cujas causas se decifravam facilmente. Porém, por falta de engenho e iniciativa das elites, não se sabia como anular os efeitos e superá-los, deixando a economia à deriva para ser pelo enigma devorado.

Também pudera, a cana de açúcar e seus derivados haviam perdido a condição de ser a principal riqueza exportável do Estado. Nos anos 50 do século passado, o movimento do porto indicava a predominância do cacau, proveniente de Ilhéus e Itabuna (sul da Bahia). Agora, o cacau, o petróleo e a Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso se constituíam nas principais riquezas do Estado.

No tempo de Nagé também ocorreram mudanças estruturais no sistema de transportes ligando Salvador-Recôncavo. O saveiro e o vapor, principais meios de transporte das mercadorias e passageiros na rota da Bahia de Todos os Santos, além do trem, perderam importância na função que desempenhavam. Em alta estavam os transportes rodoviários que transitavam pelas novas estradas, ligando o Recôncavo com a capital e abrindo caminhos para contatos diretos com outros Estados do Brasil,

66 - **Estação Ferroviária de Cachoeira**
O trem, além do saveiro e do vapor, foram grandes responsáveis por impulsionar a economia do Recôncavo, transportanto pessoas e mercadorias dos engenhos. A partir da segunda metade do século XIX, essa mesma economia começou a ficar à deriva. Com os transportes rodoviários, as locomotivas e saveiros foram parando. A região, por consequência, também estagnou

sem a intermediação de Salvador.

Nem por isso, por mais radicais que fossem as mudanças, não se interromperam as ligações de Salvador com o Recôncavo, região com a qual partilha de forma indivisível o mesmo espaço geográfico, e mantém até hoje fortes laços de correlações de diversas naturezas. Não se interrrompeu o fluxo de gente de um para o outro local, movimento inaugurado e fortalecido no período do Brasil colonial. Fluxo migratório que a partir dos anos 50 com o processo da industrialização baiana (a Petrobrás desempenhou papel preponderante neste aspecto) atraiu famílias do Recôncavo em busca de melhores condições de vida (trabalho, estudo, urbanidade), mais facilitado em razão da acentuada decadência das bases tradicionais da economia da região.

Nem tampouco as afinidades culturais existentes entre Salvador e o Recôncavo se extinguiram por força das mudanças. São de nascença. Os escravos que vieram para o Recôncavo, na sua maioria, pertenciam às mesmas etnias dos da capital. Embora primassem pela diversidade e originalidades, suas expressões culturais se assemelhavam: samba dos mais diversos tipos, reisados, lendas, contos... O que os negros de lá cantavam, tocavam, dançavam, os negros de Salvador repetiam, emendavam, imitavam e vice versa.

Reverenciavam os mesmos santos e orixás, tinham os mesmos motivos para festas, muitas das quais celebravam em comum. E os sinais de conspiração dos negros de lá eram decifrados pelos de cá, e assim sucessivamente. Por isso, se juntaram para participar de varias rebeliões escravas. Num e noutro lugar compuseram uma mistura étnica, diversificada e amalgamada com os índios, os portugueses e outros estrangeiros, construindo, além de traços físicos confundíveis e inconfundíveis, uma floresta de mitos apinhada de seres sobrenaturais muitos dos quais povoaram o imaginário da gente do Recôncavo e da capital (o Lobisomem, o Caipora, a Mãe d'Água, a Mula Sem Cabeça, o Boitatá, o Saci Pererê, o Quibundo e as almas do outro mundo).

67 - **Transformação: o petróleo na Bahia**
O 'ouro negro' descoberto na capital determinou para a Bahia o começo de uma nova era, que trouxe progresso econômico e devastação ambiental. Mas, para o petróleo se consolidar, foi necessário a força do homem, como mostra a foto do início dos anos 40. Boa parte dessa mão de obra veio da região do Recôncavo, a aquela altura em decadência

Afinidades dos capoeiras. As transações comercias, entre Salvador e o Recôncavo

68, 69 e 70 - **Festa de São Nicodemus e Procissão Bom Jesus dos Navegantes**
As tradições, a fé nos santos e orixás e as afinidades culturais existentes entre Salvador e o Recôncavo são de nascença. **Os escravos que vieram para o Recôncavo, na sua maioria, pertenciam às mesmas etnias dos da capital. E lutaram as mesmas lutas, identitárias, sociais e marciais (capoeira)**

Local de encontro de bambas
Os trabalhadores envolvidos nas transações comerciais entre Salvador e o Recôncavo proporcionavam encontros de capoeiristas das duas regiões. **À vontade, descalços e sem muitas regras - até violão compunha a orquestra -, as rodas festivas aconteciam nas feiras livres, cais, porto e mercados.** No berimbau, ao centro, mestre Gigante (de bigode), uma das referências da capoeira baiana

movimentaram não só o porto principal, localizado no bairro Comercial, como os "pequenos portos" (ancoradouros dos saveiros e de outras embarcações de pequeno porte), que ancoravam nas enseadas das praias entre o Rio Vermelho e a Ribeira. No meio desse trecho, o Porto da Barra, Gamboa, ancoradouro da Preguiça, Rampa do Mercado, Cais do Ouro, Cais das Amarras, Feira do Sete, Água de Meninos. Boa Viagem. Em todos esses portos e em períodos salteados da história, certamente, se registraram encontros de capoeiras baianos com os do Recôncavo. Muitos capoeiristas foram carregadores, estivadores, saveiristas, remadores, feirantes, arrumadores de armazém que faziam hora e rodas naquele trecho que se tornou emblemático para a história da capoeira baiana.

O Recôncavo na capoeira baiana

Na linha de frente da capoeira da Bahia se escalam muitos nomes de capoeiristas e mestres nascidos ou criados no Recôncavo, em épocas diferentes. Além do mestre Nagé, são eles:

Cobrinha Verde, mestre das mandingas, primo e discípulo de **Besouro.** De Besouro Mangangá, Besouro Cordão de Ouro, Besouro Preto, Besouro de Santo Amaro – Besouro de vários nomes e disfarces por ser o principal alvoroço na história da capoeira.

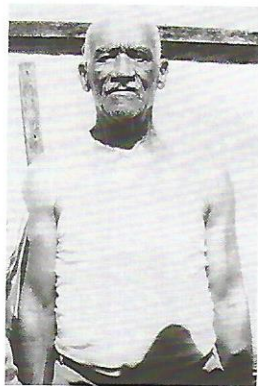
Santugri, quando vadiava, do seu corpo corria o mel como escorre a lenda pelas veias da história. Segredos do Santo Cristo: capoeira por sina, destino. Nasceu no mesmo lugar onde se celebra o negro fugido, Acupe, terra de Bigodinho.

72 e 73 - **Mestre Cobrinha Verde**
Rafael Alves França, o mestre Cobrinha Verde. Natural de Santo Amaro e mandingueiro dos mais destacados, foi aluno de Besouro Mangangá, segundo ele conta no livro Capoeira e Mandingas, de 1990

74 - **Batuque**
Os mestres Bernardo de Nazaré das Farinhas e Tiburcinho de Jaguaripe. Influências de mestre Bimba na criação da capoeira Regional

Tiburcinho e Bernardo, camaradas na capoeira e no batuque-luta. Boa gente das bandas soltas e amarradas de Jaguaripe e Nazaré das Farinhas. Quando abriram o baú, de dentro soltaram fundamentos da Regional e da Angola. Tal e tais.

Siri de Mangue, Neco Canário Pardo e Paulo Barroquinha:

Mininu quem foi seu mestre
Meu mestre foi Barroquinha
Barba ele não tinha
Metia o facão na poliça
E paisano tratava ele bem.

75 - **Totonho de Maré**
Natural da Ilha de Maré. Um nobre

Era o Tempo dos Valentes: a valentia, matéria prima de ladainhas.

Totonho de Maré. Velho mestre. Apesar da escassa biografia, e, independente de carisma e história; sua nobreza permaneceu intacta. Membro da galanteria da capoeira da Bahia.

Traíra. Alma profana, traíra, letal, sem piedade e dó. Filho de Cachoeira do Paraguaçu, de onde se picou fugido da policia. Um caso a parte: peixe vivo fora d'água fria com fôlego para viver até no xilindró. De viseira fatal, escarrerava meninos e até quem tinha nervos de pó. De Cachoeira também foram **Vadú** e **Arnol.** Imperdoável seria

esquecer **Caiçara.** Mestre que, no dia 2 de Fevereiro, por preceito e puro prazer, carregava balaio de flores para Iemanjá.

Espinho Remorso, Doze Homens, mais dois da mesma cidade e da turma de Besouro Mangangá.

76 - **Mestre Caiçara**
"Senhores telespectadores..." com essa frase o mestre abria suas falas por onde passava, já antecipando a fase midiática da capoeira. Na foto acima, de 1980, Vicente Sampaio flagra o cachoeirense na Festa de Iemanjá, no dia 2 de Fevereiro, no mar da praia do Rio Vermelho, em Salvador

"Esta é uma história
De natureza baiana
Que envolve o Recôncavo
O massapê e a cana
O engenho, a usina,
O candeeiro de manga,
O carreiro que conduz
A junta de boi de canga"
....

(...) 'Eu lhe encaro
Venha cá pra conhecer
Besouro de Santo Amaro!'

Ao dizer isso, ele deu
Uns três saltos para trás
E de facão na mão
Destemido e audaz
Esperou por Doze Homens
Que também estava armado
E gritando: 'Vem que tem
Você vai sair cortado!'"...

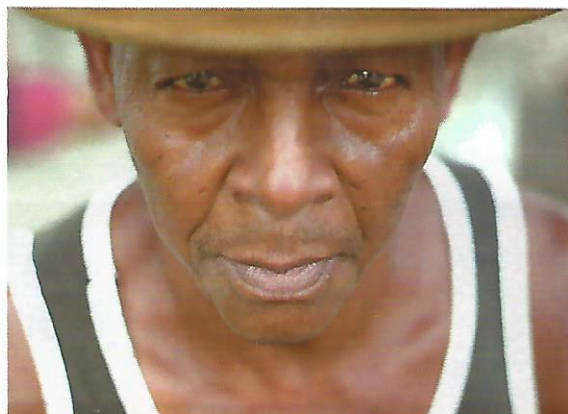
Literatura de Cordel

O ENCONTRO DE BESOURO COM O VALENTÃO DOZE HOMENS

Antônio Vieira

5ª edição
Novembro de 2009

77 e 78 - **Cordelista Antônio Vieira**
Baiano de Santo Amaro

79 - **Mário Buscapé Bonfim**
De São Francisco do Conde

80 - **Mestre Carcará**
O baiano de Santo Amaro

81 - **Marcelino dos Santos**
Escreveu livro sobre Cobrinha Verde

82 - **Mestre Ferreirinha**
De Santo Amaro, radicado em Salvador

83 - **Mestre Bigodinho**
Sambista e capoeirista, filho da cidade do Acupe

84 - **Mestre Gato Preto**
Santamarense andou por meio mundo

85 - **Mestre Felipe Santiago**
Outro bamba de Santo Amaro

Turma à qual pertenceu **Juvêncio Grosso**, padrasto de **Chumbinho.** Os dois de São Francisco do Conde. Pelas mãos de Juvêncio passou uma cobra mansa: João Pequeno de Pastinha. Desta mesma cidade é **Mário Buscapé**, que no Rio de Janeiro deixou rastro e linhagem. Queira Deus vire uma árvore!

Inesperadamente um novo nome surgiu. E vem de Santo Amaro a surpresa: **Júlio Meia Volta**. Nunca se ouviu falar de alguém que fizesse o que ele fazia. Entrar de ré na cidade. Nem nos faroestes americanos, caboclos ou italianos. Podia fazer isto por cisma, desconfiança ou simplesmente arrelia. Os capoeiras de Santo Amaro tinham cada mania.

Ainda de Santo Amaro, **Pé de Onça** e **Noca de Jacó**, que narrava os lances da vida de Besouro, colando as peças do dominó. Liberac que o diga! **Gote** e **Gato Preto**, capoeira de pai para filho que, sem muito alarde, andou por meio mundo afora, ensinando a talhar e contar os golpes da capoeira. **Marcelino**, autor do livro Cobrinha Verde, Capoeira e Mandingas. **Ferreirinha**, **Felipe**, **Lampião**, **Macaco**, **Ivan**, **Carcará** e tantos outros. Se pedirem uma lista a Zilda Paim, professora de Santo Amaro, ela entrega um por um até passar de mil.

Francisco de Assis é Bigodinho. Bigodinho é o próprio **Gigante**. Sim o *Berimbauman*. Todo mundo lhe conhece ao longe, mesmo que nunca lhe tenha visto de perto. Por mais que devassem sua intimidade, há sempre um carretel de farsas a se descobrir. Às traças, a capoeira sem farsas!

86 - **Lampião**
Reinaldo Lima dos Santos, o mestre Lampião de Santo Amaro é capoeirista e pesquisador

87 - **Gigante, o 'Berimbauman'**
Antes de sua morte, em 2016, em sua casa, no bairro da Federação, o mestre com seu berimbau lembra das rodas de Waldemar, de Cobrinha Verde, de Bimba e de Pastinha. Em todas elas, era elogiado e respeitado

"Eu sou pequeno
O meu berimbau é grande
Na roda de capoeira
Eu toco São Bento Grande"

(Trecho de cantiga do mestre Gigante 1921-2016)

"Gigante pela
própria capoeira"

(Frede Abreu, ao se referir ao mestre Gigante)

"Berimbauman"

(Apelido que o mestre Gigante ganhou de Frede Abreu)

Antonio Boca (ou **Fucinho**) **de Porco, Tico** e **Gasolina**. Deus me livre dessa trinca!

Bubuca, Mundinho, Alfredo, Melquiades, Biguara (gente sem fama).

Kidu, Lazário e **Olavo de Muritiba**, este bem que podia ser o magnata do berimbau.

Das ilhas: **Folô de Hostila**, no Mar Grande, **Eugênio Tiago da Costa**, em Amoreiras. **Gerson Quadrado**. A elegância dessa gente que com tropeços sabe armar cortes de capoeira, moldar passos e trechos de samba. Sobre Folô de Hostila e Eugênio da Costa, acrescento estas informações:

> Sabiam dar a meia lua de compasso, o raspa, a tesoura, o rabo de arraia, e o golpe espetacular do cambapé. O Tiago, na agilidade do salto era assombroso. Não houve quem o superasse. Na roda dos capoeiristas era conhecido pela alcunha de Gato Preto. Sua arma predileta era o facão rabo de galo, com a lâmina bem afiada, para fazer, dizia ele, a barba dos valentes. Morreu ao 70 anos, sem ter sofrido uma derrota nas pelejas que pelejou.

Licuri e Dendê – prova humana de que a capoeira da Bahia

> Que é tudo o que a boca come –, (...)

(...) come licuri que bota dendê. Tem dendê.

Waldemar da Pero Vaz. Paixão pela arte, cerveja e todas as *girls*. Querem saber mais? Leiam o livro O Barracão do Mestre Waldemar – Frede Abreu, Editora Barabô.

Basílio, Rio da Dona e **Manoel Vinte e Hum** que fazem parte das Histórias e Estórias da Capoeiragem do Mestre Bola Sete

88 - **Cassarangongo**
O mestre radicado em Santo Amaro da Purificação desde os 12 anos de idade foi discípulo de Benedito e era puxador de boi de carga da usina que lhe apelidou

Antônio Cassarangongo – Antônio Elói dos Santos, o mestre Cassarangongo, nasceu em Natal, capital do Rio Grande do Norte, em 1911, e aos 12 anos foi morar em Santo Amaro da Purificação, onde aprendeu capoeira com o mestre Benedito. Trabalhou na usina de cana-de-açúcar chamada Cassarangongo. O mestre era puxador de boi de carga da usina. Daí, surgiu seu apelido. Morreu em 2008, aos 98 anos.

Não só pelos nomes se mede a importância da capoeira do Recôncavo para a formação da capoeira baiana. Atente para a musicalidade e os mitos nela integrados que se perceberá a presença de outros fatores relevantes e afirmativos da importância Nas letras das canções aparecem referências a Barro Vermelho (Itaparica), Ilha de Maré, Mutá, Maracangalha, Maria do Cambootá, Cachoeira, Santo Amaro, lugarejo da região. Não fica nisto. Percute na sonoridade do berimbau, da viola da negaça e do pandeiro. Na levada do palmeado, na puxada do cantor, nos modos do coro responder,

nos batuques e sambas de lá que a capoeira absorveu. Uma pesquisa mais apurada poderá, inclusive, redescobrir outros costumes musicais do Recôncavo não mais usados nas rodas atuais da capoeira. Com relação à influência dos mitos ela foi notável na composição do imaginário da capoeira, onde homem vira bicho (besouros, gatos, onça), pé-de-mato, bananeiras, somem quando perseguidos, seduzem com feitiços (coisa feita com arte e sedução). Onde a mandinga come solta, fecha o corpo, invisibiliza a pessoa. Querem prova? Penetrem na floresta de mitos do Recôncavo.

A matriz da capoeira na visão do mestre Bimba:

> Os negros, sim eram de Angola, mas a capoeira é de Cachoeira, Santo Amaro e Ilha de Maré, camarado!

A complexidade da afirmação provoca desdobramentos de natureza conceitual sobre a questão das origens:

> Atribuir à capoeira angola uma origem autêntica (essencial, sem invenção histórica) é nada saber da dialética complexa do processo de constituição desse jogo no território nacional. O que existia mesmo, nos começos, eram formas diversas de uma capoeiragem primitiva, antiga, que a exemplo da região do Recôncavo, encaminharam-se para uma síntese urbana em Salvador. Angola e Regional são formas diferenciadas dessa síntese.

Esses argumentos de Muniz Sodré retiram da angola a maternidade da capoeira, e a condição dela ser a fonte primitiva e exclusiva de toda sua história e tradição. Os argumentos, evidentemente, podem ser alvos de questionamentos, principalmente por parte dos angoleiros ortodoxos, embora novos estudos acenem para antes da angola, a presença primordial de formas diversas de uma capoeiragem primitiva. E de que não se limitou à capital – Salvador – o campo de fecundação da capoeira baiana.

Para o Recôncavo também se requer as origens do samba-de-roda, do samba-de-pandeiro e viola, e de tantos outros tipos de samba. Do batuque luta, do maculelê e de outras manifestações da cultura afro-baiana. Todas elas com interfaces com a capoeira. Das nomeadas, o samba-de-roda é o que permanece mais vivo, viçoso, vistoso e sensualmente gostoso, reconhecido e especificado (samba-de-roda do Recôncavo Baiano), apesar de tanta semelhança com os demais, partilhados pelos pequenos mundos do Recôncavo Baiano. Este samba mostra-se vigoroso e atento às políticas públicas de cultura colocadas em ação pelo Ministério da Cultura, do então Governo do presidente Lula.

Recentemente reivindicou e adquiriu (em 2007) o reconhecimento como um bem patrimonial de natureza imaterial da cultura brasileira por parte do Instituto do Patrimônio Artístico Cultural (Iphan). Foi decisivo para isso, o fato dessa manifestação ter se preservado e renovado através das suas formas originais de expressão, apesar das mudanças nelas ocorridas e das muitas influências que soube digerir ao longo da história.

Se resistência pode ser uma palavra que defina este movimento histórico do samba, ela não se aplica ao que aconteceu com a capoeira mãe do Recôncavo, que quanto à forma original, arcaizou-se, desintegrou-se e perdeu-se no breu da história. Fatores, entre outros, que dificultam em muito uma inversão de destino histórico. Que a faça remoçá-la e voltar a viver integralmente sob a luz do sol.

Esta capoeira ainda pulsa, é verdade. Mas, sim, nos retalhos-memórias dos velhos praticantes, sem mais juntas das articulações para o jogo; fragmentada nos documentos históricos; evocada nas letras das músicas e nos toques da viola da negaça; reverenciada pela literatura de Muniz Sodré, besourada nas pesquisas realizadas por Antonio Liberac, Carlos Gerardo Vasconcellos e Adriana Jacob. Permanece nas lembranças de Noca de Jacó,(...)

> (...) que mencionava rodas onde entravam berimbau, viola e cavaquinho, que tinha jogo-de-dentro, meia-lua, sarto mortá e servia para enganar, para pegar a ferramenta(...)

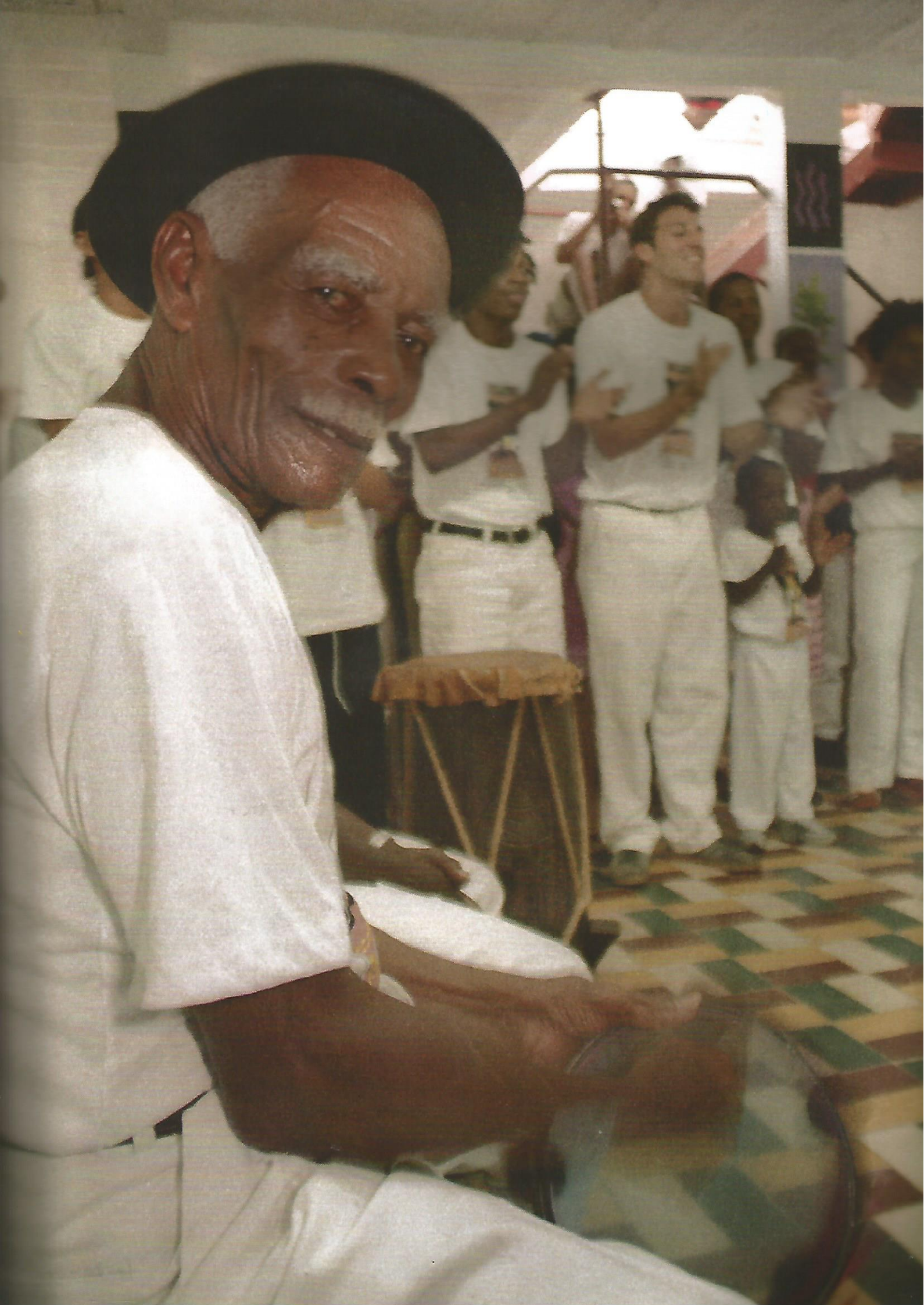
(...) (sinalizando uma pista de interfaces entre o mundo do trabalho e da brincadeira). Continua almejada nos eventos anuais de Lua Rasta, direcionados para localidades da região (Santo Antonio, Nazaré, Santo Amaro, Itaparica, Vera Cruz) –, uma ação quixotesca e ao seu jeito com o fim de manter em pé o morrão da antiga capoeira-batuque do Recôncavo. Quem ainda nela insiste é Jair Moura com a mania de querer colocar em uso o que está em desuso; de tentar reter pela via espírita a capoeira clássica de Tiburcinho de Jaquaripe para com ela alimentar e continuar moldando a capoeira "hodierna", atual.

Dela também temos notícias pelas informações dadas por Atenilo, no livro de Itapoan, sobre locais, ambientes e oportunidades de prática (ruas, fazendas, feijoadas e rinhas de galo), nos velames dos valentões, capazes de antecipar com as faíscas das facas e florões dos facões, os clarões das alvoradas; no rastro de elegância que nos legou Gerson Quadrado; na silenciosa serenidade do mestre Felipe, nos alvoroços perticazes de Carcará (que faz que pega, matá e come), nas brincadeiras de mestre Ivan, no documentário Memórias do Recôncavo: Besouro e outros capoeiras, 2008, de Pedro Abib. A capoeira hoje jogada no Recôncavo apenas imita a praticada na Bahia e em outros Estados do Brasil.

'Sou homem de roupa branca. Passo dentro da lama e não me sujo'

(Gerson Quadrado)

89 (foto ao lado) - **Gerson Quadrado**
Gerson Francisco da Anunciação, capoeirista, sambista e violeiro, nasceu, em 1º de julho de 1925 na Gamboa/Vera Cruz, Ilha de Itaparica e morreu em 2005, aos 80 anos. Rastro de elegância

90 - Água de Meninos - incêndio
A feira ardeu em chamas. No lugar de verduras e frutas, cinzas e destruição. Agouro das autoridades ou ação premeditada?

Água de Meninos: crime ou castigo?

NO DIA OITO de setembro de 1964 um incêndio destruiu a Feira de Água de Meninos, na ocasião o principal centro de abastecimento de Salvador. Ficava localizada na Cidade Baixa, na linha da zona portuária, banhada pelas águas da Baía de Todos os Santos.

O *delenda est Catargo* (destruição) da Grande Feira vinha sendo anunciada como inevitável, em prol da modernização de Salvador, indispensável para os almejados melhoramentos do porto dessa cidade. Naquele tempo a ela (feira) não se atribuía nenhuma dimensão cultural e estética. Não se pensava em preservá-la, no mesmo lugar, ordenada e melhorada, como um patrimônio de arquitetura e urbanismo, ainda que gozasse de certa simpatia por parte de frequentadores intelectualizados.

O incêndio teria sido crime ou castigo? Para os poderes municipal e estadual, castigo. As autoridades condenavam constantemente a falta de higiene e insalubridade do local. Alertavam para o perigo que representavam a precariedade das barracas e o amontoado de mercadorias perecíveis, na feira estocadas. Agouravam: o fogo facilmente poderia transformar em calamidade pública restos, cinzas, pó, aquele mulambo, não obstante ser o maior mercado a céu aberto da cidade. Se as autoridades quisessem, havia condições

91 a 94 - **Incendio criminoso**
De nada adiantou a tentativa dos desesperados feirantes de apagar as chamas do incêndio que engoliram a maior e, naquela época, mais importante feira livre de Salvador

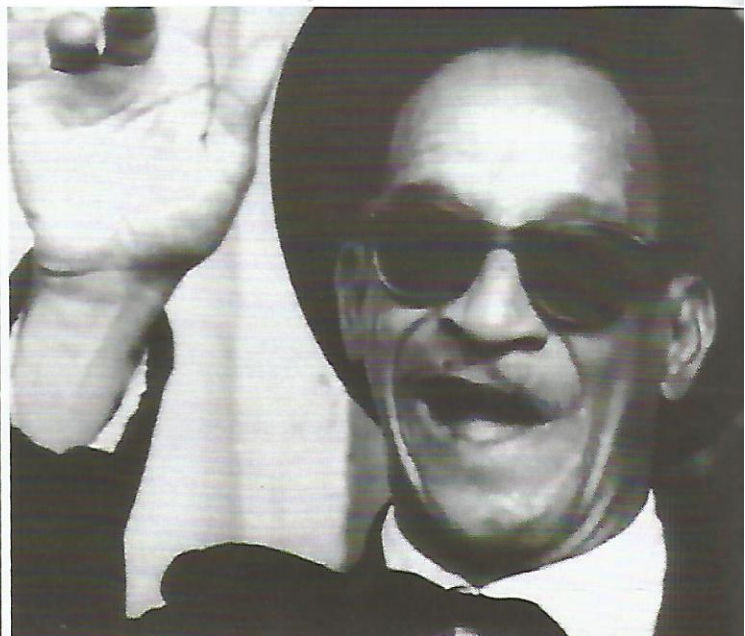
favoráveis para esconder como fruto do acaso um incêndio criminoso.[30]

Crime! A Feira vai ser engolida pelos tubarões! A Grande Feira vai acabar! Denunciava Cuíca de Santo Amaro, o "Chicote do Diabo", poeta popular da Bahia, enxergando, por trás das intenções das autoridades, a fome dos tubarões. Seu cordel estava politicamente atinado. Tubarão era o termo com o qual as facções políticas de esquerda taxavam o imperialismo econômico, em especial o americano, fisicamente presente no fundo da feira com os tanques de inflamáveis da Esso, empresa multinacional que seria favorecida com a ampliação do porto de Salvador.

O incêndio fora pré-visualizado pelo filme A Grande Feira, de Roberto Pires, em 1961. Uma fábula sobre o cotidiano dos feirantes, tomando como eixo as ameaças por eles sofridas para abandonar o local da feira. E documentava as articulações do sindicato dos feirantes, no sentido de encontrar alternativas para a situação. Na composição do roteiro entrou uma história escutada por Glauber Rocha (produtor do filme) contada pelo capoeirista Canjiquinha, que para ele falara de Chico Diabo e de Maria da Feira, que se tornariam personagens documentais do filme.

Chico Diabo, interpretado por Antonio Pitanga, é um marginal, conhecedor de

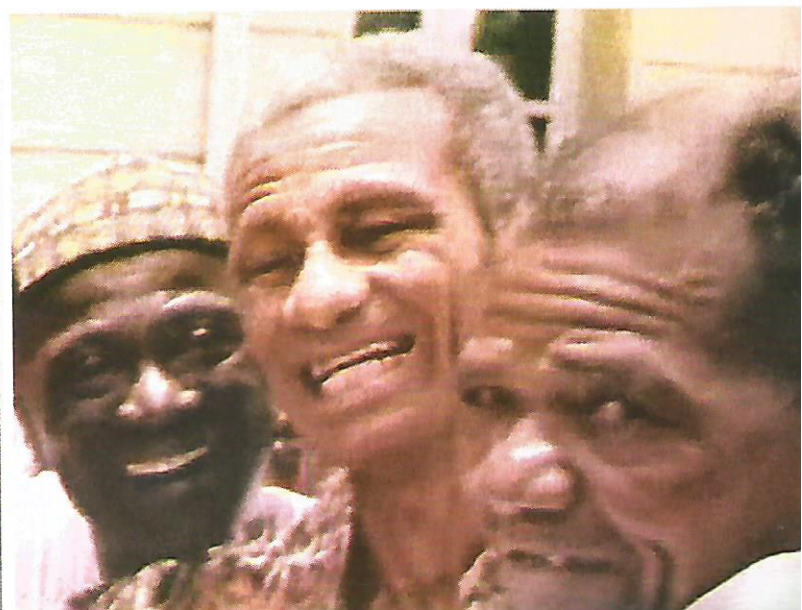
95 e 96 - **Cuica de Santo Amaro**
O poeta, cordelista e trovador baiano, nomeado por Jorge Amado como o Trovador da Bahia, criticou a intenção das autoridades em acabar com a Feira de Água de Meninos. 'A grande feira vai ser engolida pelos tubarões!'

30 - Quem quiser relancear cenas filmadas da Feira adianto esta referência: http://www.youtube.com/watch?v=ULIWyPuoiyg, e o filme a Grande Feira, dirigido por Roberto Pires, realizado em 1961.

traços da capoeira, da qual faz uso para safar-se de situações de nós e apertos, que aparecem em algumas cenas do filme. Na história em que se meteu, pretendia resolver a questão na base do vou tocar fogo em tudo. Senha para a tragédia que pretendia deflagrar, dinamitando os tanques de inflamáveis, localizados no fundo da feira, que a mandaria pelos ares.

Nem nós nem eles!

Crime! As suspeitas sobre as causas do incêndio se tornaram evidentes quando se investigou o tratamento dado pela Esso aos resíduos de combustível expelidos pelos tanques. No entanto, só 17 anos depois, através de um processo cabuloso, do tipo *kafkaniano*, essa empresa foi considerada a única responsável. Como ato criminoso se julgou a ação de um homem que, cinco dias após a tragédia, tocou fogo nos depósitos de madeiras da feira, destruindo as cento e vinte barracas que se salvaram do primeiro incêndio.[31] O imperativo *delenda est Catargo* foi cumprido à risca. A feira foi destruída.

97 e 98 - **Glauber Rocha e mestre Canjiquinha** Um dos produtores de A Grande Feira, filme de Roberto Pires, foi o genial Glauber, que contou com a paticipação de mestre Canjiquinha no elenco. Na foto 98, Canjiquinha aparece ladeado pelos mestre Gato e João Pequeno

31 - Estas informações foram retiradas do artigo de Peterson Jorge da Silva Borges, intitulado: O incêndio da feira de Água de Meninos em 1964, disponível in: bahia3.ucsal.worldpress.com

99 - **Feira de encontros**
Muitos capoeiristas trabalharam pesado e se conheceram em Água de Meninos, onde eram descarregadas mercadorias vindas do Recôncavo em saveiros

Na Feira de Água dos Meninos, Nagé cortava sua dureta. Foi carregador e arrumador de armazéns das mercadorias que embarcavam e desembarcavam dos saveiros provenientes (do) e destinadas (ao) Recôncavo, atracados na beira da enseada, colada à feira. Cortar dureta, trabalho pesado para o qual se escalavam, desde o tempo da escravidão, preferencialmente, negros fortes que aguentavam o rojão, realizando serviços que imprimiram algumas características no corpo daquele tipo de trabalhador.

> Requeria um físico forte para aguentar o desgaste constante. Pernas rijas, artelhos resistentes, braços musculosos, coração de ferro, pulmões de aço.[32]

32 - Descrição de Hildegardes Vianna para o carroceiro, aqui adaptada para o carregador, dada a semelhança existentes entre eles, relativa a vários aspectos. O livro de Hildegardes chama-se A Bahia já foi assim , Salvador, pg. 98

100 - **Universo de movimento cultural**
Água de Meninos era um caldeirão cultural e social, com gente de todas as partes e classes da Bahia. **Em meio aos sacos de farinha e balaios cheios, cada um trazia a sua cultura, as suas crenças, manhas e malícias.** Além de tudo, Água de Meninos era um centro de arte popular expressa na culinária, artesanato e elementos religiosos

Braços alongados como os de Nagé. E como os de Totonho de Maré, carregador do cais, que escalava paredes como se fosse lagartixa. Braços de ladrão como maliciosamente eram denominados.

> Numa determinada ocasião, Totonho de Maré capoeirista e jogador de cartas certamente flagrado jogando, pela polícia, subiu numa parede lisa o que levou o delegado a dizer: 'isto não é um homem é uma lagartixa'.[33]

Água de Meninos era um universo cultural muito rico, aberto às transações de múltiplas naturezas, frequentado por gente de procedências geográficas diversas e de distintos segmentos sociais. Por necessidade vital, funcionava preservando a sina de liberdade que acompanha as feiras livres, desde quando surgiram há muitos séculos atrás. Zona de predileção para os negros que sobre aquele espaço podiam exercer algum domínio.

Não há, pois, sentido em limitar a Feira de Água de Meninos a um comércio de hortifrutigranjeiros, até porque a diversidade dos produtos comercializados ali não cabia nesta classificação. Dela não se poderia suprimir, por exemplo, sua importância à exuberância da arte popular baiana, expressa na culinária, artesanato, elementos da religião católica e das de matrizes africanas; nos modos de mercar, na literatura de

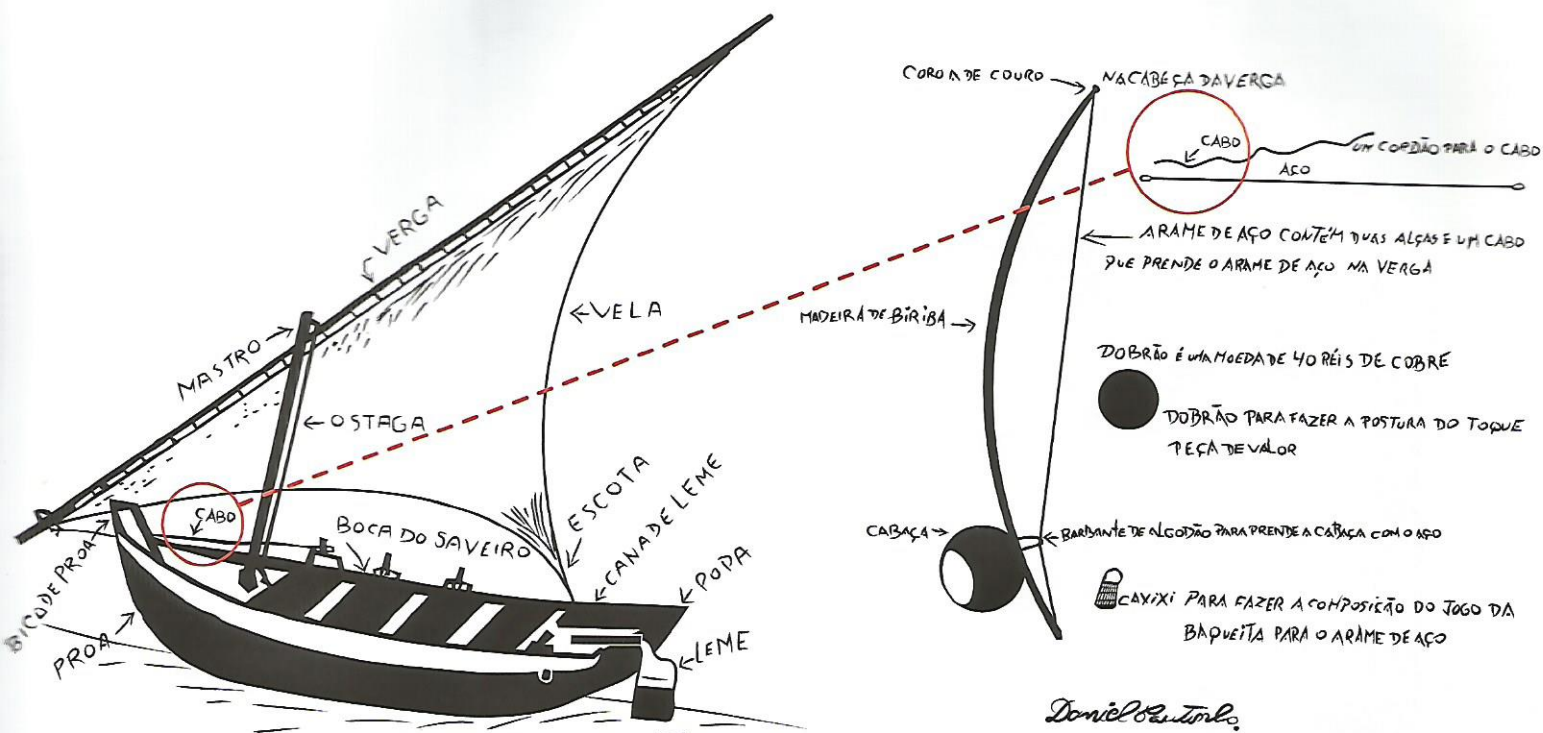
33 - Heliogábalo Pinto Coelho. O Histórico da estiva: um relato de 1912 até os dias atuais, Salvador, Sindicato dos Estivadores e dos trabalhadores em estiva de minérios de Salvador e S. Filho, s/d. Pg. 63

101 - **Artimanhas** Tamancos e lenços para isolar os efeitos da navalha, a *nife*, assim apelidada por ser a marca do fabricante. "A arma de mais valor para um capoeirista é a na valha, a *nife*. Arma curta e ligeira para quem sabe manobrar, para aqueles que são desordeiros", registrou mestre Noronha no livro O ABC da Capoeira Angola

cordel, nos desafios dos cantadores, nos tratos pessoais, na arquitetura e traçados dos becos e vielas, nos móveis e utensílios domésticos, nos brinquedos, na arte de carregar peso, nos tratos pessoais, entre outras coisas mais; para as bocas clandestinas onde se traficavam a erva (maconha) e a poeira (cocaína) malditas. Por tudo isso, para a capoeira uma escola rica, bela e perigosa de experiências.

Adianto porém a informação de que a Feira de Água de Meninos sempre foi destacada pelos capoeiras como um mercado onde eles podiam comprar a verga, a beriba, o couro de bode, de cobra e de boi para encourar os "bodes" (pandeiros) e atabaques. Lá também eles compravam o caxixi, o reco-reco e o agogô – instrumentos da xaranga da capoeira. Chapéus de palha e o egrete, penas que servem para adorná-los. Alpercatas de verdureiro. Armas como facas, punhal, berro, canivete e por debaixo do pano: *nife*, punhais dos marinheiros, e canivetes importados. Tamancos e lenços para isolar os efeitos da navalha. Garrafadas, bebidas preparadas para cura de males – um centro de ciências e manhas. Um centro de ciência e manhas.

Deve se salientar que as mesmas manhas usadas pelos capoeiras na fabricação do berimbau os saveiristas também consideravam para os mastros do saveiros;

102 - **Saveiro e berimbau**
As embarcações onde muitos capoeiristas trabalhavam tiveram forte influência nos artesãos do berimbau. Mestre Waldemar da Paixão batizava alguns de seus berimbaus, por exemplo: Ás de Ouro e Celeste. Eles tinham o mesmo colorido dos saveiros

> Madeiras cortadas nos períodos de força da lua. São as peças de grande responsabilidade, linheiras e flexíveis, das quais é utilizada apenas o âmago (cerne), sendo retirada da periferia a casca, as partes brancas (denomina-se roletar ou tornear a mostra) deixando-o o mais redondo e liso possível par melhor correrem às empunhadeiras.

Há outras ligações do berimbau com o saveiro. O costume de se nomear estas embarcações (Anjos do Mar; Bonito é Ver; Flor do Mar; Força do Destino e É da Vida), coincide com hábito do mestre Waldemar da Paixão em batizar alguns de seus berimbaus, por exemplo: Ás de Ouro e Celeste. O mesmo colorido dos saveiros, de algum modo se assemelha com os do berimbaus do mestre. Nessa ligação berimbau/saveiro, o mestre Noronha indicou uma peça chamada "cabo" comum aos dois.

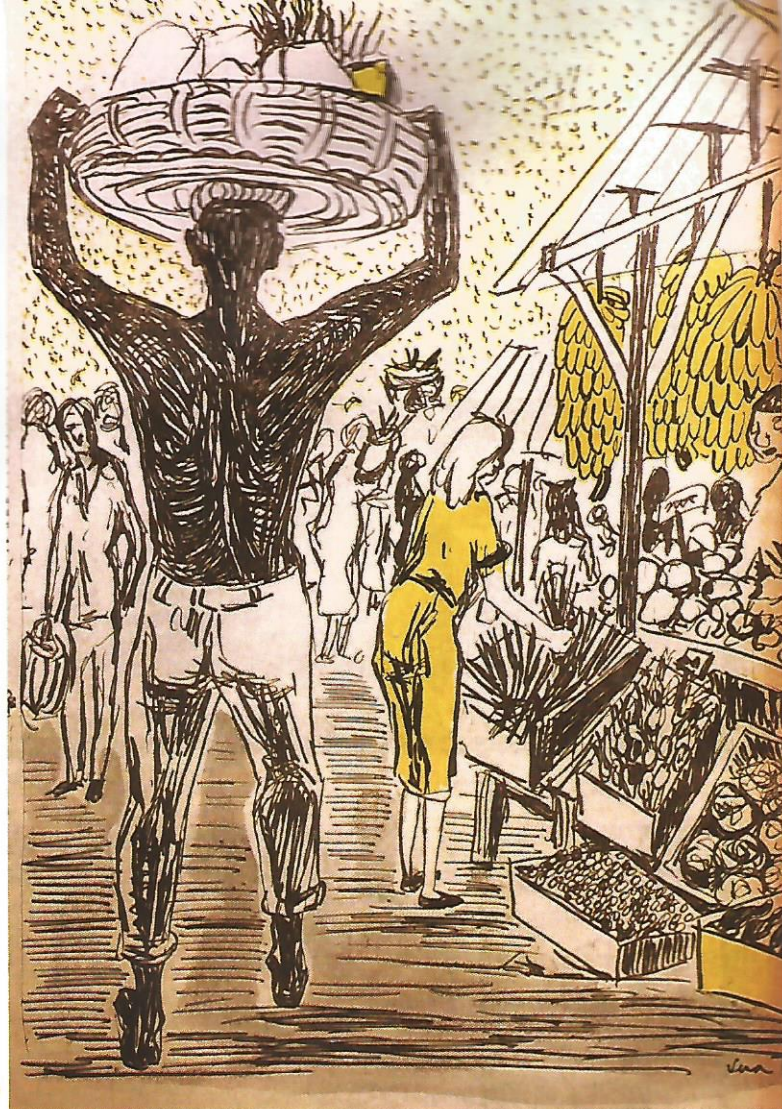
Para a história das rebeliões escravas acontecidas na cidade do Salvador, durante a primeira metade do século XIX, a localidade de Água de Meninos teve um doloroso significado. Nas suas imediações ficava o quartel da cavalaria que apoiou as ações policiais que pôs fim à marcha revoltosa dos malês, em 25 de janeiro de 1835, no rumo da colina do Bonfim, ao som de um atabaque e barulho de vozes, com a mira revolucionária de transformar negros de senhores da surra em senhores desta terra. Pagaram com derrame de sangue e com a vida pela ousadia.

103 - **Nagé em ação na Feira de Água de Meninos**
O molejo e as manhas dos capoeiras estavam ligados também aos serviços nas feiras e nos cais da Bahia

A estética da ginga[34]

No corpo do capoeirista que pegava no pesado ficaram assinaladas marcas desse serviço por ele praticado. Bem visíveis a olho nu. Marcas que não escondiam a condição de trabalhador, mesmo naquele que tinha fama de desordeiro e vagabundo. Sinais perceptíveis e demonstráveis do quanto foi enriquecedor aos movimentos da capoeira o exercício do trabalho. Por exemplo: o molejo das juntas tão necessário ao capoeirista podia ser facilitado pelas manhas adquiridas ao abaixar para pegar, arriar, conduzir e projetar as mercadorias. Não param por aí: as torções, as esquivas, o andar dançado, as espreitas, as respostas no ato aos reflexos, de domínio pelos capoeiras, mostravam interfaces com movimentos e paradas dos trabalhadores do pesado.

A Feira de Água de Meninos se parecia com a de São Joaquim, de Salvador da Bahia,

34 - Este capitulo é uma adaptação vulgarizada de proposições estéticas de Hélio Oiticica, artista plástico que tinha aspirações por grandes labirintos e da arquiteta Paola Berenstein Jacques, que publicou o livro A estética da ginga, 1ª- edição, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2001.

ainda hoje ativa, armada definitivamente, após o incêndio, no espaço vizinho àquela da qual é a legitima herdeira. Uma favela na horizontal, composta por ajuntamentos de barracas construídas com madeira, taipa, lona, papelão, flandres, zinco, de primeira e segunda mão. Vista por dentro e de perto até parece uma desordem profunda. Vias e vielas, ruas e ruelas entrecortadas de esquinas, quebradas, dobras. Mais dobras do que as dobras que Deleuze, o filósofo da multiplicidade, pôde subjetivar. Caminhos cabulosos para quem não tem costume de transitar naquelas malocas, bifurcadas de trajetórias, mas excitantes aos que entram em beco e saem em beco, andam por dentro de labirintos, sabem se locomover por entre encruzilhadas, têm intimidades com as perplexidades e armadilhas. O bozó do jogo de dentro. O labirinto pode não levar a lugar nenhum. À vertigem.

A memória visual dos antigos espaços – cercados, barracões, carramanchões, pela porcos, sombras de arvoredos, descampados, frentes e fundos de quitandas, bocadas, quintais de nagô – das rodas de capoeira, retrata significativas coincidências com a arquitetura das feiras. Faz sentido também observar que os sambistas e capoeiristas tinham predileção pelos ambientes que se formavam nas barracas de comidas e bebidas das feiras e das festas de largo. Bom para vadiar!

105 e 105 - **Execício do trabalho**
As esquivas, o andar dançado dos lutadores, eram a interface dos movimentos dos trabalhadores. Abaixavam, conduziam e projetavam as mercadorias por entre os becos e labirintos dos ajuntamentos de barracas. Hoje, a feira que ainda guarda tais caracteristicas em Salvador é a de São Joaquim, que nasceu próxima a antiga Água de Meninos

106 e 107 - **Equilibristas da vida**
Ainda hoje, nas ruas de Salvador e na Feira de São Joaquim, é comum ver os trabalhadores equilibrando mercadorias na cabeça, um costume herdado dos africanos. Sons repetitivos e toques de alertas facilitam a circulação por entre as quebradas: desde o clássico 'sai de baixo!' até o atual 'olha o gelo!'

Pelas ruas e ruelas de Água de Meninos, transitavam carregadores como Nagé, desviando-se das pessoas em movimento ou estacionadas. Equilibristas. Com as mercadorias na cabeça ou nas costas evoluíam mediante arremetidas, chamadas, licenças, viradas bruscas, andar dançado (gingado), como pediam as ocasiões; e, também na base de giros para aproveitar a oportunidade de ocupar os espaços. Zás e trás.

Não se valiam apenas dos jeitos do corpo para abrir os caminhos. Para isso, interferiam com gritos imperativos:

> Sai! Sai da frente! Sai de baixo! Abre!,

com arremedos repetitivos de sons e toques de alertas, à semelhança dos avisos de perigo que os capoeiras fazem antes ou durante o jogo

> Olha a faca! Olha o sangue! Ferro de gomar!

Intuíam, deslocando-se e calculando o traçado mais curto entre dois pontos a ser riscado por atalhos ou meios desviantes. Ou, simplesmente, seguindo o rumo de uma quase reta. A oportunidade definia a passada (marcha cambaleante ou manca) o andamento, o ritmo.

À medida que se vai passando pelas primeiras quebradas vai-se descobrindo um ritmo de caminhar diferente, imposto pelo próprio percurso das vielas. É o que chamam de ginga.[35]

> Quem marca o passo não se engana (Bimba).

---

35 - Paola B. Jacques, obra citada, pg.67

Repetir é preciso: como havia esquinas na Feira de Água Meninos! Esquinas dobradas, quebradas. Cruz, credo, Ave Maria! – encruzilhadas.

Esquinas que não se passam nem para ganhar dinheiro.[38]

Contornáveis por outros atalhos. Caminhos, que mesmo quando vencidos ou contornáveis, não dispensam a continuidade do olhar sobre o trecho já vencido. Olhado ao cubo. De espreita para se ver tudo o que acontece ao redor. Embora vivamos em outros tempos esta manha do olhar ainda é praticada pelos Joãos de Pastinha (o Grande e o Pequeno). Seja qual for a ocasião e lances do jogo, eles não perdem de vista os adversários. Quando jogam embaixo acompanha-os por entre as pernas, quando é em cima, por debaixo dos braços. Mesmo se o jogo for de João com João.

Verdade histórica: os capoeiras eram cismados com as esquinas:

> O capoeira era um indivíduo desconfiado e sempre prevenido. Andando nos passeios, ao aproximar-se de uma esquina tomava imediatamente a direção do meio da rua.[39]

Verdade reafirmada por Bimba e levada ao pé da letra pelos seus discípulos e outros capoeiras:

Não dobrem em esquinas, o malandro pode estar esperando.[40]

Para a cisma, motivos de sobra tinham os carregadores e capoeiristas da feira. Olha que numa daquela esquina, de espreita, poderia estar alguém visando uma forra, tirar uma diferença, fazer uma emboscada, ou um matador de mando ou por conta própria, na moita. Podia ser um estranho ou mesmo gente da própria feira. Era sintomático o comentário do filósofo no filme a Grande Feira:

Este é o maior esconderijo do mundo para um fora da lei.

A feira era local de trabalho, mas o seu cotidiano muitas vezes se alterava, pela interferência de questões de vida e morte. Brigas, rixas, disputas, conflitos de muitas naturezas, provocadas por tensões psicológicas e cargas espirituais próprias da dureza da

---

38 - Bule Bule, obra citada

39 - Manuel Querino. Costumes Africanos no Brasil, 2ª edição revista e ampliada. Recife, Editora Massangana/ Funarte, 1988. Pg. 196.

40 - Raimundo César Alves de Almeida (Itapoan). Bimba: perfil do mestre. Centro Editorial e Didático da Ufba. Salvador, 1982. Pg. 44.

não ficava restrito às rodas.

> Mesmo andando na rua o capoeirista praticava o jogo do mar, isto é, andava como o marinheiro embarcado, à maneira do pêndulo, remando gingando.[43]

Em relevo, devem ser colocados alguns outros aspectos da cultura material e imaterial da feira de Água de Meninos, presentes no âmbito de uso dos capoeiristas, e que também deles podem ter se servido ou influenciados. Destaco o uso das formas de tratamento (camarada, camaradinha, mano, parceiro, companheiro, fio, fia, iaia, ioio e gestos (apertos de mãos e abraços). Ressonantes e reflexivas dos modos corteses dos feirantes mercarem. Modos firmados numa cidade, Salvador, onde as pessoas se tratam por compadre e comadre, painho e mainha, muitas vezes indiferentes de classe social, cor, cultura e beleza, levando em consideração favores obtidos ou a camaradagem. Mesmo que fizessem isso mantendo um pé na frente e outro atrás. Mesmo que não tenham motivos formais para isso: ser compadre sem ter batizado o filho de quem lhe trata desse modo.

Uma coisa leva a outra. Ao freguês e à freguesa. Como indistintamente se tratava tanto o comprador como o vendedor, envolvidos nas transações de compra e venda peculiares da arte popular de mercar, vigentes em feiras, mercados e de porta em porta. Uma mania camarada de a-preço de negociar (baseada na lealdade e preferência) que suplantava as leis da oferta e da procura, dominantes nas transações comerciais. De parte a parte fazia-se de tudo para não perder a freguesia. Na despedida, outros afagos da cortesia se expressavam mediante palavras gentis e agrados. Enfim:

> Mais vale nossa amizade do que dinheiro no bolso.
> Uma mão lava a outra.
> Ao invés de quanto é se perguntava 'a como é'.[44](...)

(...) Esta abordagem inicial, mais direcionada sobre os modos de como se vendia do que sobre a quantidade e preço dos produtos, se fazia prevalecer na Feira de Água de Meninos. Sinal de transação no ar. Jogo. Escambo e até negociação que poderia descambar para o logro.

Às vezes a transação se dava sem margens para negociação (pechincha, como se diz hoje em dia), por não ter sido possível estabelecer uma linha de simpatia entre o vendedor e o comprador. Mais precisamente, o freguês que vendia não se abria. Cis-

---

43 - Muniz Sodré, obra citada, pg.32.
44 - Dona Kátia Mattoso

A verga a palmo. Medida, segundo se diz, usada pelos capoeiristas para efetuar o corte e ajeitar a verga para o berimbau. Etc. e tal.

O preço dependia de mil e uma variáveis. Influenciavam os dias da semana, o passar das horas (os produtos mais perecíveis ficavam mais barato na medida em que o dia ia terminando), o período da maturação da fruta.

Fruta só dá no tempo certo.

A tabela da maré, o maior ou menor fluxo pela procura do produto, a exclusividade de poucos vendedores em relação a determinadas mercadorias. Fator fundamental: apesar das variáveis era de agrado das partes que a transa se efetuasse. Se alguma trava se interpusesse, dificultando a transa, encontrava-se sempre um jeito de contornar. Quando a coisa podia estar evoluindo para o impasse, surgia sempre uma formula para tirá-lo de tempo. Uma nova chamada para reiniciar o jogo se fazia:

Nem é como você quer, nem como eu quero.

E pronto. A transa se efetuava sem que houvesse prejuízo para um ou outro. Na despedida, o freguês vendedor podia agraciar o seu freguês comprador com uma quebra, ato compreendido por ambos como cortesia.

Um diálogo é bem verdade. Um diálogo camarada, mas que nem por isso eliminava a disputa subliminar que nele estava contida. Ninguém queria perder. Nem o camarada, nem a oportunidade de realizar o negócio, como alerta esta musica da capoeira:

Já comprei todos tempero
só falta farinha e banha
eu não caio em arapuca
no laço ninguém me apanha (cantiga de capoeira).

Por isso o jogo deveria ser jogado com muito cuidado, principalmente quando tinha que se mexer com as peças do tabuleiro com sabedoria, muitas vezes tendo que adaptar o tanto a ser vendido ao quanto possuía o comprador.

O que você pode fazer?

Personalizando a transação:

O que você pode fazer por mim?

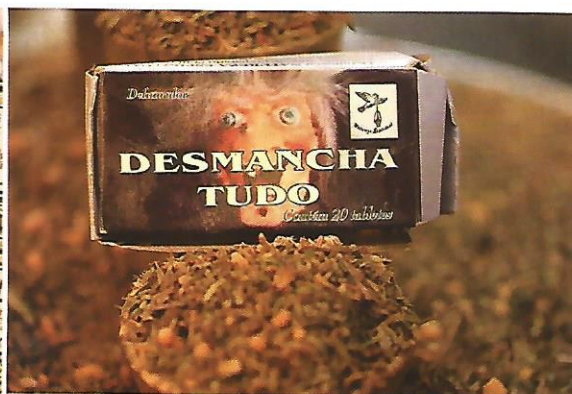
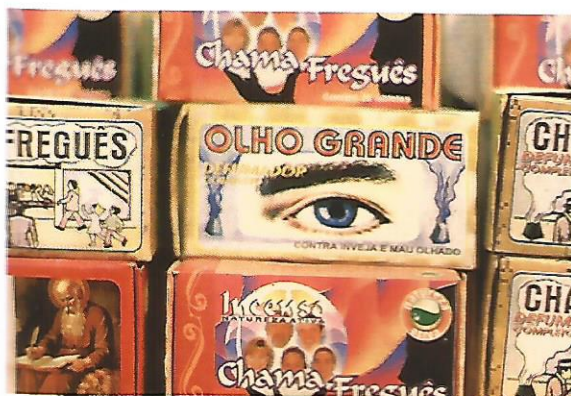
Sabedoria e resistência. O jogo virava um rolo. Quem sabe um "n'rolo". Tudo sendo definido em função do instantâneo, trocando-se o certo pelo duvidoso e vice-versa, alterando-se constantemente o preço e o tanto das mercadorias. Os atos de negociação se mexendo tal qual um dança.

Tira daqui bota ali. Tira um quiabo desse monte e bota dois maxixes e um limão, por exemplo. Um jogo cheio de lances conciliábulos, acompanhados por afirmativas e negativas minimalistas:

Sim, sim, sim, ou não, não, não;
Ou sim, sim não; ou não, não, sim;
Ou sim não, não; ou não, sim, sim;
Sim não sim. Ou não sim não.

E assim sucessivamente. Da mesma forma como declina João Grande, cantando esta música, insinuando um jogo de brincadeiras, costurado com fios de manhas do positivo e do negativo que o mestre Pastinha disse ter a capoeira. Atos de mercar ritualizados que juntavam a diplomacia dos afro descendentes (em maioria na feira) com a habilidade para comerciar dos árabes, também presentes nas feiras e no comercio de rua da Bahia. *Embaixada da África. Cavaleiros e Mercadores de Bagdá.*

Pembas não faltavam. Pelo contrario eram comercializadas em fartura. Pra tudo. Chama Dinheiro, Chama Freguês, pertinentes às atividades da feira. Chama Sorte. Para as coisas do amor, uma variedade delas. Para quebrar feitiços: Tira Quinzanga. Afasta Inveja: Olho Grande.

113, 114 e 115 - **Pembas** Nas feiras vende-se de tudo, inclusive folhas para banhos espirituais e descarregos contra mau olhado, para atrair amores e chamar fregueses. Na foto, Rodrigo, do Palácio de Oxóssi, das lojas mais procuradas na Feira de São Joaquim

Olha só esta relação: Abre Caminho, Tira Teima, Fecha Corpo (tão de agrado aos capoeiras, visto que ter o corpo fechado era essencial nos embates corpo a corpo); Tomba Tudo, Desmancha Tudo, Hei de Avançar, Vence Demanda, Vence Batalha, Contra Mandinga. Viu, os nomes das pembas podem revelar que a vida dos que a procuravam eram menos de pregas e mais de dificuldades. De lutas. No universo da

capoeira elas se ajustavam apropriadamente, justo por que, além da roda, o local de sua prática era também denominado pelos próprios jogadores de "ringue", "campo de batalha". "Campo de mandinga". A feira era um lugar que se podia abastecer de materiais apropriados aqueles que, a sério ou na brincadeira, pelo certo ou duvidoso, pela religiosidade ou malandragem, identificavam a capoeira como mandinga.

O menino chorou / Só porque não mamou.

Este pregão que os feirantes e vendedores ambulantes cantavam complementando os ritos de mercar se tornaram linguagem musical da capoeira, fazendo parte do seu cancioneiro. Outros pregões tiveram destinos semelhantes, a exemplo de:

Ô nega o que vende aí? / Vendo arroz do Maranhão.

E dos vendedores da ladeira de São Bento essa sátira:

> Eu comprei uma galinha, por quatro mil e quinhento, na ladera de São Bento, nem bem peguei na galinha, já os pinto piava dentro.

As feiras, com relação à música da capoeira, não só contribuíram com o pregões e motivos para as crônicas musicais. Nelas puderam os capoeiristas conviver com os cordelistas, escutar as pelejas e desafios tirados pelos cegos na viola, – um campo musical – de onde assimilaram muitos histórias (Pedro Cem, o Valente Vilela, A peleja do cego Aderaldo com o negro de Açu, A princesa Teodora), gêneros – chulas, quadras, corridos, ladainhas, manhas de rima, métricas e jeitos de cantar.

Constitui-se num bom argumento correlacionar a Feira de Água de Meninos com a capoeira, por fruto de influências mútuas, e não partindo exclusivamente da feira. Do contrário seria desconhecer a importância da capoeira naquele ambiente. Mesmo que provocasse algum temor pela fama de arruaceiros que carregavam, as rodas que realizavam eram vistas como passatempo, e os feirantes também assimilaram os modos de andar, cantar, conversar, e outras modos e maneiras, marras, tomadas como necessárias para que os feirantes, não capoeiras, fossem respeitados.

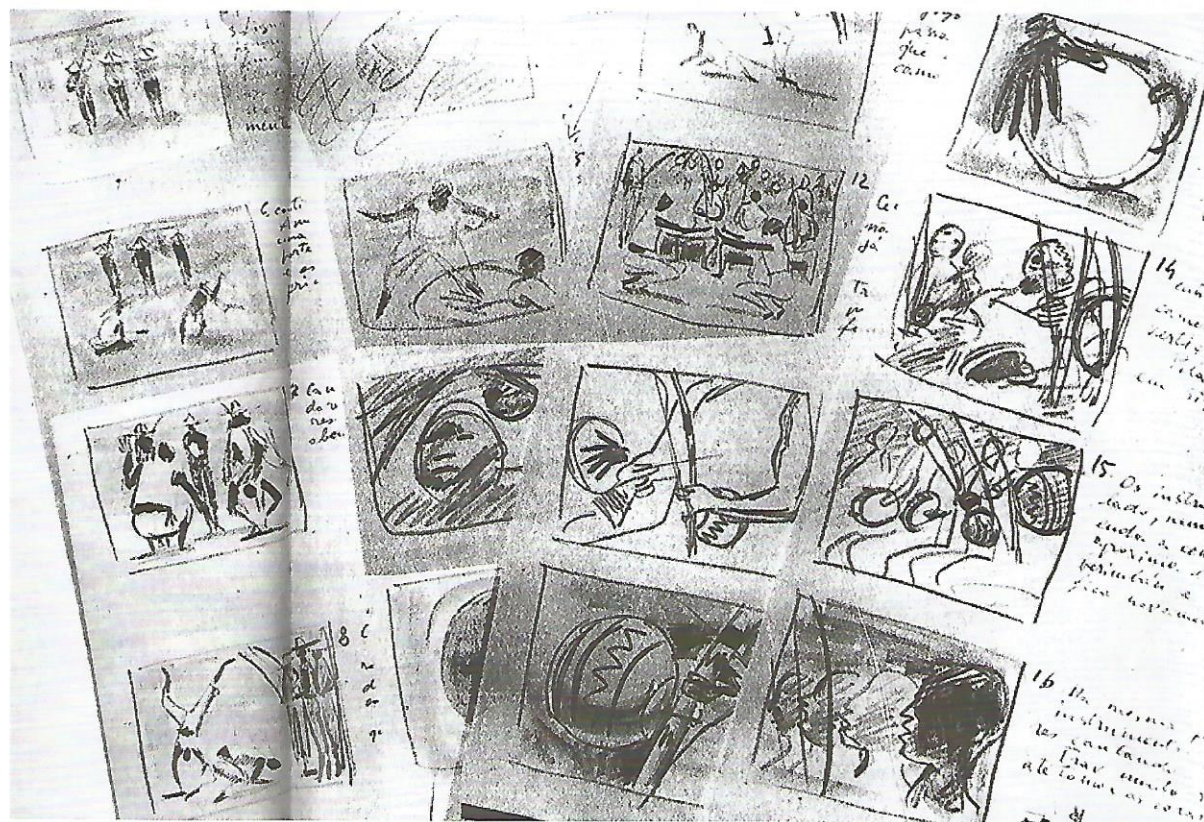
A Feira de Água de Meninos foi palco apropriado para apresentação de grandes capoeiras de antigamente, muitos deles provenientes do Recôncavo, como Nagé, como já se disse, que participavam ativamente da vida do lugar. Ali também o aprendizado de oitiva da capoeira encontrou um campo de fertilidade para acontecer. Um dos seus espelhos foi Samuel Querido de Deus.

Vadiação: A brincadeira

FELIZMENTE a imagem de Nagé em movimento permanece ao alcance de nossa vista, graças ao filme Vadiação (1954), de Alexandre Robatto, um belo registro da memória visual da capoeira baiana. Isto permite fazer, pelo menos, alguma literatura (no meu caso, inventar) sobre o jogo dele. Vadiação documentou jogos de capoeira, com a participação da turma de Waldemar, tendo como pano de fundo e vetor dinâmico um ambiente/cenário dominado por duplas de contrastes (claro-escuro, preto-branco, luz--sombra, vestido-nu, delgado-grosso, alto-baixo, entrada-saída, frente-fundo...). No filme, os lances da capoeira se sucedem desenhando nos seus instantes e sequências planos muito bonitos. Tudo parece ser combinado para vingar a idéia de que é impossível desligar a capoeira da beleza. E de que gente rude, bruta e valente (só negros no

116 - **Registro histórico**
Nos berimbaus, Zacarias e Waldemar da Paixão; no pandeiro Traíra. E vadiando de chapéu de boiadeiro e sem camisa o grandioso mestre Nagé

filme) traçam com o corpo desenhos, movimentos, letras, plásticas e sonoridades, de exemplar refinamento, à feição de renomados artistas como Massine e Carybé, como cita o diretor no filme. Este passa facilmente para nós a noção de que capoeira é arte.

117 e 118 - **Carybé**
O artista plástico argentino, radicado em Salvador, juntamente com Massine, construiu o storyboard de Vadiação, com participação marcante de Nagé. A série de ilustrações arranjadas em sequência tem a intenção de pré-visualizar o filme das cenas

O tom equilibrado da narrativa de Vadiação não neutraliza a força de expressão da imagem de Nagé. Pelo contrário, faz com que ela se sobressaia. Ele é um negro muito forte, largo, de meia altura, músculos de aço, que aparece nu da cintura para cima, usando na cabeça um chapéu de vaqueiro. A robustez do vivo em 1954 ainda transparece na constituição atlética e altura (1,70cm) do cadáver, em 1958. Mas o peso (70kg) parece inferior, conforme os dados da ficha do necrotério. A anemia aguda provocada pela hemorragia externa dos ferimentos fatais, atestada como causa da morte, e o processo cirrótico avançado diagnosticado pelo laudo cadavérico podem explicar a perda do peso.

Jogo 1

No filme, Nagé entra em cena fazendo um aú juntamente com o parceiro (não sei o nome), com o qual faz o primeiro jogo, praticamente todo desenvolvido à vontade

e no chão. É um por dentro do outro, como se diz na gíria da capoeira. Enroscados, sem se confundirem, como se disputassem o mesmo espaço, sem se ofenderem. Mas os sinais do perigo (invocação minha) piscam o tempo todo, mesmo sabendo tratar-se de uma representação, (...)

> (...)uma transfiguração criadora da realidade;

(...)de um filme. De um filme que definiu a capoeira como uma(...)

> (...)estranha dança (sic).

Lembrando as cobras, certo? Sendo assim tome-lhe admoestações: o alerta de que(...)

> (...)em buraco velho tem cobra dentro,(...)

(...)rezado por uma música de capoeira, adverte que o perigo ronda o jogo. Mesmo quando armado para uma filmagem; artifícios e surpresas podem superar a imprevisibilidade do acaso. Cobra Preta, Cobra Coral, Jaracussú, Cascavel, Jararaca, Víbora, Cobra, Cobra Mansa, Cobrinha Verde, Cobrinha e Naja. Quantos capoeiristas apelidados com nomes de serpente! Dá para pensar na capoeira, como um ninho de cobras. Pelas vezes que esse bicho (há quem evita chamá-lo pelo nome) aparece, nas músicas da capoeira, se imagina ser bom o jogador o que imita os movimentos e possui a astúcia dela. Quando se diz que um capoeirista é cobra pode ser uma afirmação da sua qualidade, mas também de que é falso e perigoso.

Cobra exige cuidados, precaução, cautela. É danada. É malvada. Morde e destila veneno. Nem por isso deixa de provocar admiração pela estranheza, pela expressividade do andar ondulante, meliante de adornos. Isto não é suficiente para evitar a repulsa que por ela se sente. Arrasta-se pelo chão, conduzindo a maldição de ser um bicho falso, peçonhento, sujo. Ataca com floreios. Enrosca-se sobre si mesma para o bote inesperado, enrolando (seduzindo, mentindo, simulando) a presa: chama, leva, prende, solta.

> São Bento me jogue no chão.[45]

Nagé até não podia ser especialista neste tipo de jogo. Mas com ele tinha afini-

45 - São Bento protege as pessoas dos males da cobra. Vide esta oração: Meu glorioso São Bento, que subiste ao altar, desce de lá, com tua água benta e benze os lugares por onde eu andar, afugenta as cobras e bichos peçonhentos: que não tenham dentes para me morder nem olhos para me olhar. Valha-me, São Bento, Filho, valha-me meu Anjo da Guarda e valha-me a Virgem Maria. Amém.

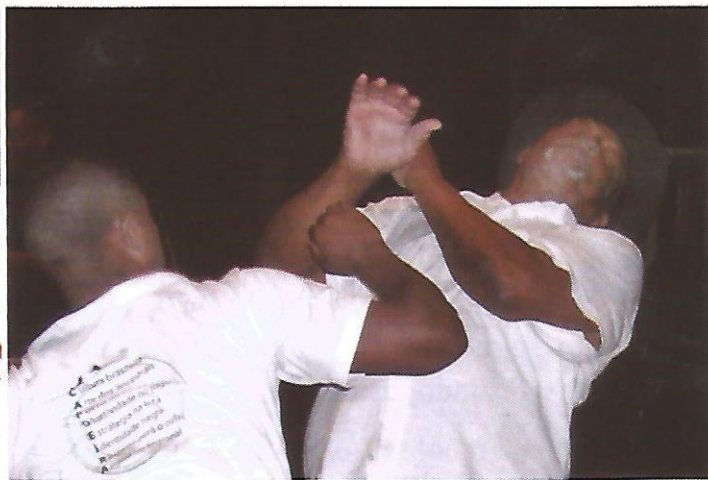
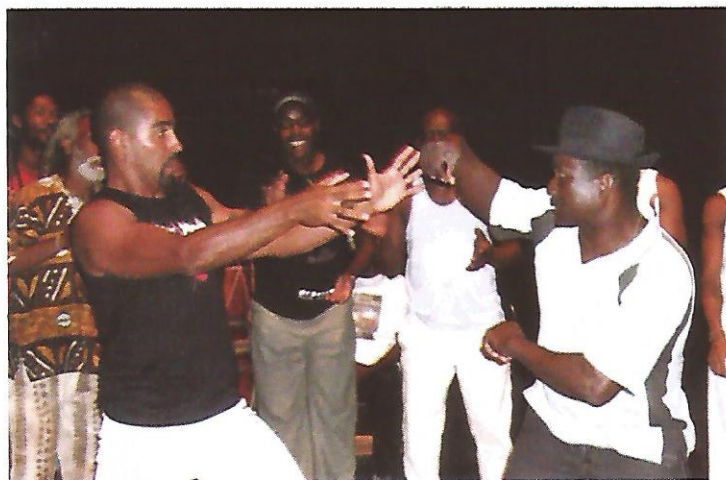
dades, conhecia as manhas. Afinal um dos seus parceiros era Traíra, cobra criada, que segundo o mestre Waldemar(...)

(...) jogava demais; era uma serpente no chão(...)

(...)(no filme Vadiação ele demonstra isso). Por intuição, o capoeira astuto sabia que o veneno que sustava os efeitos da cobra vinha de dentro dela própria, como admoesta o evangelho:

Sedes prudentes como as serpentes.

Uma serpente come a outra. O bom capoeira não vai de vez, só os pertencentes ao bloco da imprudência.

Em Guadalupe, no Caribe, existe uma luta integrada na rica tradição das danças de guerra, denominada Benaden. Ela assim se desenvolve mais ou menos: dois lutadores se enfrentam e o atacante, com um braço levantado, tipo uma cobra armada para o bote, sibila (o assovio da cobra), avisando que vai atacar e, em seguida, enfia uma murrada para atingir o rosto do adversário, que se defende com os braços para desfazer o ataque, nos modos com os quais uma cobra se defende da outra. Em seguida eles trocam de posição.

119, 120 - **Luta Benaden**
Na cidade de Guadalupe, no Caribe mexicano, existe uma luta que imita a briga de duas serpentes armadas para o bote. Caribenhos estiveram em Salvador para apresentação a convite do grupo Ginga Mundo, no Pelourinho. Em ação, nas fotos, os capoeiras Cristal (esquerda) e Atoa, interagem com os estrangeiros

Continuo olhando o jogo do filme como um leigo, um alheio, e percebo que Nagé tenta dominar o oponente com as pernas, o que de imediato me fez lembrar de um canto para Ogum, mencionado por Muniz Sodré numa palestra sobre capoeira:

Ogum ti no já
Tapa, tapa, ma já

Que significa:

> Ogum que briga
> Com as pernas não chegue[46]

Confesso minhas profundas limitações em enxergar os muitos sentidos que se sobressaem desse primeiro jogo de Nagé, por isso me compenso, fazendo vadias especulações. Permito-me imaginar a predileção dele e de outros capoeiras pelo jogo duro. Pra valer, mesmo sendo a roda de festa. Uma brincadeira. Para os jogos à vera, ou a brinquedo a mesma *dura lex sed lex*: se aguenta, fica; se não aguenta; se pica. Vaza! Imagino o prazer deles em participarem das rodas ferradas de antigamente (como os jornais a elas se referiam). Jogos pra pirão que exigiam disposição para enfrentar os parceiros/adversários! Só jogava quem tinha classe, categoria e coragem, sem medo dos perigos e vertigens que surgiam a todo momento. Ficava feio reagir na base da ignorância, ao ser atingido por uma rasteira, cabeçada ou outro golpe de capoeira desferido pelo adversário ou camarada com categoria. Ficava mal para quem chiava com o jogo duro. Inocente, o que não sabia que a capoeira é um tipo de brincadeira levada à vera.

> Quem não pode com intima, não pode intimar.

Não pode brincar.

Bonito era quando o jogo, disputado pau a pau, não descambava para o logro, a crocodilhagem e perversidade. No final da roda o espírito da camaradagem permanecia, sem interrupções pela disputa, que, embora pesada, não passava de uma brincadeira. Coisa de camaradas. Mas, de uma coisa não nos esqueçamos: os capoeiristas possuíam uma forma *sui generis* de enfrentar a porrada, conforme estes ensinamentos do mestre Noronha.

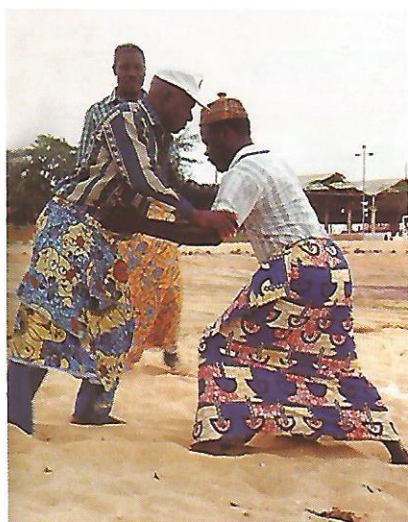
> (...) [a capoeira] é uma defesa pessoal de grande valor, possui suas mandingas traiçoeiras para vencer todas paradas que apareçam, sendo a hora suficiente (oportuna). Se caso não for desista [deixe] para outra ocasião, por que existe outro encontro [outra oportunidade]. Por que quem apanha nunca se esquece quem dá não se lembra. Esta é a malicia do capoeirista que corre para não morrer e matar. São estes os fundamentos do capoeirista que conhece a sua profissão de mandingueiro.

46 - Certamente se eu não soubesse que Nagé era de Ogum não teria feito esta comparação.

Os princípios que regiam as rodas ferradas de capoeira de antigamente tinham chão e correspondências com a cultura das brincadeiras de rua, ainda vigentes de apreço às crianças e jovens mais velhos. Cito: jogar gude à vera; empinar arraia com linha temperada; o baba apostado, a briga de galo e o jogo de dados à dinheiro. Todas elas, brincadeiras levadas a sério. Neste contexto, se pode incluir os combates corpo-a-corpo. Lembro das brincadeiras de esparro (configurada quando uma pessoa armava ardis, às vezes, com requintes de perversidade para outra cair, se dar mal); as brigas (que mesmo sendo a brinquedo, o pau comia solto); e o vale tudo muitas vezes disputado na areia se valendo os lutadores ostensivamente dos recursos das gunçadas, balões, agarrões e arrastões).[47]

Movimentos que terminavam por favorecer quem tinha coragem para enfrentá-los e possuía técnicas de algumas lutas populares (boxe, capoeira, luta livre). Os melhores lutadores eram os que sabiam dar e safar-se das amarras, nós e embaraços provocados pelos balões, arrastões e agarrões. Movimentos que lembram a sequência da cintura desprezada do mestre Bimba e os balões que os angoleiros Cobrinha Verde, Pastinha, Traíra, João Pequeno e João Grande aplicavam em situações de jogo. Visto especial para o esquenta banho e curso de emboscadas do mestre Bimba, que expunham os capoeiristas a muitas situações de brigas de rua.

Novamente me valho desse recurso: por ser tão comum fixar em Angola as raízes da capoeira, tomo a liberdade de interpretar estes lances de gunçar e projetar os adversários, como *flashes* memórias da bassula de Luanda /Angola.

121 e 122 - **Luta da bassula**
Em Luanda /Angola estaria sua origem. As rasteiras, projecções e imobilizações são os golpes básicos da arte marcial africana, que parece acusar influências de lutas orientas como o judô

47 - Antigamente as brincadeiras infanto-juvenis definiam-se considerando a disposição para o jogo duro em: de meninos retados ou de donzelos. Do primeiro tipo participavam os meninos espertos, os vadios, os criados na rua, e com coragem para enfrentar as situações de brincadeiras, onde ninguém é de ninguém, conforme o conceito dos moleques. As dos donzelos eram afeitas aos meninos amarelos, criados com vó ou em playground. Nem é preciso dizer que a capoeira pertencia ao primeiro time. Vedada aos meninos amarelos e medrosos.

Assim como a capoeira, as brincadeiras de luta na rua eram antecedidas por inticações, provocações verbais, lembrando os ritos iniciais das rodas, quando ao pé do berimbau os jogadores escutam, cantam modinhas de louvores e feitios; fazem saudações, se elogiam mutuamente, se dirigem sotaques, advertências e intimidações, antecipando a peleja do corpo pela verbal, à moda dos desafios dos violeiros. No principio, o verbo.

Um menino brigar na rua podia se configurar como um rito de iniciação (às vezes ao gosto do pai), de ingresso na turma da barra pesada e servir para afirmação de masculinidade. O aprendizado da capoeira por parte dos jovens de famílias com representatividade social podia encorajá-los a frequentar ambientes atraentes, como puteiros, noitadas, festas de rua, jogos, mais comumente frequentados pela turma da barra pesada.

Mas...brincadeira tem hora! – Esta admoestação estanca e define os períodos das horas por afazeres. Estabelece que existe hora de rezar, hora de estudar, hora de dormir, hora de trabalhar, hora de brincar. É preciso que tenha hora pra tudo. Não podendo uma hora atravessar o período da outra: brincar na hora de fazer coisa séria, filar aulas e fugir de casa para brincar na rua; dormir na hora de rezar, enrolar na hora de estudar. Queimar o trabalho, contravenção interpretada como vadiar, de onde derivou Vadiação. Atos praticados (conforme os moralistas de plantão), pelos que são escravos do prazer. Pelos amantes do ócio (pai dos vícios, da preguiça, da languidez sexual). Anormalidades que já foram apontadas como matrizes do atraso do povo brasileiro, causas das nossas dificuldades, empecilhos à conquista da cidadania. Para eles é nisso que dá nossa aversão ao trabalho. De não querer nada com a hora do Brasil.[48]

Há quem tenha visto na feição de brincadeira da capoeira um recurso de simulação da luta (eficacíssima contra os europeus), concebida historicamente como essencial para salvaguardá-la da repressão por parte dos senhores de engenho, da polícia imperial e republicana.

> Mas não demoraram os negros em encontrar uma solução: da mesma maneira que camuflaram sua religião com a de seus senhores, camuflaram a luta da capoeira com pantomimas, mímicas e danças, acompanhadas de musica. Formaram rodas em que os lutadores se exercitavam ao som dos berimbaus de boca e das palmas. O feitor passava, apreciava os negros "brincando Angola". Achava bonito. Batia palmas também, e os jogadores continuavam

Vadiar, vagabundar podiam ser sinônimos de liberdade uma reação à ordem social escravista e exploradora da mão de obra.

(Frede Abreu)

48 - Os moralistas não querem saber que parte significativa do povo brasileiro, desde o tempo colonial, se acabou, trabalhando forçosamente ou por contingência da necessidade, sem muitas chances de optar por não trabalhar. Ou de trabalhar na hora errada, quando queriam. Essas situações devem ser levadas em consideração, quando se interpreta alguma aversão ao trabalho por parte do povo brasileiro. Vadiar, vagabundar podiam ser sinônimos de liberdade, uma reação à ordem social escravista e exploradora da mão de obra.

suas pantomimas, jogavam-se ao chão, olhavam-se de cabeça para baixo, riam e dançavam uma dança esquisita de gingados e pulos, ou rolavam no chão que nem cobras.[49]

A rigor, pelo visto, a história da capoeira pode desdobrar-se pela via da brincadeira. Aprecio essa teoria por acrescentar mais um ponto de contradição (confusão), pois mesmo a feição da capoeira como brincadeira (vadiação), no passado era tida como escola de malandragem, frequentada pelo antro da marginalidade. Exagero ou não, era sim.

O tema ainda comporta outras variações a se deduzir desta notícia de jornal:

> *Diário de Notícias*, quinta feira, 10 de março de 1921. Pág. 1
> Brincando...
> Deu uma facada no companheiro.
> Amigos que são, divertiam-se, ontem à tarde, jogando faca, os indivíduos Antonio Romão e Pedro Alcântara Leite, quando aconteceu sair este último com um ferimento perfuro cortante no braço direito proveniente de um golpe que rebateu do companheiro.
> O ferido procurou uma farmácia onde recebeu curativos no ferimento que é leve, retirando-se em saída.
> A polícia não tomou conhecimento do fato, por ter Pedro Alcântara declarado que Romão é seu amigo, compadre e os dois estavam vadiando.
> O fato passou-se numa roça ao Tanque Novo.

Podiam estar vadiando mesmo, brincando de faca. Será que falava a verdade o capoeirista Pedro de Alcântara, protagonista de muitos episódios policiais registrados nos jornais? Não seria uma brincadeira muito comum em alguns ambientes? Servir, quem sabe, intencional ou não, de treinamento para as situações de fato? Naqueles anos os jornais também registravam muitos episódios de confusão, onde a faca entrava em ação. Porém, na notícia, a dúvida é instigada pelas reticências do título: "Brincando(...)". Elas, no seu silêncio, parecem desconfiar do argumento de defesa de Pedro perante o policial, ao dizer que era brincadeira uma briga de faca de fato. Jogo dele para livrarem os dois da prisão, mas complicada em razão dos antecedentes criminais que ambos possuíam. Isto podia ser consequência de uma previa combinação entre eles ou um repente dos que possuíam o dom de iludir.

---

49 Carybé. Jogo da capoeira. Salvador, Livraria Progresso editora, 1955. Coleção Recôncavo 3.

Mas entre os capoeiras uma brincadeira fora de hora pode se tornar numa brincadeira de mau gosto de consequência fatal. Eis a prova.

> *Diário de Notícias* 5.12.1918
>
> [...] Valeriano... estava em companhia de Samuel...passeando e pilheriando. Ao chegarem ao beco da Camponesa que fica entre a loja "A Baroteia" e o armazém "Nova Lua" puseram-se os dois a brincar de capoeira.
> Samuel querendo fazer a troça mais ao vivo puxa de uma pistola e finge ir atirar em Valeriano. A pistola, porém, tinha naturalmente o gatilho doce e disparou, indo a bala atingir Valeriano na região torácica.
> A vitima, ao receber o tiro, caiu sobre o batente de uma porta do referido armazém, vindo a falecer uns dois minutos após. Samuel vendo seu companheiro ficou aparvalhado, não tendo oposto a menor resistência junto ao sargento que, secundado por um guarda civil, o prendeu.[50]

É... chega de brincadeiras, mas não sem antes constatar o seguinte: a capoeira que hoje em dia é recomendada como fonte de sociabilidade e manancial terapêutico é aquela que enfatiza o aspecto lúdico (a brincadeira) e põe em plano inferior a luta (que em alguns setores da capoeira provoca asco). Assim a vadiação que era, no passado, identificada como antro de moleques, hoje é recomendada como instrumento para formação de cidadãos. A influência da capoeira bandida é maior e melhor do que se possa imaginar.

Jogo 2

Agora em cena Nagé e Curió. O velho Curió, alinhado num terno branco. Chinfra dos velhos capoeiras. Farda não, pois os outros capoeiras que compõem a cena vestem trajes diferentes. Costumes das rodas de antigamente. A elegância de Curió não se resume ao traje. Manifesta-se nos modos de jogar (o chapéu que leva na cabeça não cairá nem nos aús que dá). E no olhar (antes de acocorar-se aos pés dos berimbaus olha, talvez espreitando Nagé que, em pé, ali o esperava).

---

50 - Noronha dramatiza: "(...)comprei esta pistola para ver se estava boa e terminei matando meu compadre Alfredo. Que culpa tenho eu? Foi a pistola que detonou. O povo fica dizendo que fui eu que matei. O primeiro que falar isto, eu vou matar.(...)" Noronha, obra citada, pg.28

123 - **Nagé e o velho Curió** Os mestres fazem um jogo clássico, cadenciado, com movimentos bem delineados para a captação de imagens por parte do cineasta Alexandre Robatto. No berimbau da direita, mestre Waldemar. No centro, Traíra. E no outro berimbau, Zacarias Boa Morte. Formação de bateria apenas cênica para o filme, já que, tradicionalmente, os berimbaus devem estar juntos

Nagé, antes de acocorar-se, ergue os dois braços portentosos. Arroubo dos lutadores e guerreiros, dos que sentem prazer em lutar. Aproxima-se do pé do berimbau, como se fosse para um combate, mesmo sendo a representação simbólica de um combate. Antecede no tempo os gestos portentosos do boxeador negro americano Muhamed Alli ao vencer suas lutas, proclamando sua superioridade. Nesta hora é indisfarçável a semelhança de Nagé com Ogum, dono da sua cabeça, o orixá que tem como arquetípico pessoas impetuosas, arrogantes, violentas, briguentas. Que se tornam temidas, respeitadas.

> Quando Ogum se manifesta no corpo em transe dos seus iniciados, dança com ar marcial, agitando a sua espada e procurando um adversário para golpear.[51]

---

51 - Pierre Fatumbi Verger, Orixás. Salvador, Corrupio, pág. 94

Vale a pena repetir que os prazeres de Ogum são os combates e as lutas, afirmações que substanciam situações como estas: brigar brincando, brincar brigando, que entraram como princípios na formação da capoeira.

Serenidade na tela. O jogo de Nagé com o velho Curió é um jogo clássico, cadenciado, movimentos bem delineados. Jogo repleto de insinuações e iniciativas, travadas de parte a parte, descobertas antes de acontecer. O refinamento da parte de Nagé prova que os valentes podem ser refinados na forma de jogar. Bem visto é um jogo cheio de pontos de vista, de trances de olhares. Olhos que quando se cruzam nem se entretém, se perdem de vistas diante de tantos despistes.

> Você olha nos meus olhos e não vê nada.

Ninguém é besta para revelar intenções no visar. Nem ali estava alguém que se deixasse intimar, que se amofinasse diante um fuzilamento de olhar.

> A visão periférica de que era possuidor todo hábil capoeira, lhe permitia controlar todos os movimentos do adversário. Durante a negaça, o capoeira devia se preocupar, apenas, em acompanhar o movimento dos olhos do seu oponente. Pelo olhar, conhecia o local visado pelo agressor, pois o mesmo, antes de dar o golpe, marcava com a vista o ponto vulnerável a ser atingido. Para evitar ser assim descoberto, o capoeirista filiado à 'Luta Regional Baiana', procurava treinar e possuir o 'olhar manhoso' ou de soslaio, evitando, assim, que seus olhos fossem fixados pelo adversário. Ele os conservava abaixados ou fitos em pontos diversos, olhando o contendor, de 'canto de olho' ou por meio de rápida visão de conjunto. Quando se defrontavam contendores que possuíam esta mesma qualidade, a luta era mais perigosa e mais difícil. O capoeirista impossibilitado de se orientar pelos olhos do seu oponente, aplicava o mesmo sistema de 'olhar manhoso'.[52]

É possível que esta forma de olhar(...)

---

52 Jair Moura, Salvador, Departamento de Assuntos Culturais, Prefeitura Municipal de Salvador ,1980.

(...)traiçoeiramente atilado, vendo o que queria e procurando não fixar diretamente o oponente(...)

(...)possa ser interpretada como um gesto universal dos tímidos, dos cabreiros, dos submissos; dos fracos e oprimidos, humilhados, dos falsos e covardes. Esta forma de olhar é assim interpretada quando se toma como medida da sinceridade e penetração na alma humana, o olhar diretamente no olho do outro(...)

(...)Olho no olho

Uma sentença psiquiátrica que se quis fazer cumprir com base no olho por olho e dente por dente do Alcorão. Apesar da universalidade do gesto, não se pode descartar a idéia de que o olhar traiçoeiro do capoeira tenha se vesgado com substâncias históricas, prevalecentes nas relações humanas traçadas entre escravos e senhores, pretos e brancos, desde os primórdios do Brasil colonial. Desde quando os escravos tiveram que acomodar-se para resistir, apesar de injuriados com a condição de escravo e submissão social.

Então o escravo adapta-se verdadeiramente a seu meio como a aranha, a tartaruga ou o camaleão, através da astúcia, arma eficaz dos fracos e dos oprimidos que possibilita ao escravo fingir-se obediente, fiel e humilde ante seus senhores, fraternal e digno junto aos companheiros de servidão.[53]

A capoeira é um jogo de duplas e duplos. Aos capoeiras se atribuía dupla cara, dupla personalidade, dupla regra de conduta, duplo sentido, duplo significado às palavras. Fingir é um veneno essencial para manter como disfarce as aparências de submisso, humilhação. Mais necessária (real) ainda, quando se percebia que do lado do inimigo (exemplo, o senhor do escravo) havia logro, malandragem, simulações, negaças. Manhas no olhar e jogo de aparências. Por trás de um olhar direto tão dócil e terno, e de gestos de bondade tão sinceros, podia se esconder intenções perversas. De ambas as partes. Um engodo do senhor para obter a confiança, fidelidade, e mais empenho dos escravos, no intrincado contexto das interdependências que o sistema escravocrata possibilitava entre senhores e escravos.

---

53 Kátia Mattoso, Ser Escravo no Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1982, Pg. 167

Do filme Vadiação estala em profusão uma quantidade de símbolos, sinais, sentidos e ideias seminais, incapazes de não serem notadas por pessoas inocentes e vagais em matéria de capoeira, como eu. Imagine por João Pequeno. Em 1983, João assistindo pela primeira vez esse filme, projetado na sua academia, admirado com as cenas que assistia, proclamou publicamente, em alto e bom som, ser aquela capoeira vista na tela a que desejava ver seus alunos jogar. Naquele momento, ele comandava os primeiros longos passos da reativação da capoeira angola, se constituindo a sua academia, fundada em 1983, na época, a principal referência dessa capoeira, sendo ele e ela bastante procurados pelos capoeiristas daqui e de acolá. O reconhecimento de João verdadeiramente não traduz literalmente o texto, incluído na abertura do filme Vadiação, mas com ele estava em sintonia aberta e de alguma forma avalizava-o.

> (...)Mestre Bimba – fundou no Terreiro (de Jesus) uma escola onde diploma atualmente doutores em pancadaria (...). Ensina uma capoeira regional, refinamento da formação dos jovens frequentadores das boates. Mas havia no Corta-Braço uma turma que não se corrompera e estes homens salvaram a capoeira angola. Mestre Waldemar – o zelote – Traíra, o ágil e frio – Bugalho, Nagé e Caiçara, tocando berimbaus e pandeiros, cantando os corridos antigos, realizaram o milagre da sobrevivência.

(Por mais que eu queira socar Nagé no buraco do esquecimento surge sempre um dado importante, contrário à minha intenção e em favor da visibilidade histórica de Nagé com este, de também responsabilizá-lo pelo milagre de sobrevivência da capoeira angola).

João Pequeno não estava só! Havia mais gente sincronizada com o milagre da sobrevivência, principalmente porque as cópias telecinadas de Vadiação se multiplicavam pela via da pirataria doméstica e este belo filme se transformou numa ferramenta / bússola para os rumos que a capoeira tomou a partir dos anos 80 do século passado. Belos rumos.

124 - **A turma de Bimba** Outros mestres também gravaram para o filme Vadiação, como Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba. Ele levou para as gravações seu coral de mulheres junto com seus alunos. Alexandre Robatto aparece filmando, enquanto Carybé acompanha com a mão no queixo. Na formação da bateria, Bimba mantém tradição da capoeira regional de tocar apenas um berimbau e pandeiro. O outro berimbau aparece na cena com a cabaça virada para cima.

125 - **Mestre Nagé**
O capoeirista pronto para entrar em ação no filme Vadiação, quatro anos antes de ser covardemente assassinado na estação de trem de Simões Filho. **Esvaindo-se em sangue, sem atendimento, foi esquecido na estação e, depois, na história. Talvez o pior golpe que sofreu**

Aço sangrento

Cortado a faca, Nagé lutou capoeira contra cinco e morreu em vagão de trem sem socorro

21 DE SETEMBRO DE 1958. Domingo, 23 horas, mais ou menos. Ao fim, chegou a festa de inauguração da energia elétrica em Góes Calmon, lugarejo à margem da linha férrea da Leste Brasileira, hoje pertencendo ao município de Simões Filho. Da festa sobrara o bagaço. Com ele se esbanjavam João Barbosa, Titico, Buiu, José Simplício, João Sergipano e Alfredo Lopes.[54] Todos em água (bastante alcoolizados) e animados. Nas imediações da Estação Ferroviária(...)

> (...)tamborilavam e tocavam sambas e outras cantigas para encurtar a noite.

Ali esperavam o trem que os levariam de volta para Água Comprida, Mapele e Cova de Defunto, de onde vieram. Todos a fim de aprontar mais uma. João Sergipano, especialmente, se recusara, na festa em casa de uma professora, a entregar a um soldado à paisana a peixeira que trazia enrolada num lenço. Com a mesma arma ameaçou o dono da quitanda, próxima da estação, que recusara receber em vale o pagamento das "umas e outras" que a turma bebera. O dono sabia que aquele vale não valia nada. Samba de arruaças. Esparros à vista.

De repente estanca Nagé tocando berimbau. O aço, conforme mestre Bimba. Alguém alerta:

> Berimbau é coisa de valentão!

E no meio do grupo, ele se intromete. Daqui a pouco ele abandonou o seu instrumento e quis tocar pandeiro. Intimou:

> Pediu o pandeiro que estava nas mãos de Pretinho, disse João Barbosa;
> Pediu não, agiu tomando o pandeiro da mão de Titico,[55] (e) começou a tocar o instrumento, disse João Sergipano;

54 - Algumas vezes estes nomes nos jornais que informaram sobre o crime aparecem citados de forma truncada.
55 - Pretinho parece ser outro apelido de Titico.

O criminoso na Terceira Deleg ... cia, após prestar declarações

PRESO BUIU, HOMEM QUE ESFAQUEOU O CAPOEIRISTA NAJÉ

Buiu, o quinto homem envolvido no massacre do capoeirista Nagé foi preso na tarde de ontem em Agua Comprida pelo Delegado e pelos próprios parentes da vítima. Buiu, cujo nome verdadeiro é Osvaldo da Silva Dorea, já foi processado por delito de lesões corporais e é conhecido desordeiro em Agua Comprida.

JOÃO BARBOSA: tomei-lhe a espingarda e desferi vários golp... com a coronha

lutou até morrer:

, ent re o escrivão e o delegado, de lutou capoeira até morrer".

126, 127 e 128 - **Cinco contra um**
Nas fotos acima, Buiu, João Barbosa e João Sergipano, três dos cinco criminosos que agrediram e mataram mestre Nagé. Os outros são Titico e José Simplício. Eles confessaram o crime e deram suas versões ao delegado. O bate-boca teria começado por causa de um pandeiro e descambou para xingamentos e luta corporal. Nagé morreu sem dar sua versão

Nem pediu, nem tomou;

Arrebatou violentamente o pandeiro das mãos de Pretinho, disse Buiu;

É. Parece que João Barbosa não gostou e tomou o pandeiro das mãos dele, ponderou João Sergipano;

João Barbosa que estava no grupo, indignado, retomou o pandeiro das mãos de Nagé, confirmou Buiu;[56]

Reclamei com ele, por causa do modo brusco como ele pediu o pandeiro, explicou-se João Barbosa;

Nagé não gostou e ficou contrariado.
Por causa de um pandeiro e um berimbau nasceu uma luta desproporcional. Deu no jornal.

56 - Alguns depoimentos revelam que Nagé entregou o pandeiro de volta sem esboçar resistência.

Xaranga com berimbau e pandeiro, naquele tempo, regra nenhuma impedia que fosse uma roda de samba, como apontou a maioria das notícias dos jornais sobre o acontecimento. Entrementes, era mais típica de uma roda de capoeira. Aliás, no depoimento de José Simplício, como testemunha do crime, perante o júri ele revelou que

> Nagé (estava) batendo berimbau e brincando de capoeira, quando chegou (uma pessoa) e disse para Nagé que aquele negócio de capoeira era para valentão.

Se isso for verdade, existe a possibilidade do fio do desentendimento ter se desenrolado num jogo de capoeira. De samba ou capoeira, o que conta mesmo é que o fio do desentendimento por causa do pandeiro ficou a descoberto, provocando choques de agressão. Clima insuportável. Baixo astral. Num primeiro momento, insultos. Adiante: tumultos e crime. Insultos de valentões. Ofensas mútuas e múltiplas. Daquelas que forçam a prova para saber quem é mais *homem* ali. Olhares desdenhosos de intimação. Todos prontos para o que der e vier. Nagé foi testado e ferrado por João Barbosa, que lhe arrancou o pandeiro da mão.

É bem possível que a fama de capoeira e valentão de José Anastácio de Santana fosse do conhecimento de algum dos seus adversários. Indagado, após o crime, se conhecia a vítima, João Sergipano respondeu(...)

> (...)que conhecia apenas, de vista, de Água de Meninos e havia comentários que o mesmo era professor de capoeira, não sabendo o nome do mesmo.

Pela disposição daquela turma barra pesada, Nagé percebeu que a parada era mesmo dura. Alguns possuíam antecedentes por práticas de lesões corporais e reconhecida fama de valentão. Além do mais ele estava diante de uma situação de conflito desproporcional, tendo de se bater com cinco de um vez.[57]

Nagé recua, ameaça e(...)

> (...)sai de rolê: Espere aí que eu vou em casa e volto para mostrar uma coisa a vocês turma de valentes.

57 - Embora seis fizessem parte da turma apenas cindo dela participaram efetivamente do conflito. João Alfredo ficou de fora.

De todos os envolvidos era o único domiciliado em Góes Calmon. Mais um desaforo para engolir: contrariado por gente de fora. Certo que levou o desaforo para casa, mas esperassem a coisa. A forra já já viria a caminho. Ao passar com o berimbau mudo em frente à quitanda, onde João Sergipano provocaria outra alteração, se queixou à mulher do dono dizendo:

> Ali tem dois camaradas querendo me matar.

Em vão ela o aconselhou a ir para casa e se aquietar. Certamente ele já estava vidrado na vingança. Dominado pelo ódio.

> A ira é que o movia.

A coisa a ser mostrada seria uma espingarda, guardada na residência de Demetrio, seu conhecido e amigo, onde o valente permanecia todas às vezes que ficava em Góes Calmon. Para não levantar suspeitas ao pessoal da casa, alega finalidade de caça à arma:

> Vocês são uns bobos, encontrei ali uma paca enorme. Trocou de roupa e saiu armado de uma espingarda e apontando para os rapazes que estavam tocando disse: quem é o valentão daí! Apareça aí o que disse que eu não sou homem! Apareça o homem daí!

Não apareceu o homem. Vieram de turma: então nos jogamos todos em cima dele. (João Barbosa). O acontecido pode ser narrado por instantâneos, num abrir e fechar de olhos como neste depoimento de Titico à polícia:

> Enquanto Nagé foi enfrentado por Sergipe, João Batista tomou-lhe a espingarda e o golpeou várias vezes, atracando-se em seguida, com ele no chão. Nesse ínterim Buiu sacava de uma peixeira e Sergipe lutava segurando o objeto branco que não soube identificar.

Depois que o homem estava abatido, vimos que a espingarda não estava carregada. Mas o acontecido pode ser narrado de forma partilhada por atos detalhados, à feição de um jogo brutal que se desenrolou até o massacre final do capoeirista Nagé.

Quando o capoeirista despontou o grupo mudara o samba para outro lugar. A intimação com a arma apontada – quem é o valentão daí – foi de imediato rechaçada e

por efeito de reação gerou uma intimidação. Simultaneamente, João Sergipano puxou do bolso um negocio branco, apontou para Nagé e disse:

> Não se mova daí tendo o rapaz permanecido parado. Não atire senão é ela por ela.

A ameaça de João Sergipano, se valendo do negócio branco – uma arma enrolada num lenço –, não se constituía num ato isolado ou ocasional, no enredo dessa história, pois ele se valeu desse trunfo, ou truque na série de conflitos em que se envolvera naquele dia: na festa da casa da professora, na quitanda onde bebera e agora na frontal com Nagé.

Aquele trunfo misterioso não dava pista (aparente) do tipo da arma escondida no lenço. Branca ou de fogo? No passado, os portadores clandestinos de arma de fogo pequena costumavam secretá-las com lenços e outros panos, e, em situação de conflito, apelar para o tipo de intimidação colocado em prática por João Sergipano (não se mova!). É como se dissesse pare; se não eu atiro, como disse:

> Não atire senão é ela por ela.

Na verdade, naquele momento, se instalara no conflito uma oportunidade de jogo com o blefe intruso. Da parte de Nagé também poderia ser que sim. Sua espingarda, conforme ficou comprovada pelo laudo de exame da Perícia Criminalística, não estava em condições de funcionar. Ele blefava, assim como blefava no plano da inteligência, atrapalhada pela quantidade de água (álcool) que comera naquele dia.

Diante da situação provocada por Nagé, um ato não previsto faz ele vacilar. Parar. Conter o ímpeto da raiva. De repente, cede aos inimigos a oportunidade de ataque.

> Rapidamente. (...) logo depois João Barbosa uniu com o rapaz e conseguiu tomar a espingarda, e começaram a lutar, tendo o rapaz procurado se defender jogando capoeira, quando então João Barbosa, de posse da espingarda, desferido uma pancada na cabeça do rapaz, ferindo-o, pancada esta que atingiu o rapaz na fronte; que em consequência da pancada o rapaz saiu cambaleando, tendo João se aproveitado e entrando novamente em luta com o rapaz, dando no mesmo um 'balão', largando o mesmo no chão, retirando-se logo depois do local" (Buiu).

A Nagé, pelo contrario, não será oportunizado um instante de sorte que permi-

tisse transformar a Pica-pau,[58] que negara fogo, numa espada de pau (um cacete) com a qual escaldaria um por um os inimigos.

No depoimento de Buiu à polícia, frisei a expressão inicial – logo depois – como fio sequencial do episódio que antecedeu ao ato de João Barbosa tomar a espingarda. Foi este quem relatou (no interrogatório policial)(...)

> (...)que os 'meninos' espancaram a vítima, com as mãos, e que a vítima quando se dirigiu para ele interrogado, já estava toda ensanguentada. E sobre a reação da vítima declarou que ela apenas defendeu-se dos 'meninos' jogando capoeira. Nada mais.

Nada mais. Nada além. Nada além de uma ilusão seria Nagé encontrar outra arma que não a capoeira, para enfrentar aquela espiral sangrenta em que estava metido até a medula. Cambaleando, atordoado pelas coronhadas, esvaindo-se em sangue pelas furadas de peixeira e faca, sangrando pela alma ofendida, caído no chão, só na capoeira aquele guerreiro do absurdo encontrou forças para resistir. Com elas consegue transformar o conflito numa luta corporal. Passar da defesa ao ataque. Deixar a exclusiva condição de vítima para também agredir consoante sua imensa grandeza de valente. Levar o conflito ao clímax de vida ou morte. Lascar o aço com a boca, se preciso for, se houver nada a ganhar e tudo a perder.

> Felizes os valentes, os que aceitam com ânimo semelhante a derrota ou as palmas. (Jorge Luis Borges, poeta argentino).

Os lances dos conflitos se sucedem, elevados a graus de crueldade, cada vez maiores, em cima da linha do fatal.

> Ágil, todavia, Nagé recuperou-se e, dando golpes de capoeira, enfrentou João Barbosa, Sergipe e Titico. Contra os quatro resistiu por algum tempo, até quando Buiu sacando de uma peixeira59 deu-lhe um golpe na cara e outro, mais profundo no abdômen. Alem das facadas, Nagé ainda recebeu segunda coronhada desferida por João Barbosa. (Jornal da Bahia, 26 de setembro de 1958).

---

58 - Tipo da espingarda de Nagé.
59 - De acordo com a perícia técnica ficou comprovado que a arma usada por Buiu foi uma faca.

O depoimento de Buiu foi mais detalhista:

> Quando João Barbosa fugiu, ele interrogado procurou também se afastar do local, o que fez, porém para surpresa sua, foi agredido pelo rapaz que jogando capoeira lhe desferiu vários ponta-pés, e como nada tivesse com o caso, procurou acalmar o rapaz, porém este não lhe atendia e lhe aplicava novos golpes de capoeira, tendo então ele interrogado sacado de uma faca de mesa que trazia no bolso traseiro da calça e desferiu no mesmo, na altura do rosto, um golpe, porém o rapaz ainda assim investia contra ele interrogado jogando capoeira, tendo o interrogado aplicado novo golpe com sua faca, desta vez no abdômen, tendo o rapaz parado a capoeira e colocado as mãos em cima do local atingido, quando então ele interrogado fugiu do local.

Resistiu até onde pode. Tornou-se vulnerável quando o corpo se abriu furado pelo aço de um cotôco de faca de mesa, vagabunda, enferrujada, quebrada na extremidade, sinistra na capacidade de provocar carnificina, quanto aos seus efeitos malignos e assassinos. Faca de ponta!

Fugiram! Fugiram sim. Fugiram. Fugiram todos! Talvez seja razoável enxergar na debandada dos agressores a intenção de livrarem o flagrante da prisão. De se afastarem do teatro do crime. Bons estudiosos com capacidade de restaurarem verdades criminais na história encontrarão outras relatividades. Perceberão por exemplo orientações do advogado de defesa nos depoimentos dos réus. (Naquele tempo bandidos vagabundos já podiam dispor de advogados). Em defesa de Buiu, acusado como o assassino de Nagé, o advogado de defesa faz a seguinte alegação:

> Em primeiro lugar como bem reconhece o Ministério Público. O fez para defender-se da capoeira – arma temível – do Professor Nagé. E Vossa Excelência bem sabe que a doutrina e a jurisprudência consideram, sem discussão, que a arte de um pugilista é arte tremenda, muitas vezes mais perigosa que uma arma mecânica.

Não percebo, nem quero encontrar outras explicações para a fuga. O meu texto é vulgarmente opinativo. Correram! Fugiram assombrados com a valentia de Nagé. Enfrentando-os lutando capoeira. Lutando capoeira.

Socorro! Socorro! Socorro!

Eram os gritos de aquindereis de dona Maria Joana Santa Rita, batendo de porta em porta até chegar a casa do tenente Joel, subdelegado da polícia em Góes Calmon, solicitando providências para salvar Nagé. Ela também morava na casa de Demétrio, em cuja porta Nagé, após a brutalidade que sofrera, já aos pedaços

> (todo cortado no rosto, nos peitos, na barriga, no pulmão
> e a cabeça toda arrebentada e ensopada de sangue,

conforme depoimento de Maria Joana de Santa Rita perante o júri), procurou se abrigar. Os dois escutaram as últimas palavras do capoeirista e delas se fizeram portadores perante às autoridades:

> Que fora agredido por 5 homens, os quais lhe deram aqueles cortes acrescentando que fora gente de fora, isto é de Água Comprida e que conhecia um, que era o peixeiro de nome Vital.

Vital era Buiu. E nada mais disse.

Certamente teria mais assunto para esta história se tivesse certeza de ser dona Joana, a Santa Rita, amante dos homens impossíveis, dos casos perdidos, como Nagé. Para salvá-lo era capaz de transformar-se numa fervorosa pecadora, capaz de fazer com que acabasse em prazer as brigas e *folguedos amorosos*, a troco de dengos e insultos. Só ela! Só mesmo ela!

Bem, depois de algum tempo, já moribundo, Nagé foi colocado no vagão de um trem que se dirigia a capital, a fim de ser socorrido. Não deu tempo e morreu a caminho, esgotando-se em sangue, enquanto o trem avançava na linha de ferro. Aço. O corpo ficou expostamente abandonado. Só depois de algum tempo foi retirado do vagão e levado no rabecão ao Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, onde foi autopsiado, e, em seguida, sepultado às quatro horas da tarde. Noutro trem Buiu, segundo depoimento de algumas testemunhas, ostentava publicamente a arma do crime, vangloriando-se do ato praticado. Praticamente entregava-se. Era excesso demais para sua alma suportar o segredo de ter matado Nagé.

Várias pessoas acorreram ao enterro do popular capoeirista, pois Nagé trabalhava em Água de Meninos, carregando saveiros e lá possuía grande circulo de amizades. Cessou o embravecido.

Milonga de Calhandra*

(...)
Não era um cientifico desses
Que usam arma engatilhada;
Era seu gosto jogar-se
Na contradança de adaga.

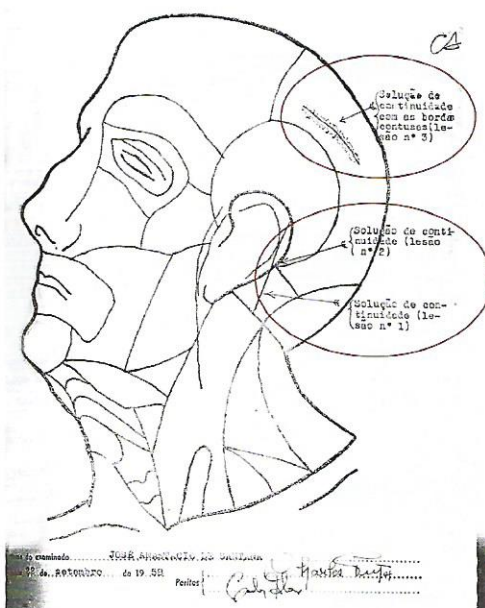
Fixada a vista nos olhos,
Era capaz de aparar
O golpe mais arteiro.
Feliz quem o viu pelear!

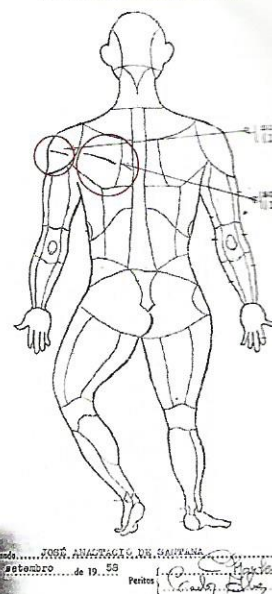
Não tão felizes aqueles
Cuja lembrança final
Foi a brusca arremetida
E o penetrar do metal."

Sempre a selva e o duelo,
Peito a peito e cara a cara.
Viveu matando e fugindo.
Viveu como se senhora.
(...).

*Elogio das sombras; poemas. Perfis; um ensaio autobiográfico. Porto Alegre, Globo, 1971 Jorge Luis Borges (tradução de Alfredo Jacques). Pode não ser um perfil de Nagé, mas simplesmente dele se aproxima, nem que seja de longe.

INSTITUTO MÉDICO-LEGAL
NINA RODRIGUES
Esquema das Regiões da Cabeça (lado esquerdo)

Solução de continuidade com as bordas contusas (lesão nº 3)
Solução de continuidade (lesão nº 2)
Solução de continuidade (lesão nº 1)

ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
INSTITUTO MÉDICO-LEGAL
NINA RODRIGUES
Esquema das Regiões Posteriores do Corpo

setembro de 19 58
Peritos

129 e 130 - **Laudo do exame cadavérico**
O corpo de mestre Nagé chegou no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues no dia 22 de setembro de 1958. Vestia camiseta de algodão azul clara ensopada de sangue, calça de algodão branca e descalço. Nas costas, perfurações a faca com 15 cm. Na cabeça, mais perfurações e rachaduras pelas coronhadas que recebeu dos assassinos

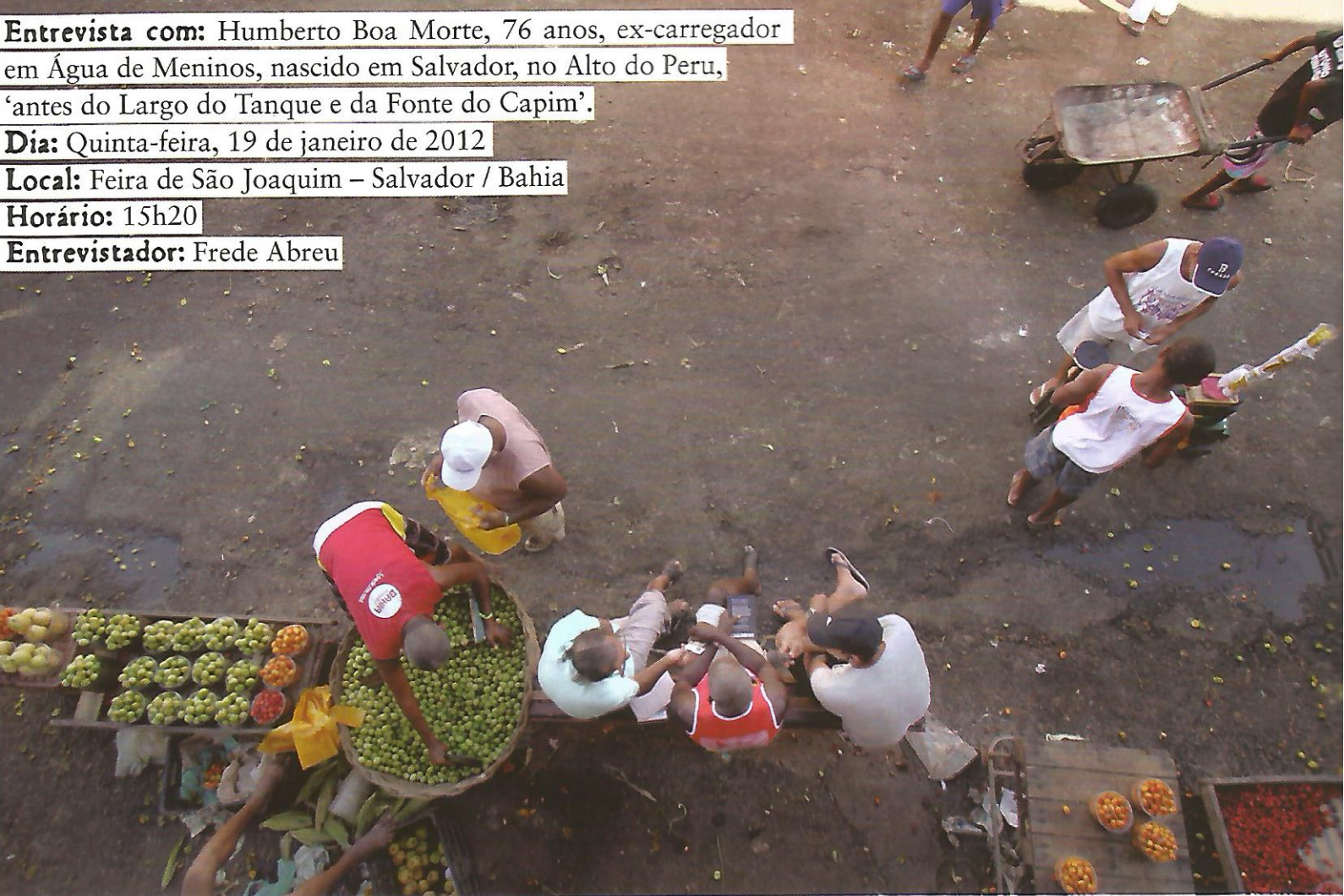
POLÍCIA ÀS VOLTAS COM NOVO MISTÉRIO
Ferido em Miguel Calmon faleceu á caminho desta Capital

Najé lutou até morrer: golpes de capoeira contra coronhadas e facas
Por Causa de um Pandeiro e um Birimbau Nasceu uma luta Desproporcional
Leia reportagem na 6.ª página deste caderno.

NAGÉ MASSACRAD[O] POR SEUS INIMIGO[S]
Era famoso capoeirista em todo o Reconcavo

xibindo a arma criminosa, vangloriava-se do delito
reso o autor do crime de Gois Calmon — Ouvidas varias pessoas envolvidas nos acontecimentos

131 a 134 - **Morto, Nagé ganha as manchetes**
Jornais de Salvador deram grande destaque ao 'massacre' e à prisão dos assassinos do 'famoso capoeirista'

Entrevista com: Humberto Boa Morte, 76 anos, ex-carregador em Água de Meninos, nascido em Salvador, no Alto do Peru, 'antes do Largo do Tanque e da Fonte do Capim'.
Dia: Quinta-feira, 19 de janeiro de 2012
Local: Feira de São Joaquim – Salvador / Bahia
Horário: 15h20
Entrevistador: Frede Abreu

Na Feira com 'Boa Morte'

135 e 136 - **Entrevistando "Boa Morte"** Frede Abreu acompanhado pelo mestre Sabiá na Feira de São Joaquim, em Salvador. Coleta de informações com o carregador aposentado Humberto Boa Morte

'CHEGARAM ATRASADOS!'. Sem aliviar, todos tomaram juntos um corretivo de Humberto Boa Morte, que já aguardava na feira. O pesquisador e escritor Frede Abreu prontamento se justificou, apontando para Dadá Jaques (Editora Barabô) e para o mestre Sabiá, que não tiveram outra alternativa a não ser assumirem a culpa. Após os cumprimentos, passou uma vendedora de bicho (jogo de azar) e Seu Humberto, segurando na mão da mulher, deu as primeiras declarações. Tudo gravado:

Humberto Boa Morte – 'Mininu', vocês não sabem como ela mexe com meu coração. Eu tenho que falar, é um desabafo... Ela não sabe como ela mexe com meu coração, meus requisitos! Essa mulher...
Frede Abreu – Meus requisitos?!!! (risos)... mexe com seus requisitos, é? (risos)

HBM – Eu confesso, eu confesso!!!
FA – É mesmo, é? (risos)

HBM – Eu confesso! Óhhhhhh... Eu fico retado! É uma mulher prendada, vivida, educada... Pode falar minha filha... não é verdade?
FA – (risos)... tá gravando também, né?

HBM – Eu não tô representando não, eu tô falando o que tá dentro de mim... vêm cá minha filha... (a mulher foi embora sorrindo)

FA – Boa tarde Seu Humberto.
HBM – Boa tarde, cidadão.

FA– Bom... vamos aqui, atrás de alguns requisitos... (risos) Como é seu nome?
HBM – Meu nome é Humberto Boa Morte.
FA – Peraí... gravou aí? Tá gravando?... Olha lá, hein!!!! Aqui não acendeu a luizinha vermelha não, Dadá? Pra 'dizê' que tá gravando, rapá?!!! (em tom de ameaça)

"Nagé não gostava de carregar frutas. Era 'craque' no carregamento de tijolos em cima de tábuas e de paralelepípedos"

7 e 138 - **Humberto Boa Morte**
Hoje aposentado e frequentador de São Joaquim, Seu Humberto lembra das peripécias de Nagé em Água de Meninos, quando a navalha era usada pelos capoeiristas valentões

Trechos transcritos da entrevista de Humberto Boa Morte

"Fui apelidado por Saci, porque sapateava muito. Aprendi a sambar com as 'negas véias' do samba de roda e eu gostava muito de Jackson do Pandeiro".

"Hoje estou aposentado como arrumador. Trabalhei na Feira de São Joaquim, antes na de Água de Meninos e, quando pivete, trabalhei na Feira do Sete, localizada próxima do porto de Salvador".

"O Sete era feira famosa, barulhenta e tumultuada. Ali se fazia umas capoeirazinhas nas carreiras. Com vigia, por que na época a capoeira era proibida. Era tida como coisa de moleque. Frequentavam Totonho de Maré, os irmãos Bel e Del, Dois de Ouro, Manoel Rosendo, Osvaldo Mentira Fresca".

"King (do boxe), o King Kong, também frequentava. Ele morava na Cidade Nova, antes chamada de Cidade de Palha, porque tinha uma parte de taipa e outra de palha mesmo".

"Com o escorrer do tempo a Feira do Sete foi ficando mais feirinha, e a de Água de Meninos crescendo. Foi aí que eu conheci Nagé, trabalhando como carregador e arrumador de armazéns, assim como ele. Principalmente transportando material pesado de construção: tábua, tijolos, cal, areia e outros materiais embarcados e desembarcados dos saveiros que aportavam na enseada de Água de Meninos".

"O pessoal enquanto carregava a cal ficava todo branco. O caminho do trabalho que eles faziam desde a retirada dos sacos dos saveiros até onde arrumavam as pilhas para ser levados para os armazéns, parecia um caracol andando. Uma beleza"

"Nagé não gostava de carregar frutas. Era 'craque' no carregamento de tijolos, paralelepípedos e tábuas na cabeça. O calçamento da cidade, na época, era todo na base do paralelepípedo que vinha de saveiro. Não tinha ferry. Só tinha trem e saveiro.

8a - **Equilíbrio e força**
Nagé carregava na cabeça tijolos, paralelepípedos e tábuas que chegavam em Água de Meninos vindas do Recôncavo e da Ilha de Itaparica

"O trabalho do carregador era pesado, duro. Não era para qualquer um, era para homem forte, pessoal com resistência"

Mas o trem não carregava material de construção".

"O trabalho começava às oito horas da manhã e levava o dia todo. Não tinha folga. Esvaziava um saveiro, chegava outro. Uma carga atrás da outra. Era correria".

"Tinha sujeito que carregava na cabeça 60 tijolos em cima de uma tábua. Alguns tinham tanta qualidade no trabalho que levavam a tábua solta na cabeça, sem segurar com a mão. Só na hora de arriar é que precisava de outro para ajudar".

"O trabalho do carregador era pesado, duro. Não era para qualquer um, era para homem forte, pessoal com resistência. A maioria dos trabalhadores era negros. O couro comia. Não tinha conversa fiada. Trabalhava-se com satisfação".

"A feira funcionava dia e noite, mas o movimento de ir e vir dos carregadores de material de construção não era atrapalhado. A gente se movimentava por duas vias bem definidas, que não se cruzavam. Por uma transitava gente que levava as cargas para os saveiros e pela outra os que iam buscar. Mesmo assim era preciso cuidado, pedir licença, assoviar, pois havia muita lama no caminho. Era preciso cuidado para não escorregar".

"Com os carregadores de frutas era difierente. Eles passavam por dentro da feira, nas horas de muito movimento. Aí, os carregadores tinham que ir com muito cuidado, para não levar as pessoas na frente. Avisavam que iam passar:

> Olha a frente!
> Opa! Opa! Opa! Oh,oh,oh!
> Vamos embora! Gato com fome come sabão.

O pessoal respeitava e abria caminho e ficava atento para não ser 'atingido'".

"Carregador era metido, invocado e respeitado por causa do trabalho. Reconhe-

"Nagé era maçudo! Pitbull, o pescoço oh! Grosso! Olha o braço do homem. Não podia ser comparado com o físico de um homem comum."

cia-se que era um trabalho muito pesado e por isso se facilitava a passagem. Se alguém triscasse a mão em um deles, os outros tomavam as dores do ofendido. Eram solidários. Se mexia com um, vinha todo mundo".

"Uma vez teve um atrito; uma treta porque o policial bateu num arrumador com carga na cabeça. Aí o pessoal caiu para dentro de maneira que até o chapéu da polícia tomamos. A Capitania dos Portos, responsável pela ordem no local, se meteu e aí o comandante da marinha mandou a polícia ficar 100 metros de distância. Não encostar na turma dos carregadores, no sentido de evitar a carnificina que ia acontecer. Foi bom Nagé não estar nessa hora. Nagé era um homem muito bruto, violento, forte".

"Uma vez ele pegou uma briga num baba que tinha na Coroa de Água de Meninos. Ele jogando bola era um arranca tôco. Em quem trombasse derrubava. Misericórdia! Inconformado com uma falta que marcaram contra ele, criou a maior confusão: pegou um jogador bem magrinho fez de chichote e com ele derrubou uns cinco".

"Quando tinha confusão na Coroa, o fuzileiro, vigia da Base Naval, dava um tiro para cima. Todo mundo corria e fugia mergulhando na maré, dentro d'água ou subia numa catraca e remava pra longe, onde a policia não conseguia pegar".

"A principal defesa pessoal da turma dos carregadores era a capoeira. A capoeira era uma coisa boa. Hoje estou cheio de artrose, não brinco mais e vejo hoje, que cada um quer ser melhor que o outro nas rodas. Fico só olhando. Capoeira é uma coisa para quem tem rapidez, ligeireza, qualidade. Tem que saber perder e ganhar".

"Quando se toma um murro e se for no impulso de quem bateu para na mesma volta descontar, apanha mais. Tem que ter técnica, levar na brincadeira, na esportiva, para esperar a opoutunidade da forra".

"Eu aprendi com Bimba, levei um tempo com Caiçara, fui aluno de Congo de Ouro no bairro do Uruguai e Manuel Rosendo, em Cosme de Farias. Tive como parceiro o finado Vandinho, filho de Rosendo".

"Traíra jogou capoeira na Feira de Água de Meninos. Era perigoso na angola... O cara saia de perto de você; pá, pá, pá e ia lá; quando voltava estava junto da gente. O jogo dele deixava a gente cansado".

"Os soldados do Exército, da Aeronáutica e da Marinha não se entendiam. Num bonde, quando tinha um bocado deles e da polícia, já se sabia: o bonde não chegava ao destino. Naquele tempo o soldado era recrutado a pulso. Pegavam o magarefe, o capoeirista, gente braba".

"Nagé era maçudo! Pitbull, o pescoço oh! Grosso! Olha o braço do homem. Não podia ser comparado com o físico de um homem comum. O corpo todo dividido. Tamanho razoável. Era fortão mesmo. Era homem que se alguém deixasse pegar pelo punho em cheio, grudava. Tinha que fazer força para largar".

"O boxe teve infuência no meio dos carregadores, mas nem tanto. Não tinha

muitos capoeiras lutando pugilismo, por que a capoeira é completa. É a melhor defesa pessoal".

"Se você é um *boxeur* e não tiver jogo de perna é mesmo que não ser. A principal técnica do boxe é jogo de perna. Se você é canhoto e pega um que seja direito, é um veneno para você se defender. Quem salva é o jogo de perna".

"Na feira os carregadores trabalhavam com calção de saco e na cabeça uma rudilha, às vezes feita de chapéu Panamá velho".

"Nos dias de domingo e segunda-feira, os carregadores se vestiam bem. Na segunda, todos de branco, por devoção a São Lázaro. Antes ou depois do trabalho se arrumava um jeito de ir na igreja desse santo, localizada no bairro de São Lázaro, na Federação".

"Foi necessário cinco para matar Nagé. A morte dele foi armação. Uma garrafa de cachaça que era para dois, três, Nagé tomou sozinho. Armaram para ele beber. Botaram a isca: um buliu, e os outros, sabendo que Nagé era desaforado, lá estavam preparados para atacar: madeira de um lado, madeira do outro. Não deu para ele se safar. Se ele tivesse algum meio ele se safava. O homem era ligeiro, mas já tava meio balançado. Ele bebia muito".

"A morte de Nagé foi muito comentada aqui na Feira. Bom camarada, foi um homem que você saía para qualquer lugar e ninguém lhe bulia. Aqui na feira ele não provocava alteração. Não era baderneiro, nem criador de caso nem de problema".

"Ele era do candomblé, do azeite. Ele tocava atabaque, batia palma, cantava, mas nunca vi ele incorporado. Os segredos dessa religião não é para todo mundo".

"Antes de eu ser arrumador, eu catraiava. Catraia era uma embarcação quadrada que os remos vinham no meio, manobrada por um homem só. Não existe mais na forma que era. Nem na Ribeira. Talvez aqui no cais da feira se encontre uns barquinhos, parecidos, mas catraia, não. Nagé também catraiava".

"Foi necessário cinco para matar Nagé. A morte dele foi armação. Uma garrafa de cachava que era para dois, três, Nagé tomou sózinho. Armaram para ele beber. Botaram a isca"

Volta o bate papo: Humberto Boa Morte – É... Os... Osvaldo! Aquele Osvaldo que falei agora, do Mentira Fresca.
Frede Abreu – Era, era o Mentira, Mentira Fresca?
HBM – Isso, isso!

FA – Mentira Fresca ou Mentira Preso?
HBM – Mentira Fresca!

FA – Mentira Fresca... Certo...
HBM – É... É aquele mesmo que eu te contei sobre o negócio do relógio... (gargalhada)
FA – Conta a história do tubarão...

138b - **Catraia**
A embarcação quadrada com os remos no meio, manobrada por um homem só, era usada para transporte de mercadorias dos veleiros até a praia. A catraia era muito usada na Feira de Água de Meninos e São Joaquim. Hoje praticamente sumiu

139 - **Mestiras fresquinhas**
Dos poucos ainda vivos a ter convivido e trabalhado com mestre Nagé, Boa Morte agora conta os causos e 'mentiras fresquinhas' daqueles tempos

HBM – Óhhhh... Relógio... Ele... Ele... Ele diz que... A mentira dele fresca, significou que por umas dessas 'nedota' dele, óhhhhh ele diz que foi uma pescaria, e quando meteu a linha, o peixe 'cumeu'. O peixe veio 'au, au, au'. O relógio ai 'pufe', foi parar na barriga do peixe. Um relógio desse de marca, que chamava Lanco. Aquele relógio antigo, de ooooooooouro e tal. Aí, com uns 15 dias ou 20 ele foi na pescaria de novo. Pegou um tubarão e o tubarão na época era peixe grande, 10 kilos em diante. Vendia já limpo, sem as vísceras... 'Num' sabe?... Quando ele pescou o tubarão, que abriu o peixe pra tirar as visceras, óhhhh o relógio!

FA – (risos)
HBM – Mas 'rapais'... Vejá só... E diz que ainda tava funcionando.

FA – (risos)
HBM – Aí se tornou Mentira Fresca.

FA – Mentira Fresca, né... (risos)
HBM – (Gargalhada)

FA – Legal (risos)
HBM – Olhe, olhe! Mentira Fresca, que negócio sério (risos) e aí 'botô o nome dele gravado de Mentira Fresca.

Créditos das imagens

Acervo da família de Alexandre Robatto – 1 *(capa)*, 8, 9, 10, 116, 123, 124, 125, 142 *(contra-capa)*.

Acervo da família de Frede Abreu – 16, 17, 21, 22, 23, 26, 32, 33, 34, 38, 39, 40, 42, 50, 59, 60, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 81, 82, 84, 85, 88, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 108, 109, 110, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 129, 130 e 138b.

Editora Barabô/Dadá Jaques – 2, 4 *(arte em foto de Alexandre Robatto e em foto de Dadá Jaques, o chapéu de Nagé)*, 5, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 27, 28, 29, 30, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 51a, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 66, 80, 83, 86, 87, 89, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 115, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 138a, 139, 139a 140 e 141.

Reprodução revista O Cruzeiro – 25, 95, 96, 101, 103 e 104.

Acervo de Jair Moura – 24 e 75.

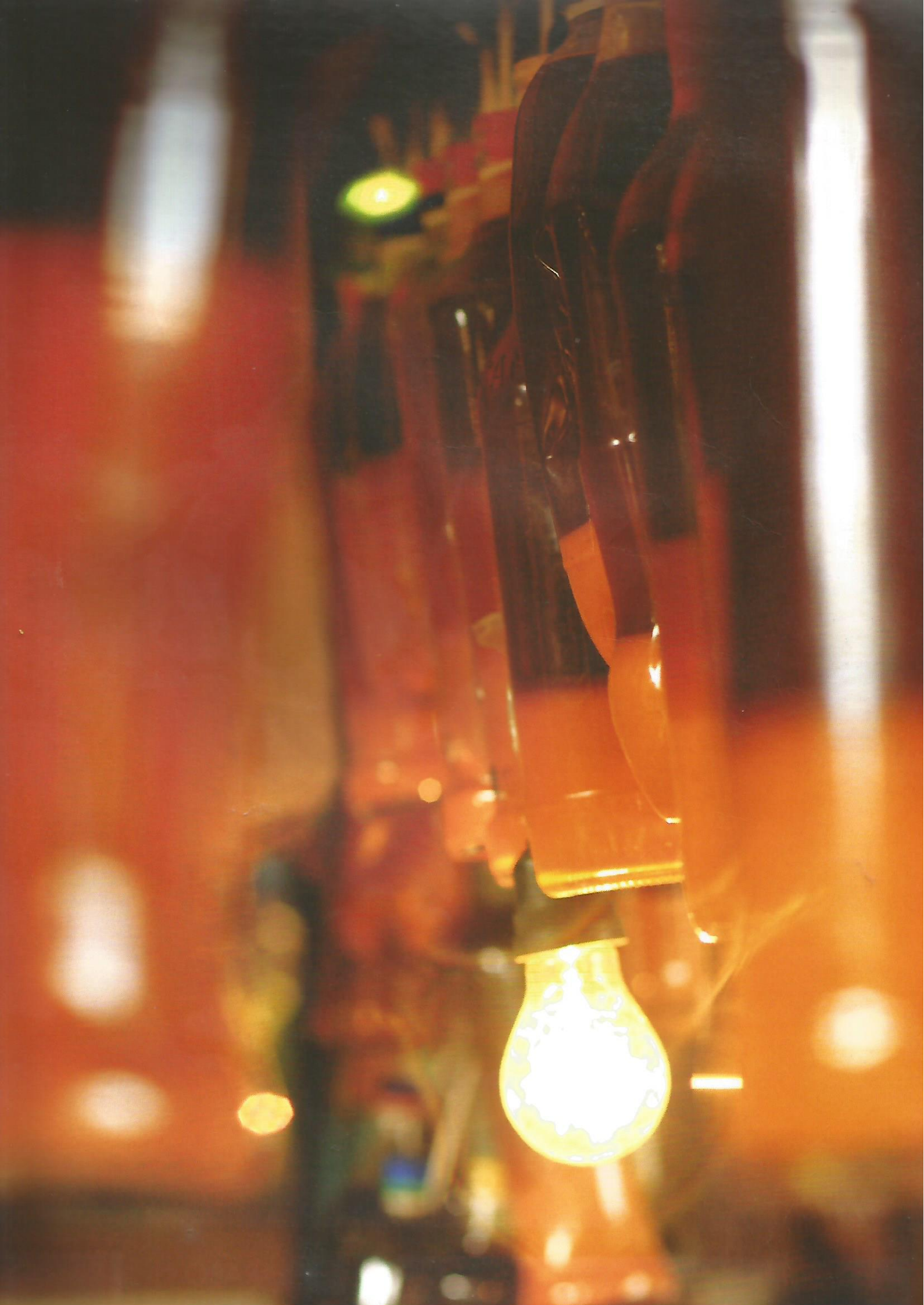
Rezende – 3 *(ilustração de Exu)*.

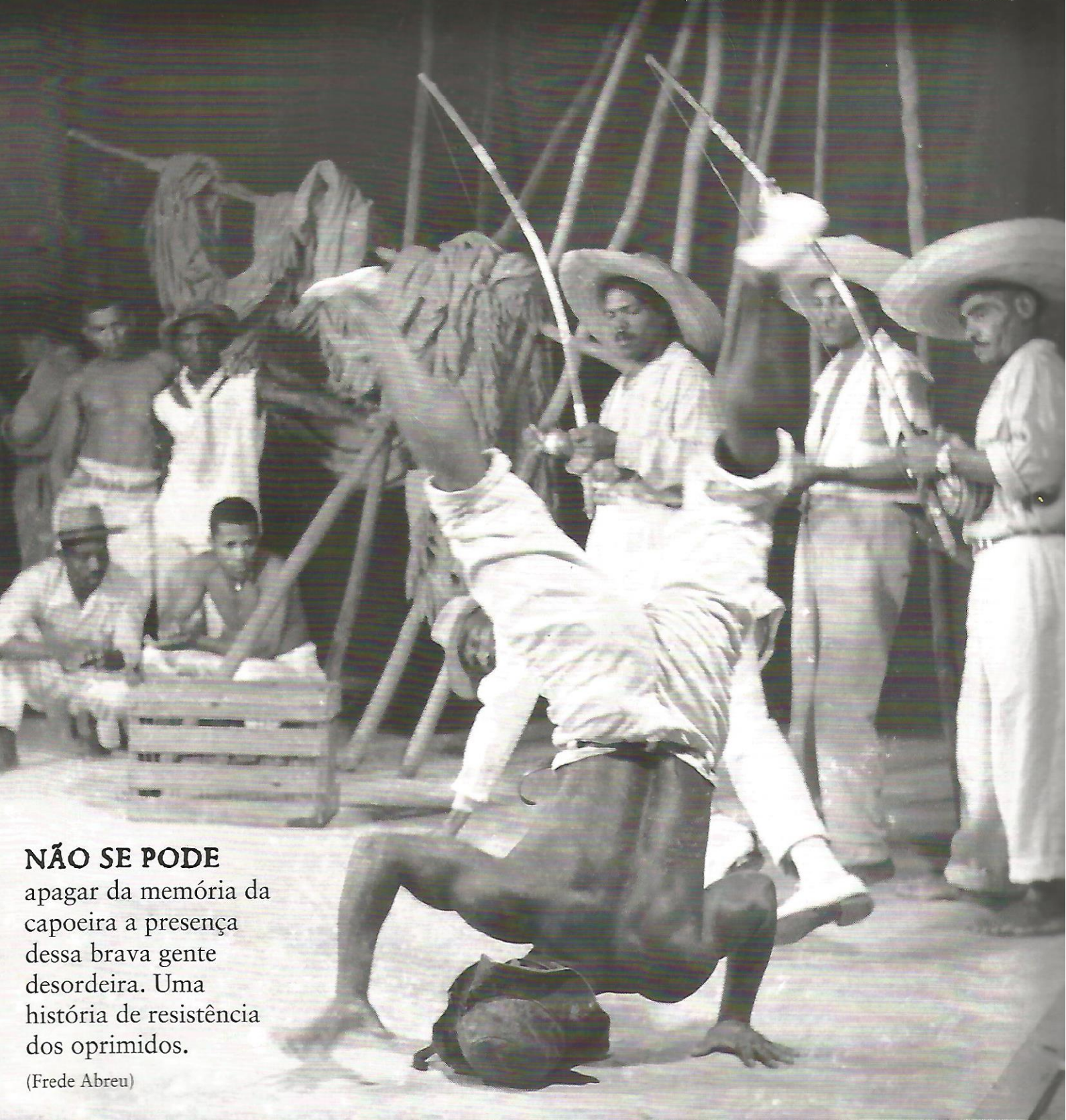
Mario Cravo Neto – 6 *(anel do mestre Traíra)*.

Anízio Carvalho – 90.

Flávio Damm – 110.

O autor

Frederico José de Abreu (1947-2013) – baiano, pesquisador não-acadêmico sobre a capoeira, seus textos destacam-se pela lucidez analítica. Os principais mestres de capoeira da Bahia, como Bimba, Pastinha, João Pequeno, Canjiquinha, Waldemar, Caiçara, Cobrinha Verde, Nagé, entre outros, devem a ele suas memórias. Autor de algumas das principais publicações sobre capoeira no país, considerado por muitos o maior estudioso do tema, fundou o Instituto Jair Moura, acervo com mais de 40 mil títulos, entre livros, recortes de jornais, revistas, CDs, fotos e vídeos sobre capoeira e a cultura afrobrasileira. A partir destes documentos, além de Nagé, Frede escreveu obras como Improvisos de Pastinha, O Batuque: A luta Braba, Capoeiras: Bahia Século XIX, Bimba é Bamba: Capoeira no Ringue, Mestre Canjiquinha, o Barracão do Mestre Waldemar, Macaco Beleza e o Massacre do Tabuão. Não por acaso, nas últimas décadas, Frede se tornou referência internacional e foi consultor do inventário que tombou a capoeira como patrimônio cultural do Brasil, em 2008. Torcedor ferrenho do Bahia, Frede foi revisor público, trabalhou no projeto Axé e ajudou na preservação de grupos como o do mestre João Pequeno, da Fundação Mestre Bimba, do Projeto Mandinga e tantos outros. Trabalhou também na biblioteca do Instituto Mauá, no Pelourinho. (Trecho retirado do obituário publicado no jornal CORREIO, 12 de julho de 2013, assinado pelo jornalista Alexandre Lyrio, quando da morte de Frede)

ERA UM GRANDE. Era famoso como nenhum outro na arte dessa luta ou dança da capoeira. Nagé foi um dos negros mais valentes da Bahia. Era famoso em todas as terras do Recôncavo e em todas as praças e ruas da Bahia, em todas as ladeiras e em todos os caminhos da velha cidade de Todos os Santos. Durante muitos anos ele foi temido e respeitado pelos melhores capoeiristas. (...)Nenhum Campeão, nenhum líder teve tantos admiradores. Foi por isso que tanta gente, milhares de populares acorreram ao enterro do grande capoeirista.(...) Nagé foi um um herói popular.(...)

(Wilson Rocha - Notícias da Bahia - 1958)

NÃO SE PODE apagar da memória da capoeira a presença dessa brava gente desordeira. Uma história de resistência dos oprimidos.

(Frede Abreu)

Apoio financeiro:

SECRETARIA DA FAZENDA